

**NILEIDE SOUZA DOURADO**

**ENTRE CAMINHOS E MEMÓRIAS:  
narrativas e cotidiano de itinerantes  
rumo a Poxoréo-MT  
(primeira metade do século XX)**

**Cuiabá-MT  
2003**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ENTRE CAMINHOS E MEMÓRIAS:**  
**narrativas e cotidiano de itinerantes**  
**rumo a Poxoréo-MT**  
**(primeira metade do século XX)**

**Nileide Souza Dourado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Mário Cezar Silva Leite.

**Cuiabá-MT**  
**2003**

Banca Examinadora:

Prof. Doutor, Mário Cezar Silva Leite  
Presidente

Prof. Doutor, Antonio Torres Montenegro  
Membro

Prof.<sup>a</sup> Doutora, Regina B. Guimarães Neto  
Membro

Prof. Doutor, João Carlos Barrozo  
Membro(suplente)

Cuiabá - MT  
2003

## Agradecimentos

No percurso deste estudo, várias pessoas contribuíram decisivamente com apoio intelectual e/ou afetivo, em cada esboço de passos dessa trajetória, que representa o início de um processo de reflexão sobre a história que me propus a contar. O envolvimento de todas, individual ou coletivamente, estimulou-me à procura de novas trilhas, olhares incansáveis, à busca constante de novas fontes e de questionamentos permanentes, e isso foi decisivo nos momentos de transpor obstáculos e barreiras comuns ao processo de produção científica.

Nominar sem risco de esquecimento todas as contribuições recebidas nesse período e durante toda a vida acadêmica seria impossível. A todos que contribuíram nesta caminhada, o meu reconhecimento. Contudo, alguns agradecimentos devem particularmente ser feitos.

Ao professor Mário Cezar Silva Leite, meu orientador, agradeço pelas inegáveis contribuições, críticas pontuais, discussões profundas, respeito, compreensão e amizade, características de sua orientação.

Aos professores Antonio Torres Montenegro e Regina Beatriz Guimarães Neto sou muito grata pelas discussões, críticas e sugestões, na etapa de qualificação, que foram valiosas para o direcionamento da pesquisa, sendo que certamente não consegui dar unidade a todas elas satisfatoriamente. Dedico à Professora Regina Beatriz um especial reconhecimento pelo estímulo e apoio, e pela leitura do projeto de pesquisa, para o ingresso no Curso de Mestrado, do qual resultou a dissertação que ora apresento.

A Acildo Silva, amigo de todas as horas, a quem devo muito, sou especialmente grata por estar sempre disponível para ajudar em todos os momentos com leituras, diálogos, críticas e sugestões indispensáveis para a realização das análises constantes no decorrer do trabalho.

Aos professores Dharani Sundaram, João Carlos Barroso, Lylia Galetti e Elizabeth Madureira, minha gratidão pela amizade, incentivos, indicações de leituras, sem dúvida contribuições valorosas.

Aos meus pais e irmãos, agradeço pela força imensurável, estímulo e suporte afetivo para a realização deste estudo. Minha mãe, Clemência (D. Nena), também participou, na condição de migrante, de forma atuante na pesquisa, narrando

sua história de vida, e as de companheiros de viagem, parentes e amigos. A contribuição da minha irmã Nali, como testemunha dessa história, também merece reconhecimento especial.

À minha irmã Neusa agradeço de forma especial pela contribuição decisiva no processo de construção desta pesquisa, especialmente na elaboração do projeto, nas discussões e leituras dos textos produzidos, nos vários deslocamentos até a cidade de Poxoréo, para a coleta de dados e, ainda, na estruturação final deste trabalho.

Aos narradores que se colocaram à disposição desse estudo, para relatar suas histórias e memórias, de forma espontânea, sincera e hospitaleira, acreditando estar contribuindo para a escrita da história, meus agradecimentos, dívida que essa pesquisa está longe de saldar. Estes agradecimentos estende-se ao escritor Jurandir da Cruz Xavier que, além de narrador, foi apoio inestimável no diálogo sobre a história de Poxoréo, na localização e agendamento de pessoas que viveram ou ouviram contar as histórias das trajetórias. Pedro Gomes da Rosa, Presidente da Associação dos Garimpeiros do Estado de Mato Grosso, com sede em Poxoréo, deu uma contribuição decisiva nessa pesquisa como narrador de suas memórias e de outras histórias.

A Marcello Dourado Neves, sobrinho e amigo, sempre disponível para ajudar, agradeço pela contribuição no suporte técnico, que foi de grande valia, e também pela colaboração final com o *abstract*.

Aos amigos, que não negaram suas contribuições, participando das mais diversas formas: ao Castelinho e à Nilda, companheiros das inúmeras viagens rumo a Poxoréo, revezando na condução do veículo, nas paragens, apoio logístico e no manuseio dos instrumentos de pesquisa, sou muito grata pelo carinho e amizade. Ao amigo Biela e seus familiares, pela acolhida, dedicação e apoio durante a estadia em Poxoréo.

Aos amigos do NDIHR/UFMT, funcionários e atendentes do APEMAT, colegas do Mestrado em História, à Coordenação e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História do ICHS/UFMT sou grata pelo apoio, incentivos e estímulos, sempre imprescindíveis ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos e confidentes para todas as horas e assuntos da vida: Patrícia Dourado, Adriana Ligabo, Valéria Cerisara, Evanil, Eliane Praieiro, Bismarck Diniz, Sérgio Mota, Adenia Guimarães, João Bosco Cajueiro, Elizabete Furtado, Paulino

Simões, Luzia Guimarães, Edgar Oliveira, Marcos Prado, José Antonio Bentes, Débora, José Serafim, Nilson Gonçalo, Lélis, Márcia Bretas, Laura, Fátima Leão, Thiago, Adriana Venturoso, Clorice Pohl Castilho e Aquiles Lazzarotto, agradeço pelas longas horas de discussões, críticas, sugestões, alegrias, descontrações, convivências fraternas, apoio e cumplicidade.

Dedico este estudo a uma pessoa fisicamente distante, por motivos alheios à sua vontade e à nossa vontade: meu pai, Elizio Avelino de Souza.

## Resumo

Este trabalho de pesquisa insere-se na história dos movimentos populacionais brasileiros, especialmente na história dos deslocamentos e das trajetórias ocorridas na primeira metade do século XX, rumo a Mato Grosso, tendo, neste caso, Poxoréo como ponto de atração.

O estudo procura traduzir, através da memória dos itinerantes – homens e mulheres – sobre suas histórias de vida, a viagem nas suas múltiplas dimensões, significações e experiências, produzidas através dos permanentes desafios, das diversas paradas, dos seus enormes desvios, dos descaminhos e caminhos, e de outras lembranças.

A pesquisa, norteou-se, sobretudo, pela memória, documentação originada na perspectiva da história oral temática, e define como fio condutor das investigações os contatos com moradores de Poxoréo, no sentido de conhecer pessoas que viveram a experiência social, e ainda aqueles que presenciaram ou ouviram as histórias daqueles que conseguiram chegar em Poxoréo. Buscou-se, também, apoio nos periódicos, documentos institucionais, além de episódios já conhecidos e narrados pela historiografia.

O trabalho aponta aspectos singulares de um mundo simbólico, onde as memórias de viagem dos itinerantes agem como provocamento de recuperação das experiências, visões de mundos, representações sobre os deslocamentos, estradas e sonhos por onde trilharam centenas de nordestinos, nortistas e pessoas oriundas de outras localidades rumo ao leste mato-grossense.

Nesta perspectiva, os resultados da pesquisa dão visibilidade, ou melhor, ensejam pensar novos enfoques para a história dos deslocamentos populacionais na primeira metade do século vinte, centrados nas versões de pessoas comuns, e apontam uma outra compreensão dos caminhos, das experiências, dos trechos fragmentários, do cotidiano, e dos elementos de socialização deles decorrentes. Eles possibilitam uma outra perspectiva para a escrita da história do período no país.

## Abstract

This research work inserts itself in the history of the Brazilian population movements, especially in the history of the displacements and of the paths happened in the first half of the century XX, heading for Mato Grosso and, tends Poxoréo about attraction point.

The study tries to translate through the memory of the colonists/itinerants, your life histories, the trip in your multiple dimensions, significances and experiences of lives, produced through the permanent challenges, in the several stops, of the enormous deviations, of the embezzlements, of the paths and of other memories.

The research, was orientated above all by the memory, originated documentation, especially, in the perspective of the thematic oral history and it defines as conductive thread of the investigations, the contacts with residents of Poxoréo, in the sense of knowing people that lived the social experience and, still those that witnessed or they heard the histories of those that reached in Poxoréo. Looked for, also, support in the newspapers, institutional documents, beyond, of episodes already known and narrated by the historiography.

The work points singular aspects of a symbolic world, the memoirs of trip of the itinerant as recovery challenge of the experiences, visions of worlds, representations on the displacements, highways and dreams through where they thrashed hundreds of Northeasterners wandered northern and of other places heading for the east mato-grossense, whose attraction was for the city of Poxoréo.

In this perspective, the results of the research give visibility or better, they try to think new focuses for the history of the population displacements, in the first half of the twentieth century, centered in the common people's versions and, it points another understanding of the roads, of the experiences, of fragmentary spaces, of the daily, elements of socialization of them current - they make possible another perspective for the writing of the history of the period in the country.

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> _____	1
<i>Memórias, fontes e histórias</i> _____	5
<b>Que proposta havia para homens e mulheres ?</b> _____	17
<i>Narrativas de itinerantes</i> _____	38
<b>O imaginário da partida e os caminhos da viagem</b> _____	38
<b>A partida e os espaços deixados</b> _____	43
<b>Pés na estrada: as múltiplas formas de viagem</b> _____	56
<i>Vida cotidiana: entre caminhos e paragens</i> _____	67
<b>O tempo das festas</b> _____	73
<b>As idas e vindas</b> _____	77
<b>Aparência e coisas banais pelos caminhos</b> _____	83
<b>A roça: entre trilhas e o lugar</b> _____	89
<i>Do sonho ao sonho: leituras transversais da chegada</i> _____	95
<b>As histórias e chegadas de itinerantes</b> _____	96
<b>A arte de lembrar a chegada</b> _____	98
<b>Os foguetórios da chegada: do Piçarrão do Zezé à Praça da Liberdade</b> ___	104
<b>Chegadas, desvios e experiências em Poxoréo</b> _____	113
<i>Considerações finais</i> _____	127
<i>Fontes e bibliografia</i> _____	130
<b>Jornais</b> _____	130
<b>Revistas e cadernos</b> _____	130
<b>Fontes orais</b> _____	131
<b>Referências bibliográficas</b> _____	132
<b>Bibliografia</b> _____	137

## Apresentação

Este estudo insere-se na história dos movimentos populacionais brasileiros, especialmente na história dos deslocamentos e das trajetórias ocorridas na primeira metade do século XX rumo a Mato Grosso em que Poxoréo é o ponto de atração. Trata-se de um estudo que procura traduzir, através da memória dos itinerantes/viajantes, as suas histórias de vida, os registros e representações da partida, o cotidiano, a cultura material de pessoas, famílias e de grupos estabelecidos nas diversas formas de trajetórias e de chegada.

A viagem, nas suas múltiplas dimensões e significações, é produzida também das experiências de vida de permanentes desafios, nas diversas paradas, dos enormes desvios, dos descaminhos, dos caminhos e de outras lembranças.

Um outro aspecto deste estudo foi o de produzir a partir da pesquisa de campo uma documentação originada da articulação entre memória e experiências narradas. Das entrevistas procurou conhecer, também, os elementos de socialização construídos na viagem, como a busca de trabalho, a fé, festas religiosas, o nascimento dos filhos, as lutas e as diversas formas de sobrevivência estabelecidas durante a trajetória e a chegada.

O interesse por este local foi despertado no ano de 1996, com a participação no estudo sobre a Organização e Arranjo do Acervo Documental produzido pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) – 12<sup>a</sup> Região, de Mato Grosso, compreendendo o período de 1969 a 1980. O Acervo encontra-se em custódia da Universidade Federal de Mato Grosso e sob a responsabilidade do Núcleo de Documentação Informação Histórica Regional (NDIHR/UFMT). A série documental é constituída de aproximadamente 4.030 processos, que correspondem à produção de 61 municípios de Mato Grosso. Acervo riquíssimo, relacionado a requerimentos de pesquisa e exploração de lavras no período anterior à divisão do Estado de Mato Grosso.

Dos resultados parciais obtidos, a equipe de pesquisa<sup>1</sup> vem confrontando as informações contidas nos processos/documentos com as informações obtidas na

---

<sup>1</sup> Os demais membros da equipe de pesquisa eram: Adriana Cristina G. L. Duarte – advogada, Prof. Dr. Dharani Sundaran – geólogo; Prof. Dr. Marcos Prado de Albuquerque – advogado; Nilda de F. Stefani Lisboa e Nilson Gonçalo dos Santos – curso de História – bolsistas PIBIC/CNPq/UFMT.

pesquisa de campo. Desta maneira, a equipe de pesquisa tem realizado vários deslocamentos com o intuito de efetivar visitas, registros e colher informações dos moradores sobre questões relacionadas ao projeto. Os instrumentos utilizados foram: questionários, entrevistas, fotografias e filmagens. Tal trabalho propiciou o desenvolvimento de estudos panorâmicos sobre as cidades de Alto Paraguai, Poconé e Poxoréo, selecionadas pela trajetória histórica com relevo na extração mineral.

Percebeu-se que boa parte da população dessas localidades ainda sobrevive da atividade de garimpagem, sendo que os trabalhos são realizados ainda pelos trabalhadores dos garimpos com os seus instrumentos de produção, pois alguns possuem ainda essa autonomia ou opção de desenvolver essas atividades por conta própria em terras do Estado, devolutas; outros procuram trabalhar, explorar como meeiros – situação em que dividem com os proprietários de terras a exploração e produção da garimpagem.

Observou-se também que nesses lugares há os trabalhadores que passam a sobreviver da extração mineral desenvolvida por empresas privadas, aquelas que vêm se estabelecendo nas regiões de garimpo implantando novas formas de relação de trabalho, como a do garimpeiro assalariado, tendo se observado também que grande parte destes trabalhos vem sendo realizada por sofisticados equipamentos que paulatinamente vêm substituindo os trabalhadores das regiões de garimpo em Mato Grosso, levando vários grupos a se deslocarem para as cidades ou para outras regiões.

Experiência ímpar, esse contato com a cidade de Poxoréo e seus moradores possibilitou-me o conhecimento de pessoas, suas histórias e suas lembranças. Gerações que migraram, ouviram contar ou presenciaram a movimentação e a chegada de pessoas, famílias e grupos em deslocamento que buscavam sonhos de uma vida melhor.

Estabeleceu-se ali uma relação que despertou em mim o interesse por analisar o processo de deslocamento e da movimentação populacional para Poxoréo a partir dos relatos e das histórias de vida dos grupos migrantes, relacionando-os com as diferentes imagens e representações construídas do processo migratório no Brasil, no período de 20 a 50.

Por outro lado, a pesquisa encontra-se relacionada também com a história de minha família, que a partir da década de 1940 deslocou-se, atravessando o sertão nordestino rumo a Poxoréo, em busca de terras para lavoura, de sonhos e realizações.

São lembranças e histórias que sempre estiveram muito presentes no meu cotidiano. Desde criança, nascida em Poxoréo, vivia ouvindo as histórias de meus pais. De suas falas, passei a conhecer a história da viagem, a saída de Irecê, na Bahia, as trajetórias percorridas, a solidariedade dos companheiros de viagem, além dos relatos sobre as dificuldades em suas vidas antes da viagem rumo a Mato Grosso.

O convívio familiar com primos, tias e tios, e com outras famílias que fizeram parte dessa mesma viagem, possibilitou o contato com palavras, impressões, sentimentos e relatos de vidas destas pessoas que compartilharam esta história. Isso me conduziu à compreensão de que essas pessoas vivenciaram histórias, experiências e acontecimentos que não se encontram nos registros e documentos oficiais.

E assim, optei por um trabalho que privilegiasse os relatos orais de memórias desses migrantes, de forma a construir uma nova perspectiva da história da região. Sobretudo porque ainda são raros os trabalhos que contemplam o olhar do caboclo/migrante. O mais comum é a construção de uma história da colonização escrita a partir da perspectiva dos documentos oficiais, os quais contemplam predominantemente a ótica do colonizador.

Este estudo está organizado em quatro capítulos, sendo que o primeiro – *Memórias, fontes e histórias* – dedica-se a estabelecer uma discussão sobre o uso das fontes orais, os elementos dele decorrentes, que permitem reconstruir as práticas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas, comportamentos; a leitura das fontes escritas; e, por último, discutir a relação entre memória e história, entendendo a memória como um instrumento de aprendizagem utilizado para movimentar os relatos recheados de acontecimentos, experiências e de histórias.

O segundo capítulo – *Narrativas de itinerantes: o imaginário da partida e os caminhos da viagem* – está voltado às experiências sociais de pessoas ou grupos que viveram e ou ouviram narrar a trajetória da viagem de migrantes de vários pontos do Brasil rumo a Mato Grosso, com atração por Poxoréo, experiências essas produzidas durante e nas condições políticas do regime oligárquico e ditatorial getulista e desenvolvimentista brasileiro na primeira metade do século XX. Privilegia-se, no campo das indagações, o imaginário da partida e a construção da viagem, as motivações e os seus significados, tratando-se de questões como: de onde vieram, as formas e tipos de trajetórias, e os diversos rumos.

No terceiro capítulo – *Vida cotidiana: entre caminhos e paragens* – procuro entender a dimensão desse cotidiano, que é observado como algo que é dado a cada dia, como aquilo que prende intimamente, pois se trata do peso da vida, da dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com toda uma faina diária ou com todo um desejo. Como memória o cotidiano é um mundo que representa a memória do olfato, dos lugares da infância, do corpo, dos gestos e dos prazeres. Na busca desse cotidiano na trajetória, não se perderá de vista, no estudo, como a vida material é feita de utensílios, de objetos e de gestos comuns de homens e mulheres. Nesses caminhos e paragens desses itinerantes, observo as múltiplas vivências e representações de tempo e espaços nas paragens e das penúrias vividas pelos caminhos e descaminhos na materialização da viagem.

No quarto capítulo – *Do sonho ao sonho: leituras transversais da chegada* – procuro analisar o sonho de chegada de homens e mulheres à terra desconhecida. Passo a conhecer as experiências dos primeiros tempos no novo lugar, bem como a materialização, a construção da chegada nesse outro lugar e em outro tempo e o encontro e a confraternização entre parentes, conterrâneos e amigos. Fazem parte da narrativa dessa chegada os olhares das mulheres itinerantes, as leituras dos sonhos e das expectativas que alimentam no novo lugar.

# Capítulo I

## Memórias, fontes e histórias

*Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é mais a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.*

(Ecléa Bosi)

A memória e as histórias dos grupos, famílias e pessoas que se deslocaram ou daqueles que ouviram contar sobre as histórias das trajetórias rumo a Poxoréo são construídas no cruzamento com as lembranças narradas numa perspectiva de construção historiográfica imbricada entre o texto oral/memória e o escrito/oficial. Portanto, foram selecionadas e privilegiadas as fontes que possibilitam a investigação da história dos discursos.

Neste estudo, as fontes orais estão sendo concebidas enquanto reveladoras de significados e dimensões muito distintos daqueles que concebem as entrevistas como fornecedoras de informações em si mesmas. Assim, este trabalho de construção histórica possibilita acompanhar a elaboração das próprias fontes e, nesse sentido, abre novas possibilidades de investigação, pois, além de criar condições para repensar a produção do conhecimento, explicita outros elementos subjacentes ao processo envolvendo a dimensão política, os valores em disputa, as relações entre o pesquisador e o depoente e o trabalho da memória na reconstrução das experiências.

Dessa forma, a documentação pesquisada foi constituída de fontes orais, relatos, narrativas e histórias de vidas dos migrantes de vários cantos do país para o Centro-Oeste; documentos do Arquivo Público de Mato Grosso (APMT) e do NDIHR/UFMT (periódicos da época com circulação e/ou produção nas diversas localidades de Mato Grosso – *O Araguaya, A Plebe, A Notícia, O Garimpeiro, A Cruz, O Matto Grosso e O Estado de Mato Grosso*, entre outros, relatórios de

intendentes, requerimentos de pessoas físicas e jurídicas, contratos e licitações); referências bibliográficas regionais e nacionais.

Do contato com moradores de Poxoréo, foi feito um levantamento no sentido de conhecer pessoas que viveram a experiência social ou ainda aqueles que presenciaram ou ouviram as histórias daqueles que conseguiram chegar em Poxoréo. Descobriu-se que boa parte da população guarda algum tipo de lembrança ou informação, conhecimentos vividos ou narrados sobre a trajetória desses viajantes.

Dada a dificuldade de se considerar todas as falas em um mesmo nível, optou-se pelas entrevistas com os narradores que vivenciaram a trajetória ou que ouviram as narrativas.

A memória e/ou a vivência da viagem cria no interior da comunidade mais ampla uma comunidade de destino<sup>2</sup>, que se junta e se compõe pelos testemunhos, memória e lembranças destes momentos vividos nas primeiras décadas do século passado.

Os contatos iniciais para fazer as entrevistas ou colher depoimentos foram realizados nas residências ou nos locais de trabalho. Quase todos os encontros ocorreram com a presença de familiares, ocasião em que o entrevistado se apresentava mais tranquilo, livre e disponível para trabalhar suas memórias e elaborar suas lembranças. Durante os relatos, muitos dos familiares, como netos, bisnetos e outros, mostraram não conhecer essas memórias e histórias de vida, desencadeando muitas perguntas e surpresas. Isso propiciou momentos de descontração e risos pelos fatos engraçados relatados e rememorados pelos narradores.

Nesses contatos, primou-se por obedecer às limitações impostas pela rotina de suas vidas, procurando-se sempre condições e circunstâncias favoráveis para o estabelecimento de relações amistosas e de confiabilidade entre os narradores e o entrevistador.

A pesquisa na cidade de Poxoréo ocorreu, numa primeira etapa, no período de julho de 2001 a janeiro de 2002, somando um total de quinze entrevistados, sendo

---

<sup>2</sup> Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy, comunidade de destino é o motivo central que identifica a reunião de pessoas com alguma característica afim. Reaem sobre temas ligados às grandes maiorias, define-se a *colônia* pelos padrões gerais de sua comunidade destino, isto é, dados os traços preponderantes que ligam a trajetória de pessoas (MEIHY, 1996, p. 53).

seis mulheres e nove homens, que centraram suas lembranças e narrativas, alguns nas trajetórias vivenciadas ou presenciadas, outros nas histórias ouvidas. Esse processo de produção do documento oral exigiu, além dos procedimentos metodológicos, os de abordagens e técnicas que são as entrevistas e suas respectivas transcrições. Em relação a esse ponto, neste trabalho optou-se por manter narrativa, sintaxe e organização textual dos narradores e relatos, apenas adequando-os às normas-padrão da Língua Portuguesa. Segundo Mário Cezar Silva Leite,

*As palavras impressas no papel são insuficientes para grafar a extensão, a volúpia, os gestos, as exclamações, os silêncios, os brancos da memória e as vidas que se sonorizam no instante da entrevista durante a pesquisa de campo. A escolha por esse tipo de transcrição tenta fazer ressoar, ainda que minimamente, a profusão e ebulição dessas vozes, e isso se explica unicamente no sentido de garantir o entendimento dos leitores.<sup>3</sup>*

Os aspectos mais presentes nos relatos orais contemplam a formação das diversas formas de viagens e das suas trajetórias, o cotidiano, os desvios, os descaminhos, os festejos da chegada no povoado de Poxoréu, a recepção dos familiares e conterrâneos, além de versões inéditas sobre episódios já conhecidos e narrados pela historiografia; experiências que haviam se perdido no rastro da viagem, mas que ainda permaneciam bem nítidas e guardadas na memória.

A seleção dessas experiências de vida – reveladas nos vários caminhos percorridos por homens e mulheres que se deslocaram em caravanas, grupos menores, individualmente, a pé, no lombo de burro, de caminhão ou por outros meios – é de grande significação. Ela tem possibilitado uma outra compreensão dos caminhos, experiências, trechos fragmentários, cotidiano, além dos elementos de socialização deles decorrentes – mas também a explicitação de uma outra perspectiva da história do período no país. Propicia um novo olhar, e o desvelar destes momentos históricos é capaz de fazer emergir outras configurações em toda a sua complexidade na relação com o mundo.

Na opção de trabalhar com os relatos orais na perspectiva da memória, enquanto uma outra dimensão da experiência social, ressalta-se a riqueza de

---

<sup>3</sup> LEITE, 2000, p. 2.

apreender as imagens e evocações dos sujeitos, permitindo a reconstrução de acontecimentos marcantes de suas trajetórias.

As reflexões acerca da memória são uma das preocupações de muitos que trabalham com relatos orais. Dar voz às memórias, de modo especial àquelas dos grupos que tiveram uma participação não registrada nos documentos oficiais dos acontecimentos históricos, é importante por várias razões: dar condições para situar diferentes posturas, ou seja, as leituras plurais dos acontecimentos; romper com as interpretações lineares dos fatos; recolocar no cenário da história os diferentes sujeitos, projetos, valores e interesses; superar a concepção de que os grupos subalternos são passivos diante da ação dos grupos dominantes.

A pesquisa com documentos orais possibilita a aquisição de uma dimensão ampla e humana ao trabalho do historiador, pois lhe permite aproximar aspectos que são, em geral, dicotomizados: as experiências e os seus significados. Outra característica importante das fontes orais é a possibilidade de questionar as formas de abordagens que universalizam situações particulares. É comum que as abordagens generalizantes identifiquem como sendo uma memória comum o que muitas vezes é próprio dos grupos dominantes.

Um outro aspecto interessante do trabalho com as fontes orais encontra-se na possibilidade de apreender as tensões entre os grupos sociais e os sujeitos individuais nos contextos em que elas são produzidas. As fontes orais fornecem, potencialmente, elementos que permitem reconstruir as práticas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas e comportamentos. Este é um dos objetivos propostos ao se estudar os grupos e indivíduos em sua viagem em busca de uma nova terra.

A busca, devido à exigência por parte de alguns historiadores, da definição conceitual da história oral tem representado um desafio maior no seu campo de ação. Não se pode considerar, conforme referido acima, história oral como qualquer forma amadora de captação de entrevista, pois, como bem coloca Meihy, a história oral é mais do que arquivo de gravação.

*História Oral é, pois, mais do que uma conversa mediada pelo gravador. História Oral deriva de um método complexo e arrola particularidades que vão desde a organização de um projeto até o compromisso de publicação do texto*

*devolvido à comunidade imediata que o gerou e ao seu contexto mais amplo.*<sup>4</sup>

Devido à importância e às intenções para com a nova historiografia, torna-se necessário apresentar uma certa sistematização da história oral.

Em busca do delineamento do campo da história oral, Meihy apresenta três ramos, ou melhor, três setores distintos da história oral: *história oral de vida*, *história oral temática* e *tradição oral*. Delimitar esses setores é importantíssimo para não se cair num vácuo de imprecisão e dúvida.

Esses desdobramentos da história oral configuram-se como coisas diferentes. Por isso, a referência à oralidade tem que especificar a que setor da história está se referindo, de modo a evitar certas confusões. Meihy fala o seguinte, ao apresentar essas três modalidades:

*A História oral de vida encampa os registros da experiência pessoal. É uma velha prática que, no entanto, se remoja em face à história oral. Enquanto que a história oral temática, esta mais vinculada ao testemunho e à abordagem sobre algum assunto específico.*<sup>5</sup>

Essas duas variantes da história oral apresentam algumas características metodológicas que as distinguem uma da outra. A história oral de vida prioriza a individualização do informante. Cada pessoa é tratada como caso específico, visando captar o sentido da experiência vivida pelo informante.

Entretanto, a história oral temática, vista como uma outra versão, ou melhor, uma contra-história de um fato já documentado, opta por fazer um recorte dessas experiências. Ela vai se distinguir da história de vida principalmente por centrar-se em questões muito mais externas, “objetivas” e factuais, enquanto que a história oral de vida centra-se nas impressões mais subjetivas<sup>6</sup>.

A tradição oral, terceira variante da história oral, distingue-se das outras variantes principalmente por estar mais atenta às transmissões do arcaico e, segundo asserção geral, “percebe o indivíduo enquanto um veículo da transmissão de mitos,

---

<sup>4</sup> MEIHY, 1994, p. 35.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 56-57.

<sup>6</sup> A História Oral de Vidas, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu (Cf. QUEIROZ, 1991, p. 6).

tradições antigas que na maioria das vezes transcendem o depoente”<sup>7</sup>, aproximando, desta forma, tradição oral e memória.

Esse trabalho insere-se, também, dentro da perspectiva da história oral temática, porque ela atende e se aproxima muito do campo em estudo, campo esse que tem como tema as memórias de viagem dos itinerantes como provocadoras de recuperação das experiências, visões de mundos, representações passadas sobre os deslocamentos pelas estradas dos sonhos, por onde trilharam centenas de nordestinos, nortistas e pessoas de outras localidades, rumo ao leste mato-grossense. Buscar as experiências concretas desses viajantes significa recuperar, ou melhor, pensar novos enfoques para a história de deslocamentos populacionais nas décadas de 1920 e 1950 centrados nas versões de pessoas comuns.

Assim, no campo da *memória e histórias de vidas* dialogou-se com os textos de Antonio Montenegro, Paul Thompson, Ecléa Bosi, Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira como fundamentos teóricos, pois possibilitaram analisar as falas e seus significados, suas representações e experiências de vida.

Nessa ótica da oralidade, usou-se ainda, nessa pesquisa, a história oral na modalidade da história de vida, o que se revelou de todo apropriado para o estudo da temática e objeto em questão. Primeiro por permitir apreender as minúsculas atitudes da vida cotidiana que em grande parte escapam às investigações das ciências humanas, e segundo porque essas abordagens, que reelaboram a vida de todos os dias, permitem observar a maneira pela qual elas se estruturam e se exprimem através de ritos, que podem variar no tempo, mas que apresentam caracteres imutáveis.

Para se pensar na questão da memória com este sentido é necessário, segundo Walter Benjamin<sup>8</sup>, resgatar do esquecimento aquilo que poderia fazer de nossa história uma outra história. Portanto, o resgate da centelha do passado desses homens e mulheres passa por uma reconstrução da experiência coletiva, do vivido no imaginário e na trajetória da viagem rumo a Mato Grosso.

Nessa mesma ótica, buscou-se o entendimento de *cotidiano*, uma vez que o estudo passeia, também, pela vida material dos itinerantes/migrantes, nas representações das realidades produzidas através dos relatos e das experiências

---

<sup>7</sup> MEIHY, 1994, p. 58.

<sup>8</sup> BENJAMIN, 1985.

vivenciadas. Foi oportuno, nesse sentido, buscar apoio nos trabalhos de Mary Del Priore que envolvem os temas do dia-a-dia, a convivência e, por último, revelam as mais inusitadas facetas de gestos banais e que levam a refletir sobre os hábitos sociais.

Já Michel de Certeau, com sua obra *Invenção do cotidiano - artes de fazer, morar e cozinhar*, propiciou a realização de análises sobre a representação, o comportamento desta gente através do *uso ou o consumo*, possibilitando conhecer as experiências particulares, a solidariedade e as lutas que organizam o espaço, na arte e maneira de caminhar e do fazer cotidianamente. Segundo Certeau, “o registro do consumo é, para o observador um dos lugares privilegiados para verificar ‘a sociabilidade’ dos usuários, lugar onde se elaboram as hierarquias (...), onde espanam os papéis sociais (...) e onde se ‘massificam’ as convenções sobre as quais se entendem as personagens momentaneamente reunidas no mesmo palco”<sup>9</sup>.

O sujeito que narra é portador de uma memória que constrói no tempo a história. É uma memória poderosa que, conforme Balandier<sup>10</sup>, faz emergir “o presente”. Esse sujeito, no ato de narrar o eterno presente de sua vida, considera este momento mais importante ao trazer as lembranças de acontecimentos nesta arte de contar. Então, se no ato de lembrar remonta-se ao passado vivido, a lembrança, conforme Halbwachs, seria uma reconstrução do passado a partir das vivências do presente<sup>11</sup>. No caso em questão, a reelaboração do passado, via memória, realiza-se através da oralidade. As lembranças reorganizam-se em linguagem no ato da narrativa, do contar e recontar.

Abordar “o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação é uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas”<sup>12</sup>. Assim, a memória, renovada, vai nortear a reflexão e a narrativa histórica. A história oral, por seus objetivos, é inovadora “e possibilita dar atenção especial aos dominados, aos silenciosos e aos excluídos da história

---

<sup>9</sup> CERTEAU, 1994, p. 53.

<sup>10</sup> Ver BALANDIER, 1999.

<sup>11</sup> HALBWACHS, 1990, p. 71.

<sup>12</sup> AMADO e FERREIRA, 1998, p. 15.

(mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada à história local e enraizada”<sup>13</sup>.

Montenegro e Fernandes chamam a atenção sobre a especificidade do ofício do pesquisador e argumentam que “a partir da análise que transcende a informação obtida através do documento oral”, o historiador deve “produzir conhecimento que possa oferecer outra compreensão ao que está dado, ao que é dito, ao que está estabelecido como verdade”<sup>14</sup>. A reflexão dos autores vem nortear o trabalho do historiador que utiliza a história oral como método na produção de fontes documentais que venham revelar histórias que nem sempre foram ou são contempladas pela historiografia corrente.

Na reconstituição do vivido pelos itinerantes nas trajetórias da viagem, seus relatos foram todos privilegiados para análise neste trabalho, o que remete às práticas micro-sociais vivenciadas. Esses homens e mulheres adquirem visibilidade e descrevem com riqueza de detalhes as suas experiências cotidianas, numa relação entre a experiência singular e a ação coletiva. Nessa escala de análise tornou-se possível a revelação de casos novos, individuais ou aspectos de um fenômeno mais geral, o que interrompe a lógica de uma história esquemática que imporá um sentido homogeneizante ao comportamento dos grupos e indivíduos. Desta maneira, resta tentar assimilar que esses fragmentos de experiências levam à lógica do grupo ou do seu conjunto.

Através da micro-história revela-se parte dessa situação particular e normal, mas ao mesmo tempo excepcional em função da maneira como os migrantes produzem o seu mundo social. Segundo Vainfas, a micro-história resulta das inquietações dos historiadores italianos ao longo das décadas de 1970 e 1980, em face da discussão sobre a “crise dos paradigmas”. Na micro-história os recortes privilegiados foram sempre minúsculos: a história de indivíduos, comunidades, pequenos enredos construídos a partir de tramas aparentemente banais, envolvendo gente comum<sup>15</sup>. Mas o que mais interessa aqui é a proposta da micro-história para a utilização de indícios como método da pesquisa historiográfica. Ela abriu caminho para a pesquisa de micro-temas e, mais que isso, para a pesquisa micro-analítica. Os

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>14</sup> MONTENEGRO e FERNANDES, 2001, p. 8.

<sup>15</sup> VAINFAS, 2002, p. 13, 14.

micro-temas referem-se a estudos exaustivos de comunidades periféricas ou de personagens comuns e a temas não estudados ou considerados irrelevantes.

Quem dá uma boa medida da especificidade da micro-história, diferenciando-a da história-síntese e do estudo de caso é Roger Chartier, pois, segundo ele,

*Radicalmente diferente da monografia tradicional, a micro-história pretende construir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem. O objetivo da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos.<sup>16</sup>*

O método dessa abordagem é comumente entendido como uma prática baseada na redução da escala de observação e, segundo Jacques Revel,

*A abordagem micro-histórica em princípio é a escolha de uma escala particular de observação que produz efeitos de conhecimento e, pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. Variar a objetiva não significa apenas aumentar (diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama. É que é o princípio da variação que conta, não a escolha de uma escala em particular.<sup>17</sup>*

Por outro lado, concomitante a esta abordagem, torna-se imperativo observar múltiplas representações do migrante, morador de Poxoréo, nas interseções entre memória individual e memória coletiva. Sobre esta questão, Halbwachs defende que a memória deve ser entendida sobretudo como um fenômeno coletivo e social. Portanto, a memória é construída coletivamente e submetida a flutuações, transformações, mudanças constantes. Nessas características de flutuação e mutabilidade da memória individual e coletiva, Pollack distingue os elementos constitutivos da memória individual.

---

<sup>16</sup> CHARTIER, *apud* VAINFAS, 2002, p. 115-116.

<sup>17</sup> REVEL, 1998, p. 20.

*Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade a qual a pessoa sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que no fim das contas é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.*<sup>18</sup>

Portanto, as memórias do grupo são a questão central aqui abordada, uma vez que mesmo não as tendo vivenciado, o indivíduo as considera como suas. Estes acontecimentos permitem retratar a história dentro de um contexto do cotidiano no qual os papéis sociais e sua interação propiciam uma modalidade nova no âmbito da história, a de uma história social atenta aos indivíduos e percebendo-os em suas relações com outros indivíduos.

A pesquisa tende, de certa forma, a se caracterizar como um trabalho de história social, uma vez que analisou, através dos testemunhos, a maneira de viver e de pensar destes viajantes. Montenegro diz que “a história opera sempre com o que esta dito, com o que é colocado para e pela sociedade, em algum momento, em algum lugar”<sup>19</sup>, enquanto Hebe Castro já afirma que é a história social que “prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivas - sociais na explicação histórica”<sup>20</sup>. E será possível as pessoas, os testemunhos, através das narrativas, resignificarem suas experiências de vida, suas memórias do passado no tempo presente.

Do conjunto do discurso, oral e escrito, levantou-se as questões de pesquisa, que partem de uma concepção do tempo presente e que vem norteando o processo da investigação.

O processo migratório nacional foi amplamente estudado por geógrafos, sociólogos e antropólogos a partir da década de 1960. Mas o que fica em relevo é que grande parte dos estudiosos que abordam a questão migratória no Brasil, tende a excluir, em suas análises, os significados que os próprios migrantes chegam a atribuir a essas experiências de vidas transeuntes, bem como suas vivências com as mais diferentes formas de cultura.

---

<sup>18</sup> POLLACK, 1992, p. 201.

<sup>19</sup> MONTENEGRO, 1994, p. 19.

<sup>20</sup> CASTRO, 1997, p. 54.

Tecendo considerações sobre o processo migratório, a historiadora Célia Toledo de Lucena, em sua obra *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*, pondera:

*Muitos trabalhos enfatizam questões ligadas à inserção no mercado de trabalho e a identificação da família como centro de onde recuperam normas e valores comunitários na perda de fidelidade a valores ao deixar a terra natal, no desenraizamento e na aculturação. Poucos levam em consideração os modos como são transferidos os usos e costumes dos lugares de origem ao de destino e a maneira pela qual os migrantes tendem a reinterpretar suas vidas na terra no contexto da cidade grande.<sup>21</sup>*

O recorte sobre o processo migratório apresentado no estudo da historiadora situa-se em um complexo e instigante campo das relações entre história e memória. O seu texto traduz o entrecruzamento das memórias de migrantes que vieram de uma mesma região em Minas Gerais para se estabelecer na periferia de São Paulo; nesse estudo a autora identifica a multiplicidade de tempos através dos quais se realiza a atividade da lembrança: o tempo vivido em Minas, o da chegada em São Paulo, o da festa e o do trabalho.

A pesquisa de Célia Lucena, sob este ponto de vista, preocupa-se não só em entender esse processo sócio-cultural no cotidiano do bairro periférico, mas busca, com o auxílio da memória e da inventiva dos migrantes, retrair a vivência anterior do grupo nos espaços rurais de Minas Gerais, acompanhando o próprio processo migratório e desvendando as estratégias elaboradas na periferia da grande cidade.

Do texto de Célia Lucena estabeleceram-se diálogos com o estudo aqui construído, pois este examinou os relatos orais, as diferentes histórias de vida, as representações, com o intuito de conhecer a história dos diferentes espaços da trajetória de vida dos migrantes rumo a Mato Grosso.

Em *Artes de lembrar e inventar* o relato oral analisado pela autora propicia um novo olhar sobre o corpo documental e permite realizar leituras nas marcas pessoais e nas experiências coletivas dos grupos sociais que se deslocam.

Dentro dessa abordagem e perspectiva teórica voltada para o estudo dos movimentos populacionais em Mato Grosso, ressalta-se a importância das pesquisas

---

<sup>21</sup> LUCENA, 1999, p. 18.

de Regina Beatriz Guimarães Neto<sup>22</sup>, numa abordagem diferenciada sobre *Garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso, em especial a cidade de Guiratinga (Lageado) na primeira metade do século vinte*. A autora tem como estratégia recusar as abordagens totalizantes e análises causais, procurando focalizar as ações humanas voltadas para criar condições de permanência num determinado espaço, que possibilitam o surgimento dos pequenos núcleos urbanos. São discutidos também, alguns pontos de imagem da vida nas pequenas cidades da mineração, acolhendo circunstâncias e personagens singulares, condições específicas e formas próprias de sobrevivência.

O estudo de Regina Guimarães Neto afasta-se dos grandes temas e de narrativas que têm como suporte uma continuidade histórica esquemática. Explora outros caminhos para conhecer um pouco da vida dos habitantes dessas pequenas cidades, trabalhando com *memória individual* e *memória familiar*, numa perspectiva de uma memória grupal e social.

Por outro lado, nesta caminhada não se pode perder de vista os textos considerados fundadores da história de Mato Grosso. Autores que, de um ou de outro modo, relatam as primeiras imagens da região leste do Estado, descrevendo o povoamento e o aparecimento de cidades e das zonas diamantíferas, geradoras de conflitos sociais, bem como os costumes e as linguagens dessa região. Dentre esses trabalhos<sup>23</sup> destacam-se os de Virgílio Corrêa Filho (*História de Mato Grosso*), Luís Sabóia Ribeiro (*Caçadores de diamantes*), Hermano Ribeiro da Silva (*Garimpos de Mato Grosso*), Rubens de Mendonça (*História de Mato Grosso*), Jurandir da Cruz Xavier (*Poxoréo e o Garças*) e Fausto Vieira de Campos (*Retratos de Mato Grosso*). As obras escritas por estes autores possibilitam a fêitura de um cruzamento com a documentação oficial produzida.

A prática da leitura desses escritores foi útil para apontar indícios, apesar de a sua descrição histórica ignorar outras relações e leituras, principalmente aquelas que se projetavam em gestos, sinais e linguagens nem sempre audíveis. O que me ajudou compreender os viajantes foi o seu olhar, entre lembranças, sonhos e desolação.

---

<sup>22</sup> GUIMARÃES NETO, 1996. Sobre o tema de migrações, ver, também, GUIMARÃES NETO, 2002.

Uma vez aberto o mundo das recordações, intensificaram-se os fluxos das lembranças e a memorização. As imagens possibilitaram explicações individuais e em grupo, imprimindo representações a uma coleção de lembranças de um tempo e espaço comum dos narradores. Portanto, o interesse volta-se para a dimensão simbólica da viagem dos diferentes lugares para os vários lugares de Mato Grosso, dado que os trabalhadores, homens e mulheres, imaginam sua partida e representam sua viagem e sua chegada através das suas múltiplas experiências.

## Que proposta havia para homens e mulheres ?

Das experiências marcadas pela multiplicidade de vida disforme, vividas no Brasil por homens e mulheres nesse período em estudo, torna-se oportuno fazer uma viagem na historiografia e situar como estavam as propostas para os migrantes/itinerantes na primeira metade do século XX.

Esse período é caracterizado, nos meios culturais brasileiros, como sendo uma *belle époque*<sup>24</sup>. Nele havia, contudo, uma face sombria. O início da República conviveu com crises econômicas, marcadas por inflação, desemprego e superprodução de café. Tal situação, aliada à concentração de terras e à ausência de um sistema escolar abrangente, implicou em que a maioria dos homens libertos passasse a viver em um estado de quase completo abandono<sup>25</sup>.

É oportuno destacar que nem todas as transformações ocorridas na *belle époque* foram assimiladas ou aceitas com tranqüilidade. Tanto nas cidades quanto no meio rural as intervenções do poder governamental deram origem a importantes levantes coletivos. Movimentos que se traduziram em reações violentas frente às

---

<sup>23</sup> Sobre os escritores/autores tradicionais de Mato Grosso, GUIMARÃES NETO (1996) classifica e reconhece os textos destes escritores/autores como de caráter geral, meramente descritivo/teleológico.

<sup>24</sup> Nicolau Sevcenko argumenta que *Belle Époque* é o momento de 1870 a 1900, em que a revolução científico-tecnológica se cristaliza, difundindo as novas condições da economia globalizada e seus princípios de racionalidade técnica. Esse efeito globalizante e o “bando de idéias novas” que o acompanha iriam articular a inserção do país nesse contexto modernizador e propiciar a gestação das novas elites formadas pelos modelos de um pensamento científico cosmopolita. Essas elites atuariam, já na ordem republicana, como mediadoras na integração do país aos novos termos da gestão internacional do capitalismo. (SEVCENKO, 1998 p. 35-37).

<sup>25</sup> PRIORE e VENÂNCIO, 2001, p. 269-275.

rápidas e autoritárias transformações ocorridas no período, que não levaram em conta as formas de vida tradicionais da maioria da população. Dessa maneira, os conflitos evoluem para um confronto entre o mundo tradicional do sertão e a República *civilizadora*.

O dualismo entre o sertão e a República representa os contrastes, onde a idéia de República explica-se, entre outros fatores, pela forte associação entre essa forma de regime e o ideário de progresso-civilização. As elites políticas e intelectuais procuraram redesenhar a imagem de nação, pois aquela que fora montada após a Independência não mais correspondia ao que podiam observar no cotidiano. A busca da imagem de um novo Brasil e da solução para os problemas sociais suscitados pelo progresso acelerado e até mesmo compulsório, pois resultante apenas do interesse de poderosos segmentos sociais dentro e fora do país, expressou-se de formas diversas, algumas das quais influenciadas pela valorização de saberes científicos que então se processava em escala mundial como instrumento de conhecimento das sociedades<sup>26</sup>.

A idéia de sertão<sup>27</sup>, por seu lado, manifestava-se contrariamente a esse ideário de progresso, da europeização forçada que rompia de uma hora para outra com tradições de vários séculos na forma de organizar o mundo das camadas populares. Os desentendimentos iniciais decorriam do racismo, da criação de novos impostos, da separação entre Igreja e Estado, da instituição do casamento civil, dos movimentos de resistência aos projetos autoritários liderados por higienistas, e dos movimentos operários, tenentistas e migratórios.

Nesse contexto, a migração interna no Brasil ganhou visibilidade, caracterizando-se como um problema nacional. Este fenômeno chegou ao conhecimento do público quando ocorreu a grande seca de 1877-1878, momento em que os flagelados da seca invadiram as cidades litorâneas, provocando medo e impondo-se como um problema a ser resolvido pelas elites locais<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> RODRIGUES, 1997, p. 31-33.

<sup>27</sup> Nesse ponto, Nísia Trindade Lima, em seu texto *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*, enfoca que o sertão nesse período é estudado em duas formas: de um lado é abordado à luz da dicotomia entre o atraso e o moderno. Essa abordagem, se não significa novidade absoluta comparativamente ao ideal civilizatório que orientou os projetos intelectuais até 1930, implicou o esmaecimento do debate da identidade nacional e a ênfase na mudança social e na modernização. De outro lado comparece a idéia de sertão não apenas como uma metáfora espacial dos contrastes brasileiros, mas como uma perspectiva de olhar para a nossa sociedade e para a própria atividade intelectual” (LIMA, 1999, p. 156-157).

<sup>28</sup> GREENFIELD, 1989, p. 219-240.

É necessário tecer algumas considerações sobre os movimentos migratórios de milhares de trabalhadores que aconteceram em consequência das mudanças econômicas e sociais ocorridas no país nesse período. Antecipa-se que o fenômeno migratório ocorrido nesse período não pode ser atribuído exclusivamente ao fenômeno das secas, pois isso naturalizaria essas migrações. A seca soma-se às transformações de ordem política, econômica e social ocorridas na região do nordeste brasileiro, que acarretaram o fortalecimento do poder dos grandes proprietários rurais, em decorrência da valorização das terras ocorrida a partir da Lei de 1850<sup>29</sup> e do crescimento da agricultura comercial. Essas transformações provocaram a liberação de mão-de-obra rural, deixando os pequenos produtores rurais sem terra e, por conseguinte, sem opções de trabalho.

A extensa movimentação de trabalhadores não é um dado a ser encarado bucolicamente, pois se revela que se perseguem sonhos e fantasias, também revela a busca da elementar *sobrevivência*. Sabe-se que neste período mais de 60% da população viviam no mundo rural. Clientes de coronéis, acuados por violência e desmandos dos poderosos e, em sua maioria, desprovidos de terras para o seu próprio sustento, os habitantes do sertão brasileiro expressaram suas tristezas, esperanças e descontentamentos através de diversas manifestações sociais. É dessa forma que se pode entender como o Nordeste brasileiro veio a tornar-se uma região de excedente de mão-de-obra, com a redução cada vez maior do acesso às terras disponíveis para a

---

<sup>29</sup> Lei n.º 601, de 18 de setembro de 1850, também chamada simplesmente de Lei de Terras. O novo ordenamento jurídico da propriedade da terra proibia, em seus artigos iniciais, a aquisição de terras devolutas por outro meio que não a compra, e estabelecia uma nova definição para o conceito de terras devolutas. Em seguida vinham os artigos que podem ser divididos em duas categorias: as atribuições dos possuidores particulares e as atribuições do governo. A regulamentação da propriedade da terra era uma questão que demandava uma solução por si mesma. Foram principalmente dois os motivos pelos quais a discussão foi retomada e uma solução esboçada simultaneamente à medida de extinção do tráfico. Em primeiro lugar, as novas perspectivas abertas para a economia pela extinção do tráfico demandavam uma reformulação do papel exercido até pelo escravo como bem econômico. Tudo aquilo que o escravo representava como mercadoria e capital imobilizado no antigo sistema deveria, em parte, ser substituído pela terra num futuro próximo. Para que isso viesse a acontecer, entretanto, era necessário que se pusesse ordem no caos existente em matéria de propriedade territorial. Em segundo lugar, o fim do tráfico colocava no horizonte, ainda que longínquo, o fim do trabalho escravo e a transição para o trabalho livre, e, na visão do governo imperial, a solução para que essa transição se operasse sem traumatismos era a imigração estrangeira, que por sua vez precisava ser financiada. Uma forma de financiar esse processo seria a venda das terras devolutas da Coroa. Mais uma vez, para que isso pudesse ocorrer, era necessário pôr ordem na apropriação territorial, em especial demarcar as terras devolutas. É importante observar que a vinculação da questão da regularização da propriedade da terra à imigração, nesses termos, expressou a forma de conduzir o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre própria da fração dominante dentro do Estado imperial, a elite Saquarema, abrigada no Partido Conservador (SILVA, 1996, p. 117-126).

agricultura de subsistência, progressivamente ocupadas com as culturas comerciáveis.

Para Monteiro, tal “maré” de expropriação, em particular entre 1890 e 1920, explica em parte a abundância dos movimentos messiânicos, milenaristas, e a violência das lutas camponesas na região<sup>30</sup>. Desta feita, subentende que são de natureza diversa as migrações nacionais dentro do Brasil, pelo menos até a década de 1930.

Observe-se que neste período as regiões brasileiras conhecidas como aquelas que perdem população são: Nordeste, Minas Gerais e o interior do Estado do Rio de Janeiro. Como as que recebem população, encontramos a Amazônia, na época do surto da borracha, o Estado de São Paulo e a cidade do Rio de Janeiro, sendo que ocorreram outras migrações em todos os sentidos e direções.

Vale lembrar que até 1912 destaca-se a migração para a Amazônia por força do surto de extração da borracha das seringueiras nativas. Entre 1890 e 1900 a região recebeu mais de 110 mil pessoas, com preponderância de nordestinos, em busca de terras para a reprodução da condição camponesa. Essa produção da borracha na Amazônia oferecia oportunidades de trabalho e alimentava os sonhos de rápido enriquecimento com o trabalho nos seringais, e o fluxo se manteve crescente até a crise da borracha, por volta do final da Primeira Guerra Mundial.

Ao se dedicar a pensar sobre o preço pago por milhões de nordestinos que migraram no auge da goma na Amazônia brasileira, Eduardo Galeano considera que a brutalidade do sistema de aviamento implantado nos seringais acarretou uma dilapidação do capital humano arregimentado para ocupar a Amazônia nos moldes extrativistas. Ao descrever as misérias vividas nos seringais, a violência praticada pelos proprietários e a espoliação, ainda, revela o estado de miséria e fome que caracterizava o cotidiano desses homens. E argumenta:

*Sem nenhuma reserva de vitamina, os camponeses das terras secas realizavam a longa viagem para a selva úmida. Ali os aguardava, nos pantanosos seringais, a febre. Iam amontoados nos porões dos barcos, em tais condições que muitos sucumbiam antes de chegar; antecipavam assim o próprio destino... Não só a febre; também aguardava, na selva, um regime de trabalho bastante parecido com a escravidão. O trabalho pagava-se em espécies – carne seca,*

---

<sup>30</sup> Ver MONTEIRO, 1997, p. 238.

*farinha de mandioca, rapadura, aguardente – até que o seringueiro saldasse suas dívidas, milagre que raras vezes ocorria.*<sup>31</sup>

O cotidiano de miséria e fome vivido pelos camponeses no decorrer da longa viagem para os seringais foi de muito sofrimento; no convívio com as doenças e mortes, esses homens viveram, também, o sonho, a ilusão do *ouro negro*, como se tornou conhecida a borracha. Essas experiências sociais foram de grande significação, pois do enfrentamento a um ambiente em tudo diferente daqueles por eles conhecidos resultou um modo de vida próprio. O migrante, ao chegar ao seringal, não só precisava aprender o processo de trabalho, mas reordenar grande parte das suas relações sócio-culturais.

Para Póvoa Neto, o ato de migrar pode ser entendido como resistência, não só à exploração e à dominação existente no local de origem, e que produzem a exclusão social, mas sobretudo de se ver fixado, emoldurado nesse lugar social e simbólico. “Migrar é exercer o desejo de mudar, de não se conformar”<sup>32</sup>.

De acordo com a historiografia, vale ressaltar que à medida que o consumo da borracha crescia, milhares de migrantes, principalmente nordestinos, devassaram os rios da Amazônia, ocuparam terras e rios ainda desconhecidos, expulsaram os índios dessas terras, alargaram as fronteiras do país com sua “efetiva ocupação”, a exemplo do ocorrido no Acre, em Belém e Manaus, cidades essas que, naqueles anos, disputavam para serem consideradas verdadeiras capitais européias. A extração e o comércio da borracha financiavam a apresentação de óperas nos teatros, animadas conversas nos cafés, onde se desfilava a última moda parisiense. Todo esse luxo não se deixava macular pela miséria que imperava nos seringais.

É relevante observar que durante os anos 20 e 30, a migração para a Amazônia, oriunda da região nordeste, decresceu sensivelmente e se dirigiu às regiões onde, pelas propagandas oficiais, a possibilidade de acesso à terra parecia ser maior.

Em conformidade com isso, os primeiros anos da República foram palco de um expressivo movimento de valorização do sertão, interior, seja enquanto espaço a ser incorporado ao esforço civilizador das elites políticas do país, seja como referência da autenticidade nacional. Este período é marcado por importantes

---

<sup>31</sup> GALEANO, 1982, p. 100-102.

expedições ao interior, como a de Cândido Rondon, as da Comissão Geológica em São Paulo, a do astrônomo Louis Cruls, em 1892, ao Planalto Central visando a mudança da capital, e as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz. As viagens estiveram associadas a projetos modernizadores, cujas origens podem muitas vezes ser localizadas no Império. Elas não apenas se intensificaram durante a República como ganharam nova expressão, associando-se ao ideário cientificista dominante entre a intelectualidade<sup>33</sup>.

De acordo com Elizabeth Madureira Siqueira, a chegada da modernidade, em nosso país, foi marcada pelo pensamento de que não existiriam mais barreiras ou distâncias entre as nações. O importante seria romper os grandes espaços “vazios” da América, incorporando-os ao mundo desenvolvido. Imensas ferrovias e o telégrafo seriam instrumentos fundamentais para o alicerce desse novo momento mundial. Diz ainda a autora que seria importante resguardar as regiões de fronteira, mantendo-as sempre em contato direto, em toda a extensão oeste, com a então capital do Brasil, Rio de Janeiro. As regiões Centro-Oeste e Amazônica cumpririam esse papel<sup>34</sup>. Foi com esse pensamento que o interior/sertão pôde ser visto como um movimento, também, de conteúdo simbólico e fortemente associado à expansão da presença do Estado.

Percebe-se, portanto, que esses homens livres – pobres, despossuídos de quaisquer bens, mas detentores de múltiplas experiências pelos sertões e em outros lugares – formavam uma fronteira viva e móvel pelo país, na busca de sobrevivência e de novos ideais, ainda que recoberta pelo imaginário de liberdade e representada na literatura nacional com farta recorrência, e grandemente idealizada no que concerne à descrição de uma vida auto-suficiente no campo.

O modo de vida dessas pessoas tidas como interioranas foi duramente criticada pela elite intelectual, que à época entendia ser essa gente o grande obstáculo ao progresso do Brasil. Um exemplo emblemático dessa crítica se encontra na obra de Monteiro Lobato, ao construir o personagem *Jeca Tatu* nas primeiras décadas do século XX, uma das representações caricaturais do homem rural brasileiro.

---

<sup>32</sup> PÓVOA NETO, 1996, p. 20-22.

<sup>33</sup> LIMA, 1999, p. 66-67.

<sup>34</sup> Para Elizabeth Siqueira, este estímulo pela disputa de poder entre as oligarquias regionais colaborou para aprofundar ainda mais o fenômeno do *coronelismo*, somente estirpado, parcialmente, pós 1930 (Ver SIQUEIRA, 1990, p. 227).

Do contato de Monteiro Lobato com as teses do movimento de saneamento rural, cristalizou-se a idéia do Jeca anêmico, doente e indolente, mas capaz de regenerar-se com o auxílio da ciência. Muito antes de Monteiro Lobato, viajantes, cronistas e escritores haviam se debruçado sobre as condições de vida e os tipos humanos das áreas rurais do país. Isolamento, ignorância e ociosidade são os termos mais comuns expressos pelos autores de relatos de viagens, contos e crônicas<sup>35</sup>.

Expressões como as que seguem, ditas por D. Nali, em seu depoimento, pontuam as versões dos discursos sobre os colonos que migraram e que à época eram a opção dessa identidade nacional e da formação do imaginário sobre o Brasil:

*Na nossa trajetória, de Canabrava da Bahia, rumo a Poxoréo paramos na cidade de Belo Horizonte, para que meus pais e outros fizessem compras de mantimentos para a manutenção da nossa viagem. Toda a nossa caravana era composta mais ou menos umas 30 ou 40 pessoas e todos viajavam com alpercatas de couro nos pés e panos amarrados nas cabeças, inclusive as crianças. Esse modo de vida, diferente, chamava muito atenção da população das cidades por onde parávamos e que as pessoas nos apontavam e somavam a figura do Jeca Tatu, do caipira e davam boas gargalhadas.<sup>36</sup>*

As palavras de D. Nali expressam sentimentos repletos de significados, visto que nos lugares por onde passavam as representações populares a respeito desses homens e mulheres das caravanas rumo a Poxoréo eram associadas às figuras de jeca, caipira, migrante do pau-de-arara, preguiçoso e pobre, atributos esses que povoavam o imaginário cultural brasileiro na primeira metade do século XX. Nesse sentido, os colonos eram estereotipados nas diversas trajetórias, como jecas<sup>37</sup>. E o que fica em relevo nas palavras de D. Nali são esses sentimentos sobre o estigma de jeca e caipira. Ao referir-se às “boas gargalhadas”, às vestimentas e aos risos dos

---

<sup>35</sup> Esta apreciação é bastante comum nos relatos dos viajantes e cronistas nos séculos XVIII e XIX, onde faziam considerações, projetavam imagens que moldavam sobre a população brasileira como feia, indolente e preguiçosa. Entre esses viajantes destacam-se: Auguste Saint-Hilaire, Luís D'Alincourt, Alfredo D'Escragnolle Taunay, Hercule Florence, Herbert Smith, Karl von den Steinen, Joaquim Ferreira Moutinho e Bartolomé Bossi. Sobre esse assunto, ver GALETTI, 2000.

<sup>36</sup> Relato de Nali Neves .

<sup>37</sup> Caipira: o habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. E também sem traquejo social, cafona, casca-grossa. Jeca significa caipira, cafona, matuto (FERREIRA, 1999, p. 364).

cidadinos enquadrando-os como engraçados e cômicos por seu estilo peculiar de vida, ela está construindo um imaginário a partir daquele momento histórico brasileiro.

Foram, portanto, criadas imagens fortes sobre homens e mulheres do interior do Brasil, com várias perspectivas de interpretação social, como foi o caso da criação literária de Monteiro Lobato. No conto *Urupês*<sup>38</sup>, o Jeca Tatu é um personagem ficcional que sai das páginas literárias para entrar no mundo real/social e, assim, representar o trabalhador rural do oeste paulista. Contudo, essa imagem cristalizou-se na figura do caboclo do interior do Brasil.

Nesse período, foi também significativo o deslocamento de colonos que migraram da Bahia e Minas Gerais para o Centro-Oeste. Para a cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo, destacam-se os migrantes do interior dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Para os estados de São Paulo e Paraná, sobressai a migração de nordestinos e mineiros. Destaca-se o fato de que as migrações internas, nesse período, foram mais no sentido rural-rural do que rural-urbano, tendo como única exceção o caso do Rio de Janeiro<sup>39</sup>.

Não por acaso, o Rio de Janeiro registrou também as primeiras manifestações do movimento operário brasileiro. De fins do século XIX até a década de 1920, a capital republicana liderou o processo de industrialização, sendo posteriormente superada por São Paulo. A existência de trabalhadores em numerosas fábricas de tecidos, calçados, chapéus, cerâmicas e vidros, aliados aos do artesanato autônomo, como os alfaiates e sapateiros, e aos milhares de pequenos funcionários públicos, abriu caminho no meio urbano carioca para o conhecimento e a aceitação, por parte deles, de idéias políticas novas.

Esse período também é caracterizado politicamente pelo surgimento de governos estaduais fortemente controlados por grupos oligárquicos. Assim, entre o mandatário de uma cidadezinha e o presidente da República surgiu uma instância intermediária que barganhava favores, empregos e verbas em troca de apoio político. Esse arranjo consistia no núcleo da política dos governadores, que entre 1898 e 1930 dominou a República Velha. Tal situação era, em certo sentido, expressão máxima do que costuma ser definido como coronelismo, forma do mandonismo local,

---

<sup>38</sup> LOBATO, 1957.

<sup>39</sup> MENDONÇA, 1990, p. 259.

particularmente mais intenso no Nordeste, onde se baseava na formação de exércitos particulares de jagunços.

Em várias regiões brasileiras, violentas disputas entre os grupos oligárquicos reforçavam a sensação de estagnação social. Segundo Elizabeth Siqueira, as oligarquias em Mato Grosso revezavam-se no poder, e cada uma que o conseguia, fazia-o à força das armas. Logo que isso ocorria, estabelecia-se um acordo com o Presidente da República a fim de se levar à frente o plano nacional de modernização do país<sup>40</sup>.

O acordo dos governadores veio acirrar ainda mais as lutas entre os grupos oligárquicos regionais. As disputas pelo governo estadual tornaram-se cada vez mais violentas.

Exemplo disso foi o assassinato de Antonio Paes de Barros (Totó Paes), Presidente do Mato Grosso, em 6 de julho de 1906, fato que, relatado ao Presidente Rodrigues Alves, levou o Presidente da República a propor Estado de Sítio e, posteriormente, intervenção em Mato Grosso, proposta que foi rejeitada pelo Congresso Nacional. Mas novas eleições foram realizadas e os nomes de Generoso Paes Leme de Sousa Ponce e Pedro Celestino Corrêa da Costa foram os escolhidos para a presidência e a vice-presidência do Estado, respectivamente.

Vale destacar que um dos marcos importantes do governo de Ponce em Mato Grosso foi a construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil, que ligava o centro-sul a Mato Grosso, tendo como ponto terminal a então mato-grossense cidade de Corumbá. Assim, Mato Grosso, que já se encontrava ligado aos centros de decisão política da nação através de via fluvial, passava a contar com mais essa opção de escoamento e entrada de mercadorias, de migrantes e de idéias.

Para Siqueira, este estímulo pela disputa de poder entre as oligarquias regionais colaborou para aprofundar ainda mais o fenômeno do coronelismo, somente extirpado, parcialmente, pós 1930<sup>41</sup>.

O coronelismo e o cangaço eram, portanto, um lado sombrio da *belle époque* e indicavam o caráter excepcional das transformações registradas no meio urbano que, aliás, até a década de 1920, concentrava apenas 20% da população brasileira. Não é de se estranhar que a República Velha, mesmo quando “nova”,

---

<sup>40</sup> SIQUEIRA, 1990, p. 157-158.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 159.

tenha gerado inúmeros críticos, a começar pela instituição que lhe deu origem: o Exército<sup>42</sup>.

Para alguns estudiosos da historiografia contemporânea, o tenentismo é a mais acentuada determinação classista do movimento dos tenentes, sendo-lhes atribuída a condição de representantes ou porta-vozes dos setores médios, inconformados com sua exclusão do jogo político, e supostamente aliados dos segmentos industrialistas.

De acordo com Mendonça, as rebeliões tenentistas da década foram o mais cabal exemplo da eclosão simultânea de questionamentos *de dentro* e *de fora* do pacto político, alastrando-se a rebeldia desse setor intermediário da oficialidade militar justamente quando, em 1922, as oligarquias do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio Janeiro uniram-se contra a candidatura do eixo Minas Gerais/São Paulo, com a chamada Reação Republicana<sup>43</sup>.

Observa-se ainda que o movimento tenentista apresentava um programa de traços autoritários e nacionalistas, defendendo a maior centralização do Estado, a uniformização legislativa e o ataque à oligarquia paulista, o que poderia, em princípio, parecer bastante sedutor também para segmentos dissidentes das oligarquias estaduais.

Com relação às camadas populares urbanas, se por um lado o tenentismo – tornava-se um catalisador das esperanças de alteração da ordem vigente, por outro lado, ao se auto-identificarem como os agentes da *salvação nacional* em nome e no lugar *do povo indefeso*, deixavam claras as razões de sua precária vinculação com tais setores. Nessa linha de entendimento, entre julho de 1924 e março de 1927, a organização política brasileira sofreu e venceu uma série de rebeliões militares armadas visando derrubar o presidente da República e introduzir algumas modificações institucionais.

O fio unificador e também ponto máximo dessas rebeliões foi a revolta tenentista, sendo que tais movimentos ganharam ainda maior destaque com a Coluna Prestes, marcha militar de 25 mil quilômetros que cruzou o país até se dispersar na Bolívia. Esses oficiais reformadores passaram a atuar politicamente fora das vias institucionais, recolocando na ordem do dia o *golpe militar* como um meio de

---

<sup>42</sup> PRIORE e VENÂNCIO, 2001, p. 304-310.

<sup>43</sup> MENDONÇA, 1990, p. 256-259.

transformar a sociedade, mudança, aliás, que em muito ajudaria a eclosão da Revolução de 1930.

Houve também outros segmentos que se alistaram entre esses críticos à República, como os escritores da época que fizeram ressaltar posições marcantes sobre a realidade brasileira (campo-cidade, branco-mestiço, rico-pobre, cosmopolita-brasileiro, imigrante-nacional), sendo que as inquietações com os problemas nacionais estiveram no centro da produção de muitos intelectuais e outros artistas.

Em outras palavras, a década de 1920 foi palco, no Brasil, de séria crise sócio-econômica e política, cuja solução somente se daria, de fato, com a instalação do Estado Novo. Segundo Mendonça, tratava-se de uma crise de hegemonia, que pode ser desdobrada em dois momentos: o primeiro, abarcando os anos 20, teve como sentido último a contestação à preponderância da burguesia cafeeira, culminando com a conhecida “revolução” de 30; o segundo estendeu-se pelo período de 1930 a 1937, assinalado como uma crise de hegemonia em sentido estrito, na medida em que nenhuma classe ou fração de classe lograra o controle incontestado do aparelho de Estado<sup>44</sup>.

Não obstante, o Brasil passava também pela crise de 1929, não conseguindo escapar dessa catástrofe mundial. Bastou uma queda no indicador da Bolsa de Valores de Nova York para que houvesse uma reação em cadeia cujos efeitos seriam sentidos em todas as partes. A queda da bolsa desencadeou uma onda de falências por todo o país; o preço do café no mercado nacional desabou. Com ele, despencou também o valor total das exportações. Porém, o governo Washington Luís seria derrubado antes que pudesse reagir à crise.

Para Mendonça, o golpe de outubro de 1930 resultou no deslocamento da tradicional oligarquia paulista do epicentro do poder, enquanto que os demais setores sociais a ele articulados e vitoriosos não tiveram condições, individualmente, nem de legitimar o novo regime, nem, de solucionar a crise econômica.

O período de 1930-1937 pode, por isso mesmo, ser definido como de crise política aberta, sem que nenhuma das frações de classe envolvidas lograsse tornar-se hegemônica em sucessão à burguesia cafeeira, o que acabou garantindo ao Estado o

---

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 256.

controle da burocracia. Em 3 de novembro de 1930 tomou posse o novo dirigente. Tinha início a presidência de Getúlio Vargas<sup>45</sup>.

A descrença na democracia como forma de governo e na eficácia do Estado liberal e suas instituições havia levado vários países, por todo o mundo, durante a década de 1930, a optar por regimes autoritários. No Brasil isso veio a ocorrer também, quando diferentes setores sociais defendiam um regime forte como solução para a modernização econômica do país, durante o governo de Vargas na década de 1930. Em seu governo, Vargas implantou uma estrutura político-administrativa centralizada e possibilitou a concentração do poder nas mãos do Estado, estabelecendo uma rede de alianças baseadas, em sua maioria, no empreguismo e favorecimento político. A proposta política e ideológica assumida por Getúlio Vargas destinava-se a criar condições para a consolidação de uma ordem política que apontava firmemente para o autoritarismo e a contenção social<sup>46</sup>.

Segundo Bercito, a consolidação da nação brasileira, que estaria sendo alcançada durante o Estado Novo, seria a expressão maior da harmonia social trazida por este regime. Com esta idéia produzia-se a dissolução, no plano simbólico, dos conflitos sociais, na medida em que a sociedade era representada por um conceito unificador e homogeneizante: o nacional. Essa ideologia enfatizava sobretudo a construção da nação e da nacionalidade brasileira sob a égide do Estado<sup>47</sup>.

De acordo com alguns estudiosos, a composição étnica do povo brasileiro vinha sendo discutida amplamente desde as décadas iniciais do século XX. E, nesse sentido, havia aqueles que deduziam a singularidade de nossa formação cultural exatamente pelo amálgama produzido pelas tradições culturais das três raças que nos haviam formado – o índio, o negro e o branco. Entretanto, as correntes de pensamento autoritário existentes na época aproximavam-se mais da visão que apontava a miscigenação como causadora de uma deficiência de nossa composição étnica. De acordo com as idéias do “racismo científico”, com a mistura de raças, o mestiço formado herdaria as más qualidades, e não as boas, de seus pais. Cumpriria transformar isso e encaminhar a construção de uma nacionalidade forte e vigorosa.

---

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 260-261.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 26-28.

<sup>47</sup> BERCITO, 1999, p. 26-27.

O Estado Getulista integrava-se na realização dessa tarefa dirigida à construção do “novo-homem” brasileiro, a ser convertido em símbolo dos novos tempos, procurando nos afastar cada vez mais do estereótipo que se queria combater, de “povo mestiço, indolente e preguiçoso”.

A construção nacional passaria pela edificação de um povo forte, e o escopo deste novo-homem a ser criado pelo Estado Novo compreendia a edificação do trabalhador eficiente e produtivo. A preocupação do regime com a produtividade industrial é polarizadora, já que a “valorização” integral do homem brasileiro – seu vigor, saúde física e energia – está entrelaçada à produção.

O nacionalismo era a tônica do período, onde estavam postos problemas advindos de uma economia baseada no setor agro-exportador, totalmente dependente do mercado externo. O governo oferecia soluções situadas numa perspectiva nacionalista, visando conquistar uma maior autonomia econômica dentro da política de depender menos do capital externo e ao mesmo tempo incentivar a formação do mercado interno. Neste sentido, procurou-se impulsionar a ocupação econômica do território, abrindo fronteiras econômicas e povoando o interior do país, num movimento conhecido como *Marcha para o Oeste*<sup>48</sup>.

Para Bercito, este movimento assumiu um significado adicional, além da intenção declarada de levar o progresso ao interior e ocupar os vazios demográficos indesejáveis: a ideologia do Estado Novo enfatizava a necessidade da integração e da unificação do território nacional como um fator importante para a formação da nacionalidade brasileira<sup>49</sup>.

De acordo com Léia Oliveira, a cruzada da Marcha para o Oeste possui em seu conteúdo discursivo a idéia da nação em movimento, em busca de sua identidade, de sua integração e de seus desígnios. Constitui-se em mais um recurso imagético utilizado pelo regime estadonovista buscando introjetar no indivíduo anônimo o sentimento coletivo, fator preponderante para a sustentação das bases da nacionalidade<sup>50</sup>.

Vargas anunciava que a Marcha para o Oeste veio consolidar, definitivamente, os alicerces da nação; mais do que uma simples imagem, ela era

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 34-35.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 34-36.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, 1995, p. 87.

uma realidade urgente e necessária. O presidente definia, em seu discurso, que o verdadeiro sentido de brasilidade era a Marcha para o Oeste, pois repousava numa proposta que combinava colonização e industrialização.

Para Lenharo, a conquista do oeste significava para o regime a integração territorial como substrato simbólico da união de todos os brasileiros. A ocupação dos “espaços ditos vazios” não significava simplesmente a ocupação econômica da terra, transformada em geradora de riquezas; sua pretendida ocupação seria procedida de maneira especial, a ponto de fixar o homem na terra através de métodos cooperativos que redimensionariam as relações sociais de acordo com a orientação política vigente<sup>51</sup>.

Desta maneira, a transformação do oeste conquistado era também apreciada como suporte de sustentação para o *novo* implantado nas cidades, pois, de acordo com Lenharo, o desejo de Getúlio Vargas era o de irradiar para o campo também as conquistas urbanas, pois toda a estratégia do controle social estava voltada para a “valorização integral do homem brasileiro”; nesse sentido, os “benefícios” de conforto, educação e higiene deviam ser ampliados para os “operários rurais”<sup>52</sup>.

A este respeito, observa ainda o autor que a postura defensiva do governo em manter este discurso foi por não ter deixado clara a questão com relação à extensão da legislação trabalhista para o campo e que, em função da ameaça do êxodo rural, o superpovoamento urbano provocaria um desequilíbrio de conseqüências imprevisíveis e poderia ameaçar a obra social e econômica do regime.

Contudo, ainda, em seu discurso, Vargas enfatizava sobre o aproveitamento econômico que o trabalhador proprietário alcançaria através do seu programa de colonização – a Marcha para o Oeste – e da fixação do homem ao campo, referindo-se ao encaminhamento de correntes migratórias economicamente aparelhadas e produtivas e à localização de elementos nacionais dispersos.

Como se pode perceber, o mito da marcha legitimou a construção do Estado Novo no desenvolvimento de seu projeto nacionalista e, para Mato Grosso, no coletivo dos propagadores do projeto, representava, finalmente, a sua incorporação à Nação.

---

<sup>51</sup> LENHARO, 1986, p. 18-19.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 21-23.

É oportuno apresentar outros aspectos, como os efeitos imediatos das mudanças pós-30. Segundo Maria Manuela Neves, o desalojamento do poder das oligarquias agrárias sobre a estrutura política foi um dos compromissos da Revolução de 30. Em Mato Grosso esse processo deu-se pela intervenção federal, com o objetivo de eliminar o *braço armado* dos coronéis, do sul e do norte, principalmente nos complexos usineiros do *Rio Abaixo*. As reações aos interventores partiram igualmente das duas regiões pólos até com ameaças de força. Nesses primeiros efeitos, as oligarquias agrárias estaduais sentiram-se ameaçadas quanto ao seu espaço político, e no sul isso sofria um agravamento devido à provável falta do apoio de Vargas à pretensão divisionista<sup>53</sup>. As crises entre 1930 e 1937, com a freqüente substituição de interventores, configuram-se, em parte, numa resposta local aos limites impostos pela Revolução de 30 sobre as oligarquias, cujo poder ficou enfraquecido, mas não aniquilado<sup>54</sup>.

Instituído o Estado Novo (em 1937), Júlio Muller foi confirmado no cargo de interventor no governo do Estado de Mato Grosso, que exerceu até o fim do estadonovismo. De acordo com a descrição dos autores sobre essa temática, Muller acentuou, em sua gestão, o incremento urbano, e Cuiabá foi, finalmente, dotada dos equipamentos essenciais à sua configuração como capital do Estado.

Na integração de Mato Grosso ao Centro, os discursos proféticos de Vargas, embora acompanhados de interesses políticos comprometidos com o Projeto Nacionalista, tiveram como estratégia transformar os interesses particulares em gerais, colocando a “Marcha” como condicionante para o progresso do Estado. A propaganda governista no jornal *O Estado* anunciava que:

*O Oeste era considerado como uma visão mitológica, esquecido completamente dos benefícios que por certo, o haviam de colocar numa ordem de princípios emancipadores com o aproveitamento de toda sua incalculável riqueza mineral. Faltava o poder de uma iniciativa patriótica que fosse o indício claro de uma sistematização profícua de toda a sua reserva econômica em*

---

<sup>53</sup> Sobre a idéia divisionista de Mato Grosso, ver Cap. I, “A ideologia separatista: inspirações e manifestações”, em NEVES, 2001.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p.102-103.

*fazendo revertê-la, mais tarde, no interesse de toda a coletividade brasileira.*<sup>55</sup>

O Governo almejava, também, através desses recursos propagandísticos, implementar ações que realçassem as potencialidades de Mato Grosso para o Brasil. Portanto, o sentido mítico da Marcha passa a ter, no inconsciente coletivo, uma sensação de realidade e de concretude, pois todo o discurso procurava buscar e manter as aparências de uma continuidade de evolução econômica ocorrida no centro do país, e se sustentando no interior.

Para Mato Grosso houve várias propostas e tentativas de colonização, e entre elas destacam-se as de intervenções por parte do Governo Federal, como: a criação dos territórios federais de Ponta Porã e Guaporé; o golpe na Companhia Mate Laranjeiras, quando foram cassados os contratos de exploração dos ervais no Sul de Mato Grosso; a criação da Fundação Brasil Central e colonização dirigida; a criação e instalação da Colônia Nacional de Dourados; a discussão e criação do Parque Nacional do Xingu; a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (Bauru-Corumbá); e, por último, a renovação que sofreu a capital de Mato Grosso.

A criação dessas Unidades Federativas diferenciadas tinha como objetivo não somente iniciar o processo de reconhecimento, mas estimular o povoamento da região, criando condições de infra-estrutura, a fim de que o migrante adentrasse e se fixasse nesse território, desencadeando o movimento colonizador.

Não resta dúvida de que após a ocupação dos espaços, como os vales do Araguaia e Xingu, a Expedição Roncador-Xingú deveria avançar na direção sudeste-norte, objetivando atingir Manaus. As novas áreas seriam conquistadas através de núcleos civilizatórios autônomos, meio urbano e rural, servindo como uma rede cobrindo a imensa região do Oeste, posto que esses núcleos postar-se-iam como pontas de lança da colonização, de modo a estabelecer um intercâmbio com as regiões povoadas da retaguarda, e serviriam de pé de apoio à projeção das novas conquistas.

Outra revelação interessante que pode ser percebida nessa discussão, com relação às propostas para Mato Grosso nesse período, diz respeito aos significados

---

<sup>55</sup> *O Estado*, n. 774, 3 jul. 1942.

que a Marcha para o Oeste possibilitou que fossem criados, em termos de sonhos, projetos e possibilidades, dentro do imaginário coletivo.

Depreende-se que as estratégias sugeridas por Vargas, segundo Lenharo, foram iguais às utilizadas em outros momentos históricos. Do Nordeste, as levas de migrantes seriam encaminhadas para a Amazônia e para o Sul, com a intenção de esvaziar a tensão social da região, já que exatamente nela o latifúndio resistia e dificultava a intenção transformadora.

Realizar o desenvolvimento econômico de Mato Grosso era uma meta para Vargas, a ser alcançada a curto prazo, e isso se daria a partir do investimento na agricultura, e em condições de infra-estrutura para a colonização e interiorização da região, uma vez que o Brasil novo necessitava resgatar suas raízes no interior, reatando a campanha dos primeiros construtores da nacionalidade – *os bandeirantes*.

Segundo Guimarães Neto, jogando o peso de tal missão nos ombros dos trabalhadores, provenientes, sobretudo, do Nordeste, Getúlio Vargas convocava a nação a participar do esforço heróico de conquista da Amazônia, ressuscitando o espírito do bandeirante no corpo do trabalhador brasileiro<sup>56</sup>.

O desenvolvimento econômico pretendido por Vargas compreendia esforços para promover uma arrancada sob todos aspectos e com todos os métodos, fazendo coincidir as fronteiras econômicas com as fronteiras políticas. Segundo Otávio Velho, a política de avanço rumo à fronteira era um meio de preencher espaços vazios entre as ilhas econômicas que formavam o Brasil<sup>57</sup>. Portanto, reforça o autoritarismo clássico da unidade nacional e da integração, necessário à afirmação da *idéia nacional*, característica do regime republicano.

De acordo com a historiografia, a política varguista *rumo ao Oeste* compreendia algumas medidas elementares como pré-requisitos para a ocupação: construção de estradas, saneamento, educação e transportes, que atrairiam pessoas de São Paulo, Rio Grande do Sul e de Minas para o Sul de Mato Grosso e Goiás, juntamente com uma nova migração de nordestinos para a Amazônia com estímulo governamental, o que veio a resultar em muitas mortes e decepções.

Dentre os grupos de migrantes para Mato Grosso estimulados pelo governo Vargas, encontrava-se a caravana do senhor Geraldo Paulino, quem relata:

---

<sup>56</sup> GUIMARÃES NETO, 2002, p. 49.

<sup>57</sup> VELHO, 1976, p. 141.

*Naquele tempo, o governador de Mato Grosso era Júlio Muller, interventor. O senhor Argemiro Pimentel era o condutor de grupos familiares, ele conseguia as migrações das famílias cearenses, sendo ele também da mesma cidade nossa. Ele chegou lá e entrou em contato com as famílias, e foi acertada a viagem para o Mato Grosso (...) vieram 5 famílias (...) Em Petrolina, embarcamos no rio São Francisco, no vapor chamado Engenheiro Alves (...) pegamos o trem de ferro em Pirapora e fomos até São Paulo (...) Em São Paulo, ficamos 15 dias hospedados na casa de migração de lá. Aí, viemos pra Frei Castilho, onde ficamos 6 meses, trabalhando, fazendo derrubada, tirando lenha para vender às margens da estrada de ferro, eram 25 pessoas, crianças, mulheres e homens. O encarregado/condutor do grupo veio em Mato Grosso para conseguir com o governo dinheiro para comprar as passagens e trazer a caravana até Mato Grosso (...) Em Cuiabá ficamos 10 dias esperando o carro (...) Fomos para o Paraíso do Leste, distrito de Poxoréo (...) não tinha estradas e nem pontes, mas chegamos no outro lado e começamos abrir a colônia, fazer os primeiros barracos de palha e fazer a derrubada. Cada um foi entrando e demarcando seus lotes, fazendo as ruas que, até hoje existe as mesmas em Paraíso do Leste (...).<sup>58</sup>*

Da colonização dirigida pelo interventor Júlio Muller e da criação do novo tipo de trabalhador na terra, almejado por Vargas, destaca-se a narrativa do senhor Geraldo Paulino, que vem justificar essa política dirigida. Aqui, pode-se assistir, através do discurso, as dificuldades reais vividas pela caravana do narrador, ficando evidente, no relato acima, a história de luta para a sobrevivência do grupo, desde a trajetória até a chegada à área demarcada/lotes.

Nota-se, nesse fragmento apontado acima, que as famílias migrantes conseguem superar todas as intempéries da viagem, com as paradas nos trechos para a labuta visando a obtenção de alimentação para todos, e na espera pelo agenciador do Estado interventor, na busca dos recursos próprios para a manutenção da viagem e o assentamento do grupo no lugar.

Pelo conteúdo do conjunto das políticas e programas dos governantes e pelo relato do colono, é possível notar o não cumprimento de medidas elementares propostas pelo regime, dentre elas a construção das estradas e pontes, pré-requisito para a ocupação e povoamento da região.

Alcir Lenharo observa, em seu texto, as dificuldades reais que a aplicação do projeto de Vargas encontrava pela frente. O trabalhador nacional escolhido como

---

<sup>58</sup> Relato de Geraldo Paulino Alencar.

matéria-prima da nova colonização não respondia aos apelos da obra civilizadora do Estado.

Esclarece o autor que desde o momento de sua saída do ponto de origem, passando por roteiros improvisados de instalação e produção material, o migrante nacional não se apresentava como o tipo adequado do colono em busca da compra de um pedaço de terra previamente demarcado para produzir bens estipulados por uma administração burocratizada a intervir no seu cotidiano, no seu estilo de trabalho e na direção de sua vida.

Para Lenharo, não é dizer que esse migrante não conhecesse o poder vigilante e explorador que sempre o acompanhara; como também não é dizer que ele não conhecesse a cooperação espontânea de um trabalho coletivo, muito diferente, entretanto, da orientação disciplinar que receberia nos empreendimentos estatais. As razões que motivavam a evasão do migrante não coincidiam exatamente com as intenções de mobilidade e localização levantadas pela política estatal. Impunha-se ganhar o migrante para uma causa que não era a sua<sup>59</sup>.

Essas dificuldades podem bem ser uma das fortes razões da estratégia de encaminhar os migrantes nordestinos para realidades tão diferentes das suas, a ponto de quebrar-lhes a resistência cultural e forçá-los à socialização desejada, fosse no meio urbano, submetidos a uma proletarianização rápida e intensa, fosse na Amazônia, transformados em seringueiros num meio hostil e amarrados a uma cadeia de trabalho cruel e desumano.

O período do Estado Novo (1937-1945) coincidiu, em boa parte, com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No começo, a posição brasileira foi de neutralidade, ocasião em que se intensificou o esforço dos setores produtivos. As dificuldades de importação trazidas pela eclosão da guerra ampliaram a abertura do mercado interno ao produto nacional, favorecendo as atividades industriais, que conheceram novas frentes.

Segundo a historiografia, a Segunda Guerra chegara ao fim e seus efeitos, no entanto, continuaram. No âmbito mundial impunha-se a reorganização das áreas de influência, uma redefinição dos papéis dos diferentes países no cenário mundial, além das penosas tarefas de reconstrução.

---

<sup>59</sup> LENHARO, 1986, p. 59-60.

A historiadora Sônia Bercito diz que, no Brasil, os aspectos ideológicos envolvidos no conflito causaram enormes danos à ditadura de Getúlio Vargas. Ao definir-se pelos Aliados na Segunda Guerra Mundial, o Brasil colocara-se ao lado dos ideais democráticos e contra o fascismo. Mas como justificar o Estado Novo nesse contexto? Diante desta contradição, a ditadura de Vargas começou a desmoronar<sup>60</sup>. Também, não se pode esquecer a existência de oposições internas descontentes com a ditadura, amordaçadas pela repressão estadonovista. As prisões, perseguições e censura que existiam durante a ditadura reprimiram as manifestações visíveis, mas não conseguiram aplacar as discordâncias com o regime.

A sociedade brasileira mobilizou-se, exigindo um posicionamento do Brasil no conflito mundial, rompendo anos de silêncio. A partir daí passaram a ocorrer manifestações a favor das liberdades democráticas e da instalação de um governo representativo. Desta feita, começam a aparecer os primeiros sinais de enfraquecimento do regime ditatorial.

Assim, o Estado Novo terminou com a renúncia de Getúlio Vargas, que se retirou em seguida para a sua estância em São Borja, no Rio Grande do Sul.

As eleições de 2 de dezembro de 1945 decidiram pela vitória do Eurico Gaspar Dutra para a presidência da República, quando foram escolhidos os congressistas, deputados e senadores, que teriam a importante tarefa de elaborar as leis do país. O governo Dutra iniciou-se a 31 de janeiro de 1946, sob o clima do liberalismo econômico, antiestatizante e francamente simpático ao capital estrangeiro.

Segundo Lincoln Penna, no governo de Dutra foi abandonada a idéia do desenvolvimento econômico sustentado pelo Estado, passando-se esta tarefa à iniciativa privada e adotando-se uma orientação com o objetivo de reduzir drasticamente as funções econômica do poder público<sup>61</sup>.

No plano da política interna, Dutra encarregou-se de por em vigor a Constituição promulgada em seu primeiro ano de mandato, assim como devolveu aos partidos políticos a função de escolher seus candidatos aos cargos majoritários e proporcionais. Por ocasião das eleições de 1947 realizou-se a escolha dos governos eleitos.

---

<sup>60</sup> BERCITO, 1999, p. 52-56.

<sup>61</sup> PENNA, 1999, p. 209.

Segundo Penna, durante a gestão Dutra, embora não se tenha concretizado o desmantelamento da capacidade intervencionista do Estado, procedeu-se a uma relativa paralisia da tendência centralizadora dos comandos econômicos. Seus feitos resultaram na elevação da inflação, no desequilíbrio da balança de pagamentos e, em consequência, na dependência crescente do país. Foi um governo que se revelou profundamente conservador e tímido diante de tarefas exigidas pela dinâmica do capitalismo<sup>62</sup>.

Ao finalizar a década de 1940 termina o governo de Eurico Dutra, que acabou seu mandato sem deixar marcas muito profundas na memória dos brasileiros, ofuscado pela figura marcante do ditador que havia ajudado a derrubar e que viria a sucedê-lo.

Vargas retorna ao poder em 1951, dessa vez pela via eleitoral. Com as eleições realizadas em 1950, Getúlio Vargas cumpria a promessa de voltar à presidência. O ex-ditador voltaria novamente ao Catete, conduzido, desta vez, como havia prometido, pelos “braços do povo”.

Uma viagem pela historiografia brasileira visando situar como estavam as propostas para homens e mulheres na primeira metade do século XX, implica em revisitar a história construída pelos olhares dos inúmeros historiadores nos vários periódicos que circularam no período em estudo, em conhecer a maciça documentação oficial produzida pelos governantes, e somando a esse conjunto de fontes documentais escritas, buscar os relatos e memórias dos trabalhadores/colonos e daqueles que se deslocaram para Mato Grosso naquele período, cuja atração, *a priori*, foi Poxoréo. Essa imbricação de fontes tem possibilitado sobremaneira a elaboração de outras fontes, em que os relatos, registros e memórias vêm proporcionar a investigação e a construção da história numa outra perspectiva.

---

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 213.

## CAPÍTULO II

### Narrativas de itinerantes

#### O imaginário da partida e os caminhos da viagem

*O Sonho é uma aventura que o sonhador viveu sozinho e do qual somente ele pode lembrar: mundo estanque, impermeável, que exclui a menor interseção. Daí a tentação de imaginar duas ou várias pessoas, ou mesmo uma multidão, tendo o mesmo sonho, ou sonhos equivalentes, ou complementares. Os sonhos então se corroboram, se ajustam como peças de um quebra-cabeças; adquirem a mesma densidade, a mesma estabilidade que as percepções da vigília; são verificáveis como elas e, como elas, melhor do que elas, criam entre os seres vínculos raros, secretos, estreitos – irrecusáveis.*

(Roger Caillois)

A construção simbólica da partida, bem como os relatos que narram as lembranças, as motivações e os sonhos de chegada em outros lugares, outros tempos, permitem identificar as matrizes do imaginário que se encontram nas bases dos grupos migrantes para Poxoréu, na primeira metade do século XX, e permitem analisar os seus significados, os conteúdos simbólicos e as suas estreitas ligações com os sistemas de representações responsáveis pela tecitura da vida social.

É no movimento das lembranças que, em suas narrativas, os colonos organizam as caminhadas, fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a *executam*<sup>63</sup>. As lembranças passam a ser recolhidas a partir da vida material, aquilo que está à disposição e que possui valor simbólico, no momento em que desencadeia o fluxo da memória. Bachelard argumenta que “memória e imaginação não se deixam dissociar,

---

<sup>63</sup> BACHELARD, 1988a, p. 25.

ambas trabalhando para o seu aprofundamento mútuo, ambas constituindo, ordem dos valores, uma união de lembranças com a imagem”<sup>64</sup>.

No afã de narrar a memória de sua partida, D. Nena deixa transparecer em sua fala essa união, memória e imaginação, bem como a sua emoção de estar rememorando mais uma vez o sonho do novo lugar. Relata que, ao lembrar sobre a história de sua partida, vem à tona o sonho, aquele sonhado antes mesmo que a partida fosse executada. Assim, narra:

*Eu sonhei lá na Bahia que eu vinha de caminhão pelas estradas. Sonhei que na estrada dormimos num acampamento aonde o povo trabalhava num monjolo socando arroz e eu vi aquilo tudo, numa casa de palha nós dormimos. Pois foi dito e feito, nós dormimos nesse lugar. Quando eu cheguei no lugar eu contei o sonho para as pessoas. Eu tive esse sonho dessa viagem lá na Bahia e aconteceu, eu dormi na mesma casa igual à do sonho, casa de palha do meu sonho.*<sup>65</sup>

O sonho de D. Nena pode ser entendido como uma visão, quase um pressagiar da viagem, e depreende-se que ela, ao ver o lugar da paragem de sua família e amigos, colou o seu sonho nele. Para compreender essa relação humana com o imaginário e a imaginação, inicia-se tecendo considerações e reportando a obra de Jean-Paul Sartre sobre o imaginário<sup>66</sup>, na qual apresenta a imaginação como algo essencial ao homem e de que ele não pode se desfazer e nem dispensar, uma vez que ela faz parte dos atos de sua consciência<sup>67</sup>.

No intuito de compreender essas imagens advindas da criação imaginária, deve-se, primeiramente, distinguir que essas imagens não são cópias das nossas percepções, são intenções diferentes. A imaginação depende das percepções e elas se distinguem, essencialmente, pois são atos diversos da consciência intencional, pois todo ato da consciência tem uma base material. Sendo assim, a base material das sensações e os atos que a apreendem são vividos pelas pessoas na percepção dos objetos, isto é, na consciência da sensação que os apreende.

---

<sup>64</sup> BACHELARD, 1988b, p. 148.

<sup>65</sup> Relato de Clemência Silva Dourado. Em 1946, com a morte de seu filho mais novo, decidiu, com seu esposo, Elizio Avelino de Souza, fazer parte do grupo de itinerantes. Não havendo outro jeito para esquecer sua perda e dor, venderam seus bens e uniram-se à caravana de parentes e amigos rumo à cidade de Poxoréo, deixando para traz a dor e a saudade do filho morto.

<sup>66</sup> SARTRE, 1996.

<sup>67</sup> Sobre esse assunto, ver MOUTINHO, 1995.

No sentido sartreano, a consciência, em sua totalidade, é reflexiva e pré-reflexiva, ou inconsciente – e é sempre intencional. Assim, a sensação em si mesma é desprovida de significado, pois é o sujeito que dá sentido às coisas, à sua vida, ao seu trabalho, à sua própria existência. Esse ato de atribuição de sentido é um dos atos fundamentais da consciência humana.

Conforme Sartre, há uma distinção entre a base material da percepção e a base material da imaginação. A base material da percepção nos dá a coisa nela mesma. Essa base pode ser a mesma do objeto imaginário, só que este não nos dá a “coisa nela mesma” e sim como “objeto imaginário”, ou seja, como um objeto que não está aqui presente.

Assim, a distinção entre percepção e imaginação não é, pois, de intensidade, mas sim de natureza qualitativa. Elas são, em essência, dois atos distintos da consciência intencional.

A intencionalidade da consciência mostra que esta é sempre temporal, que está sempre aberta ao horizonte do tempo. No ato da imaginação, este nos leva ao passado e à memória. O que já passou se faz lembrança do já vivido e é trazido, na presença atual, como perspectiva que se entreabre ou como possibilidade futura, ou seja, o futuro não é, mas pode vir a ser.

Essa dinâmica do tempo presente na imaginação supõe a base material do já vivido, das experiências passadas, das lembranças, da memória da cultura sedimentada, da memória social, política e histórica. Essa dinâmica da consciência do tempo é poderosa na imaginação do que na percepção.

Voltando à questão do imaginário como um ato da consciência, há que se ter a clareza de que quando se fala de imagem está se falando, na verdade, de consciência de imagem. Não há imagem desvinculada da consciência. Assim, segundo Sartre, ter essa consciência não significa, necessariamente, ter a consciência de um conteúdo concreto dessa imagem.

Pela descrição fenomenológica do imaginário compreende-se que o ato de imaginar põe o imaginante diante de uma ausência perceptível, e que a consciência imaginante constitui o objeto imagem. Este objeto não é uma ilusão ou uma ficção, ou ainda, e simplesmente, sinônimo de não-realidade.

É preciso ressaltar que o imaginário não é apenas cópia do real. Ele tem um poder simbólico que encarna e se expressa em múltiplos sentidos; ele é como um

ícone, um símbolo. É através desse poder simbólico que se pode entender o imaginário.

O imaginário faz a sua presença em imagens, mas é, ao mesmo tempo, uma forma expressiva. A imagem se expressa, pois, com uma forma simbólica, e por isto, quando alcançamos, ela se apresenta com um certo sentido. O sentido da imaginação coloca expressão simbólica nela mesma.

Para alcançar o significado do imaginário é preciso que nos distancieemos da evidência imediata em que ele se dá. Este é o trabalho da reflexão, que, ao voltar-se sobre o imaginário já vivido no plano pré-reflexível, é capaz de explicar o sentido do imaginário. Assim, a reflexão não é apenas consciência clara e translúcida como se apresenta nas investigações lógicas. Ela é, igualmente, a possibilidade reflexiva do imaginário.

Finalizando essas considerações sobre o imaginário na perspectiva sartreana, ele chama a atenção para não se confundir a imaginação enquanto faculdade de produzir imagem ou de visar um objeto ausente, mas existindo em outro lugar, com o imaginário enquanto faculdade de deformar e de modificar as imagens. Este último liga-se à experiência humana de busca de liberdade sem barreiras e condições, de abertura para novos horizontes desejados; ele afasta-nos para longe da realidade que aí está e que muitas vezes nos incomoda e nos deixa insatisfeitos. Ele nos desperta para novas aspirações e desejos.

Bachelard, que foi um dos responsáveis, no campo da filosofia, pela revalorização do imaginário e da imaginação, estabelecendo a sua legitimidade, argumenta que “a imaginação não é, como o sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade”<sup>68</sup>.

Nessa perspectiva, as imagens formadas através das histórias de vida são histórias de pessoas que viveram a trajetória da viagem e que constroem seus imaginários sobre a partida, e muitas vezes ultrapassam a realidade do vivido. São histórias narradas com marcas de uma trajetória de caminhos árduos e difíceis, mas repleto de experiências e significados sociais.

Ainda com relação ao imaginário, Liana Trindade e François Laplantine observam que seu sentido conduz à compreensão e à superação da realidade, pois a

---

<sup>68</sup> BACHELARD, 1988b, p. 161.

imaginação tornou-se o caminho possível que permite não apenas atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade. Portanto, essas imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores, são sempre de natureza preceptiva e não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. “Assim, a imagem de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que se sabe sobre esse objeto externo”<sup>69</sup>.

O imaginário<sup>70</sup> de homens e mulheres na primeira metade do século XX, através dos seus discursos, mostra que acreditavam ir ao encontro da terra de abundância, da terra enquanto morada, meio de sobrevivência, patrimônio e, sobretudo, enquanto lugar, isto é, enquanto materialização de relações sociais e simbólicas.

Reportando entre as análises, no que diz respeito ao imaginário social, a de Maria Helena Capelato e Eliane Dutra dizem que “o imaginário não se reduz à formação de imagens. Ele ultrapassa a imaginação, que é a transposição de uma coisa ou de uma idéia sob a forma de uma representação sensível. O imaginário é consciência da imaginação mais do que consciência da coisa ou consciência de uma idéia”<sup>71</sup>.

Nessa perspectiva, entende-se, portanto, que os grupos migrantes com atração para Poxoréo, encontravam-se em diferentes redes de significações mas, criaram condições, apreenderam novos procedimentos, mobilizaram socialmente afetos, emoções e desejos; portanto, construíram um imaginário social<sup>72</sup>.

Assim, o imaginário desses itinerantes/trabalhadores sobre o viver de ontem e o entender das condições do presente estão carregados destas experiências. As imagens predominantes dos tempos de antes e do agora vêm bipolarizadas pela miséria e pela fartura. Dentre as condições apontadas como responsáveis por sua miséria estão: a expulsão de muitos de territórios de lavoura, onde a fome abre uma fenda maior; a destruição de relações de trabalho e de vida que garantiam a moradia no campo e o plantio de trechos de chão para o próprio sustento da família.

---

<sup>69</sup> TRINDADE e LAPLANTINE, 1997, p. 7-11.

<sup>70</sup> O imaginário é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção (*Ibidem*, p. 24).

<sup>71</sup> CAPELATO e DUTRA, 2000, p. 227-254.

<sup>72</sup> A palavra Poxoréo é grafada na língua Bororo: *pó ceréu*, em que *pó* = água e *ceréu* = escuro (rio de águas escuras).

Na procura dos novos espaços, dos sonhos de farturas, homens e mulheres partem de tudo quanto é canto em busca de seu sonho. O sonho dessas famílias é o da terra, capaz de oferecer oportunidades para todos aqueles que guardavam expectativa de dar um passo além dos limites conhecidos, e é recheado de projetos de vida dos colonos e de seus familiares. São pessoas que migraram, atravessando fronteiras, trazendo em seu bojo, sonhos, perdas, realizações e conflitos de alteridade, e, mais, trazendo também muitas expectativas para colonizar a terra – o lugar.

Destarte, Bosi diz que a colonização não pode ser entendida como uma simples corrente migratória; “ela é a resolução de carências, de conflitos da matriz e uma tentativa de retornar sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório”<sup>73</sup>. E depreende-se das suas considerações que esse processo é configurado por um cenário de intolerância, exploração, ambição e morte, quando se refere aos contatos entre os diferentes grupos sociais e étnicos que constituirão o mundo cultural e social brasileiro. Desta maneira, o deslocamento, a mobilidade social, acontece de forma diferente, pois os espaços são deixados pela idéia de um Mato Grosso de fartura.

## A partida e os espaços deixados

*Um homem se humilha, se castram seus sonhos  
Seu sonho é sua vida e vida é trabalho  
E sem o seu trabalho o homem não tem honra  
E sem a sua honra, se morre, se mata  
Não dá pra ser feliz;  
Não dá pra ser feliz.*

(Gonzaguinha)

A rememoração do passado pelos narradores, com as imagens dos lugares deixados, é um fato muito presente nas histórias de vida dos narradores. Os seus relatos possibilitam e também fornecem imagens para a análise das representações do

---

<sup>73</sup> BOSI, 1992, p. 13.

espaço deixado e do sonho de conquista. Segundo Michel de Certeau, “o espaço é um lugar praticado”, e acrescenta ainda que “o espaço é uma realidade duradoura. É através do espaço que a imaginação ou o pensamento é capaz de reconstruir a categoria das lembranças”<sup>74</sup>.

Nesse exercício intenso e laborioso, homens e mulheres trazem à baila as imagens que formaram enquanto suas mãos e idéias construíram a vida cotidiana. Não se pode desconsiderar que essas imagens estão ancoradas na afetividade de acontecimentos e marcadas pelos sentimentos que provocaram em quem os vivenciou. Todavia, apesar dessa ancoragem e das marcas provocadas, as histórias desses narradores traduzem a reconstrução de imagens e experiências vividas.

Nas lembranças de uma vida vêm o bonito e o feio, o íntegro e o incoerente, o comum e o incomum, o sucesso e o fracasso, a alegria e o desespero, o amor e o ódio, a coragem e o medo, a luta e a preguiça. Os fragmentos de vida desses homens e mulheres que participaram e vivenciaram esses deslocamentos rumo a Poxoréo ajudam entender a construção social do grupo nos diversos lugares, em diversos caminhos e, também, nos longos desvios. Por outro lado, ajudam a repensar o contexto histórico-social reservado à época para esses homens e mulheres. Contudo, conseguiram driblar este enfadado destino de peregrinação, de viver pelas margens, tendo, alguns, conseguido realizar aquilo que haviam imaginado antes da partida, ou seja, conseguiram vivenciar com a chegada em Poxoréo. Dos argumentos de Walter Benjamin depreende-se que as histórias que essas pessoas construíram trazem as experiências do vivido, da sabedoria tecida na substância viva da existência.

Das experiências vividas por esses itinerantes, destaca-se a história de D. Esmeraldina que, ao narrar, lembra os tempos de vida difícil, fala de sua saída de Barreiras -BA e conta sobre a luta nas estradas e a chegada em Poxoréo, tudo isso ainda muito vivo em sua memória. Sentada em sua cadeira de balanço, cercada por objetos com fortes representações simbólicas, a cada embalada da cadeira a narradora rememora a sua história, como também fala daqueles que iam chegando na cidade de Poxoréo, homens e mulheres já sem recursos, mas com muita vontade de lutar, de conquistar e realizar os sonhos. O seu rememorar é um convite à participação na história, pois possibilita um forte envolvimento no que está sendo contado.

---

<sup>74</sup> CERTEAU, 1994, p. 163.

Desta maneira, passo a palavra à narradora, D. Esmeraldina, que rememora as lembranças dos espaços deixados, as experiências vividas e a motivação para o deslocamento dos grupos de familiares:

*Tínhamos notícias muito boa daqui, que chovia muito, e lá estava uma seca tremenda, inclusive toda a nossa planta ção morria tudo, não colhíamos nada, e aí meu pai ficou nervoso e resolveu vir para o Mato Grosso (...) A seca era assim, dava uma chuva aí plantava, parecia que estava tudo bem, depois, nada de chuva, quando de manhã estava mais ou menos, quando era a tarde já estava secando. O gado emagrecendo, era muita tristeza, tristeza demais. (...) Quando tinha seca, às vezes faltava água e mantimento. O poço secava, tinha que abrir outra cacimba. Nos morávamos perto do rio também, pois quando tinha chuva, a água descia no rio que nem um avião; mas quando a chuva parava aí a água secava ficava apenas uma veiazinha d'água só. Quando era o período das secas, nos íamos pegar a água (...) Outras vezes, eu deitava no areão e esperava minar a água, encher o pote para levar para casa.<sup>75</sup>*

D. Esmeraldina aponta as motivações que contribuíram para o processo de deslocamento da caravana de sua família para Poxoréo. Destaca em sua narrativa *as notícias boas que tinham de Mato Grosso*, e faz referência à chuva no novo lugar; ao mesmo tempo, fala da falta da água na antiga morada e aponta a seca como um referencial forte e ao mesmo tempo simbolizador de notícias ruins, como perdas, mortes e tristezas, fatos que estimularam a decisão de sua família pelo deslocamento<sup>76</sup>.

Do seu relato, percebe-se que os fenômenos naturais atuam também socialmente e com uma clara seletividade, pois seus efeitos incidem em especial sobre o contingente despossuído, a massa de trabalhadores rurais, tais como colonos sem terra, sem água, donos apenas de sua força de trabalho<sup>77</sup>.

---

<sup>75</sup> Relato de Esmeraldina Sodré de Oliveira.

<sup>76</sup> Em seu texto *A invenção do Nordeste e outras artes*, Durval Muniz de Albuquerque Júnior esclarece que “a questão da influência do meio era a grande arma política do discurso regionalista nortista, desde que a seca foi descoberta em 1877, como um tema que mobilizava, que emocionava, que podia servir de argumento para exigir recursos financeiros, construção de obras, cargos no Estado etc. O discurso da seca e sua ‘indústria’ passam a ser a atividade mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do norte, diante da decadência de suas atividades econômicas principais” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 58).

<sup>77</sup> Em *Nordeste - mito & realidade*, Yná Andrighetti informa que “ao longo dos séculos, as melhores terras do litoral e do interior do Nordeste foram destinadas à cana-de-açúcar, aos rebanhos e ao algodão. Nos trechos menos férteis e de menores recursos hídricos, trabalhadores pobres tentaram

Esta relação de D. Esmeraldina com a água, com a chuva e as secas, enfim, essas imagens são representações de vida e morte, criação e destruição, pois condensam atos e símbolos humanos em seu cotidiano. Desta reflexão recolhe-se a compreensão de que o ser humano é existência, é o despertar consciente de uma vida repleta de detalhes, micro-sentidos e significados. Bachelard diz que “o indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares”<sup>78</sup>. Na sua narrativa, a água tem significado, sentido único de sobrevivência, de vida.

Lúcia Helena Cunha pondera, em seu texto *Significados múltiplos das águas*, que:

*A água é um elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários (...) A água se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados (...) A água é matéria, e por mais material que seja, embala os sonhos, é fonte de inspiração poética, tal como se presencia nas imagens e símbolos humanos, em seus atos, na morte e na vida: a água move e umedece o real (...).*<sup>79</sup>

Portanto, a água como representação da vida se inscreve no domínio do simbólico, materializando sonhos e inspirando poéticas em torno de atos da fecundação, da vida e da morte, por isso ela está presente em todas as tradições humana, exaurindo significados que não só representam beleza, liberdade e purificação, mas fonte de criação e destruição. Ela move e umedece o real.

Outra revelação sobre espaços deixados encontra-se na narrativa do Sr. Pedro Gomes da Rosa, o *Baianinho*, onde fica em relevo que o deslocamento de sua família foi motivado pela vida difícil no Nordeste, sendo que a forma encontrada pelo grupo para garantir a partida, o transporte dos bens materiais e a manutenção da viagem foi desfazer-se do pouco que tinha, com a venda da casinha de telha e dos cabritos, conforme aponta:

*Foi um ano nessa jornada, pelas dificuldades e crises que nós enfrentamos lá no nordeste. A vida nossa lá não era boa, minha avó vendeu a sua casinha de telha, ela era viúva*

---

desenvolver a produção de alimentos, em pequenas propriedades familiares que se tornaram as vítimas preferenciais da seca. Assim nasceu o nordeste. Assim nasceu a pobreza no nordeste” (ANDRIGHETTI, 1998, p. 18).

<sup>78</sup> BACHELARD, 1989, p. 8.

<sup>79</sup> CUNHA, 2000, p. 15-16.

*e tinha 30 cabeças de cabrito, me lembro como hoje, ela deu essas 30 cabeças de cabrito em troca de uma jeguinha com cangalha para irmos para o Mato Grosso, a vida não era fácil, era muito difícil (...) Ficamos sabendo sobre o Mato Grosso porque tínhamos um parente aqui em Poxoréo e também recebíamos algumas cartas de amigos que tinham vindo para cá (...).*<sup>80</sup>

Depreende-se, do seu relato, uma atitude de enfrentamento às crises vividas no antigo lugar. Impulsionado, também, pelas cartas de amigos o grupo luta por mudanças, busca novos lugares e novas experiências. A jornada de um ano vivida por Pedro e sua família nas estradas, enfim, pelos caminhos e descaminhos, é vista como um desafio, como promessa de dias melhores em outros lugares. Sua fala encontra-se impregnada de significados, quando busca pela harmonia, que pode ser compreendida, também, como uma harmonia edênica<sup>81</sup>.

Por meio das histórias de vida, verifica-se que essas representações são transmitidas também através das cartas para aqueles que permaneceram em outros lugares. Cartas que, ao chegarem ao destino, são coletivizadas, instigando os grupos de famílias através do imaginário construído e logo provocando, portanto, o desejo de mudança para *o lugar real e irreal, imagens essas, descritas, desenhadas nas cartas, provoca uma teia de sonhos e esperança.*

As cartas eram, para esses trabalhadores, como um convite à viagem para as terras do morro e das chuvas; traziam no seu bojo imagens cuidadosamente escolhidas que serviam de encantamento no desafio de conquista de um lugar. A conjugação que se estabelece entre o texto das cartas e as imagens parece sublinhar a atitude deliberada do remetente em persuadir o destinatário a compartilhar, ao seu modo, ao seu gosto, a paisagem e realidade que está apresentando. De uma maneira ou de outra, as cartas procuravam estabelecer uma comunicação entre ausentes e assim restituir uma distância.

Os conteúdos dessas cartas versavam também sobre emoção e alegria, trabalho, família, saúde, animais, pessoas conhecidas além de mencionar saudades e enviar lembranças aos parentes e às pessoas conhecidas.

---

<sup>80</sup> Depoimento de Pedro Gomes da Rosa.

<sup>81</sup> Faz-se aqui uma analogia dessa harmonia. É Poxoréo a terra em que Deus pôs a mão: com o chamado de Deus a Abraão para a terra prometida, diz Gênesis (12:1): “O Senhor disse a Abraão: Sai-te de tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei” (BÍBLIA SAGRADA).

Das narrativas, percebe-se que, além das motivações apontadas acima –as notícias boas sobre as chuvas, a seca, as cartas recebidas de parentes e amigos –, houve outras motivações que também foram decisivas para o deslocamento desses colonos. Dentre elas destaca-se a Coluna Prestes, movimento conhecido pelos migrantes nordestinos como *o grupo dos revoltosos*. Segundo José Augusto Drummond, a Coluna Prestes, que teve outras denominações, como Tenentismo, Grandes Marchas, Coluna Invicta e ainda Coluna Miguel-Costa Prestes, é entendida, também, como um fio unificador e ponto máximo das rebeliões militares no Brasil entre julho de 1924 e março de 1927.

De acordo com este autor, a Coluna era referida, no período de 1922 a 1930, como um grupo de militares jovens de oposição armada que pretendeu derrubar, pela força, os governos de três presidentes da República e todo o sistema de alianças que os sustentavam. Este movimento almejava republicanizar o Brasil dentro da Constituição vigente<sup>82</sup>.

Uma parte da historiografia brasileira descreve a Coluna Prestes como representante de uma esperança nacional de que pela primeira vez uma revolução faria vibrar a expectativa popular e ainda provocaria as diversas apropriações que tal evento representava.

Drummond apresenta o percurso da grande marcha, informando que ela se estendeu aproximadamente por 25 mil quilômetros e que essa distância toda foi percorrida a cavalo e a pé. Em diversos dos estados por onde passou ocorreu a adesão de grupos civis, como os grupos libertadores gaúchos; um número significativo de imigrantes, principalmente italianos, alemães e húngaros radicados em São Paulo; e por ocasião da passagem pelas regiões de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Maranhão, a adesão foi significativa, mas vale ressaltar que, mesmo com as adesões de civis, prevaleceram as considerações de natureza militar<sup>83</sup>.

Destaca ainda o autor que a coluna incluía um pequeno grupo de cinquenta mulheres que tiveram presenças significativamente valorizadas, como na preparação de alimentos, atendimento aos feridos e contatos com as populações civis, sendo que por vezes ainda combatiam.

---

<sup>82</sup> DRUMMOND, 1999, p. 43-46.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 45-46.

A Coluna assume papel relevante nessa história, além de tornar-se fio condutor de imagens sobre as paisagens e belezas das terras de algumas localidades de Mato Grosso, por ocasião do percurso da grande marcha pela região em busca de adesão dos grupos civis. Trata-se de um movimento que participou na construção do imaginário dos integrantes da própria coluna e do de muitas pessoas em diversas localidades brasileiras.

Entende-se que a passagem da Coluna pelos garimpos do leste de Mato Grosso (região do Garças) significou uma experiência marcante para o grupo de Prestes, pois, de acordo com Domingos Meirelles, os revoltosos entraram em Mato Grosso seguidos de perto pelos jagunços do Coronel Horácio de Matos e se refugiaram junto aos garimpeiros<sup>84</sup>. Conta o autor que os rebeldes da Coluna ficaram fascinados com as histórias de luxúria e riqueza que brotaram durante as conversas com os garimpeiros do rio Araguaia:

*Os olhos dos revolucionários brilham diante de casos fantásticos de gente muito pobre e humilde, como eles, que enriqueceu da noite para o dia e que saiu pelo mundo acendendo cigarro com notas de mil-réis. Garimpeiros que compraram fazendas, gado de raça, carro novo. Garimpeiros que alugaram todas as mulheres da zona, durante dias seguidos, só para festejar com os amigos o fim da pobreza (...).*<sup>85</sup>

Meirelles argumenta, ainda, que o número significativo de garimpeiros na região, que representava um exército de homens magros e de rosto chupado que revolia compulsivamente o cascalho, com água pelo peito, à procura de diamante, há muito vinha chamando a atenção de Prestes, pois quase todos andavam armados, com revólveres e espingardas de caça, e sempre que encontravam uma pedra de valor comemoravam o acontecimento disparando para o alto.

Para Meirelles, houve tentativas por parte de alguns membros da Coluna de atrair os garimpeiros para as fileiras de luta, que foram sempre inócuas, dado que o discurso revolucionário sobre justiça social, democracia, direitos individuais,

---

<sup>84</sup> “Coronel Horácio de Matos, chefe sertanejo que organizou e comandou o famoso Batalhão Patriótico Lavras Diamantina, na Bahia, na perseguição aos revoltosos (Coluna Prestes), (...) Comandou um batalhão de 613 homens, sendo 21 oficiais e os demais, jagunços da região escolhidos a dedo pelo próprio coronel e, assim, fustigou a Coluna Prestes através da Bahia, Goiás, Mato Grosso até a sua entrada em San Matias – Bolívia” (MEIRELLES, 1999, p. 564).

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 598.

liberdades e lutar contra governo eram palavras abstratas, sem qualquer significado no universo em que eles viviam. Por outro lado, os garimpeiros também incentivaram os rebeldes a se juntar a eles, no garimpo, numa atividade muito mais lucrativa do que sair por aí, como salteadores, trocando tiros com a Polícia e o Exército. A lógica desse raciocínio começava a seduzir a tropa, pois com as fantasias de riqueza, o garimpo passou a ser um estímulo à deserção, gerando preocupação com o risco de a Coluna se desintegrar. Mas o Comando Maior da Coluna, em discursos apaixonados em defesa da unidade das forças revolucionárias, conseguiu o endosso da maioria da oficialidade e reverteu a situação, com a Coluna seguindo, então, seu rumo<sup>86</sup>.

Nesse contexto, no imaginário social brasileiro é perpassada a idéia mítica de *Mato Grosso como uma visão de paraíso e como lugar da terra prometida*. O mito produzido promoveu um significativo número de deslocamentos de homens e mulheres em busca do *novo lugar*.

Todavia, a Coluna ainda propicia aos diversos narradores os relatos de suas relações no movimento, nas histórias contadas por familiares e amigos sobre o conflito e nas diversas práticas de apropriação cultural com formas diferenciadas de interpretações e representações. Esse fato pode ser localizado no testemunho de D. Esmeraldina, quando narra a lembrança desse acontecimento, de que ouviu contar, quando da passagem da *Coluna de Revoltosos* pelo sertão baiano:

*Lá, tivemos também uma revolta, assim, contam que, quando eles estavam vindo, os revoltosos, então todos iam para o mato. Quando vinha a notícias que eles iam passar lá em casa, e aí escondíamos no mato, pois, quando eles passassem não iam encontrar ninguém na casa. Para a alimentação do grupo né, eles pegavam os nossos alimentos e quando o seu animal estava magro, cansado, deixavam lá e pegavam os nossos, gordos. Olha, eu sei que falavam que eram revoltosos mas eu não sei de que área eram eles.*<sup>87</sup>

Ao rememorar suas experiências, D. Esmeraldina ainda não compreende as causas dos conflitos, das perdas, do medo, mas destaca em seu relato que sabiam, através *das notícias*, que os revoltosos estavam chegando. Em seu discurso ela fala sobre a passagem dos revoltosos pelo sertão baiano e pela sua morada. Procura ainda

---

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 599.

<sup>87</sup> Relato de Esmeraldina Sodré de Oliveira.

demonstrar que esse conflito provocou medo, perdas materiais, quando os rebeldes se apropriaram dos animais e de alimentos de sua família, mas deixa em relevo que a chegada das notícias também era motivo de medo e desespero nos grupos de familiares.

Desta maneira, o movimento conflituoso entre o Governo e a Coluna Prestes trouxe momentos de pânico e medo para alguns vilarejos nordestinos. O significado da notícia, da propaganda do governo, provocava o abandono da casa e a fuga da família para o mato.

Quando chegavam nas zonas rurais, essas notícias eram recheadas de represálias para aqueles que atendessem às requisições de materiais da Coluna<sup>88</sup>. Desta maneira, a fuga era a única forma de defesa, de garantia e de sobrevivência, uma vez que tinham que preservar a vida e ainda fugir das identidades imprecisas dos rebeldes, garantindo a lealdade às lideranças locais.

Como se pode observar, as mensagens adequadas do governo tinham como intuito obter a adesão das populações, em função de garantir a ordem vigente.

O historiador Edgard Carone aponta algumas manifestações por parte do Governo Federal, com o então Presidente Arthur Bernardes, que, para derrotar os revolucionários usou da propaganda, acrescida de estragos e requisições, levando a população a hostilizar homens cujos objetivos ela não entendia e não podia entender. No Ceará, a população atacou os revolucionários porque pensava – como dizia a propaganda bernardista – que eram ateus e iam prostituir as mulheres; em Goiás, os fazendeiros resistiram por causa das requisições de cavalos. Em suas andanças, a Coluna palmilhava o sertão e fugia das áreas mais povoadas, procurando o apoio de revolucionários locais e a ajuda da população no fornecimento de víveres e informações<sup>89</sup>.

Ao difundir sua versão sobre os fatos, o Estado impunha uma “verdade”, o que garantia o seu poder e ao mesmo tempo excluía outras “verdades”; contudo, elas não deixavam de existir. Michel Foucault argumenta que “o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que

---

<sup>88</sup> As requisições tinham um caráter de promessa de pagamento posterior à vitória da “revolução”.

<sup>89</sup> CARONE, 1989, p. 48.

diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”<sup>90</sup>.

Desse modo, o discurso do Governo Federal acerca da Coluna era destaque nos jornais do país – face ao “estado de sítio” que o Brasil vivia. Era um estado de censura imposto desde o início da revolução, levando grande parte da população ao desespero e ao medo.

A narrativa de D. Esmeraldina traduz esse entendimento sobre o caráter do *medo*. Suas lembranças possibilitam vislumbrar a forma como se projetaram na memória popular as lutas desencadeadas pela Coluna Prestes e as representações construídas a partir do discurso oficial. Este seu relembrar, pelo que ouviu contar sobre *os revoltosos*, está em sua memória, muito presente, vivo. Da luta travada pelos grupos revolucionários e tropas federais (governo), ela tem total desconhecimento, sabe apenas que com este conflito, as pessoas tinham a sensação de viver uma guerra e relata que tinham muito medo.

O medo, naquele momento, tinha suas razões de ser, e ainda hoje perpassam pela memória daqueles que narraram a convivência com os revoltosos as suas práticas e apropriações a partir dos mitos e medos criados em relação à Coluna Prestes. Jean Delumeau diz que:

*O medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos e explícita ainda sobre o medo de seu semelhante que mata, viola e até devora suas vítimas; e acima de tudo, medo do desconhecido, de tudo que precede e segue a breve existência do homem.*<sup>91</sup>

É bem provável que o conjunto de informações, notícias boas sobre as chuvas, as cartas, as secas e a propaganda do Governo sobre a Coluna Prestes tenha provocado em muitos migrantes a construção do sonho da partida, o de procurar outros rumos, outros lugares. Dessa construção, e da vontade social aliada às imagens construídas através das notícias de Mato Grosso, é que emergiu a vontade de um número significativo de mulheres e homens, trabalhadores desprovidos de condições para o sustento de seus familiares, de se deslocarem à procura de condições de permanência e de estratégias de sobrevivência.

---

<sup>90</sup> FOUCAULT, 1984, p. 8.

<sup>91</sup> DELUMEAU, 1989, p. 19 e 21.

Se por um lado o Governo “cria” uma Coluna Prestes “perigosa”, que expulsa homens e mulheres de seus lugares, ao mesmo tempo os jornais, aqueles aliados à política do Governo, criam a idéia de paraíso, atraindo homens e mulheres para um outro lugar, específico e paradisíaco, como foi o caso de Mato Grosso. Nesse sentido, essas duas frentes, governo e imprensa, aliadas às cartas das famílias, juntam-se, reforçando o discurso de que Mato Grosso é o Paraíso.

Desta maneira, vale observar as idéias criadas pelos jornais da época – quando descreviam que o fluxo de pessoas para Mato Grosso tornara-se muito grande e informavam em suas manchetes sobre aspectos da natureza mato-grossense e também do espaço geográfico – enquanto produto histórico e social das relações que estavam sendo estabelecidas com o meio circundante.

O jornal *A Cruz*, órgão da Liga Católica Brasileira de Mato Grosso, incorporou esse ideário político. Urgia criar um discurso fundador que seria ao mesmo tempo requerente e instaurador dos princípios e signos da modernidade para Mato Grosso. Tal papel foi também reservado para a Igreja, que, ao seu modo, foi colaboradora na difusão daquele ideário. A essa cruzada da Igreja em Mato Grosso coube a divulgação das riquezas da terra, associadas à implantação das benesses oferecidas pelo movimento modernizador.

*No paiz dos diamantes – as riquezas do nosso subsolo ainda pouco conhecidas e quase inexploradas, são de um valor incalculável e constituirão num futuro não muito remoto preciosa fonte de renda para o thesouro e de prosperidade para o Estado. Por agora conduziremos o leitor ao paiz dos diamantes, ao legendário rio da Garças (...) Os afluentes da margem direita do Garças são os mais importantes (...) carregam as riquezas diamantíferas, deve haver uma quinzena de anos que indivíduos vindos da Bahia ali se estabeleceram e descobriram o primeiro garimpo do Garças, esses indivíduos garimpeiros em seu Estado foram influenciados pelos cascalhos semelhantes aos dos rios que já haviam trabalhado. (...) realizados as suas esperanças (...). Ali foram encontrados os mais belos diamantes um deste é de propriedade do Coronel Carrige, em Mineiros, Goyaz. A esperança de riqueza rápida e fácil levou ao Garças muita gente, hoje, cerca de 1500 a 2000 pessoas ali trabalham exclusivamente do garimpo numa extensão de mais de 60 léguas, a partir da nascente do rio .<sup>92</sup>*

---

<sup>92</sup> *A Cruz*, órgão da Liga Católica Brasileira de Matto Grosso, n. 464, 2 maio 1920, p. 2.

A propaganda ideológica difundida através dos meios de comunicação constituiu-se em suporte para a legitimação dos interesses do regime à época, utilizando-se de mensagens adequadas aos interesses do poder constituído e às condições dos receptores, aos seus desejos e sonhos. Isso provocou a inclusão da idéia de fartura, riqueza e prosperidade no imaginário popular. Esse discurso foi insistentemente construído sobre Mato Grosso, seja, pelas fontes da imprensa escrita, pelas diversas reportagens que funcionavam como um dos atrativos mais sedutores para as pessoas de toda a nação, seja pelas cartas, ou ainda pelos movimentos políticos que se juntaram aos discursos do governo. Assim, torna-se possível perceber a articulação existente entre o imaginário e a memória na produção das representações sobre as terras de Mato Grosso.

Ao elaborar a matéria citada abaixo, o jornal *O Araguaya*, órgão noticioso e defensor dos interesses dos garimpeiros, indiretamente encarna e legitima o discurso oficial quando destaca, em sua matéria, várias temáticas no sentido de que Mato Grosso se encontrava ainda inexplorado e que estaria aberto para a exploração de suas riquezas. De qualquer ângulo que se queira olhar a notícia, a busca é pelo envolvimento emocional da população brasileira para as questões mato-grossenses.

*Matéria: O Brasil desconhecido – O que se passa pelo coração do Brasil – Os garimpos e os Garimpeiros – uma rápida palestra com o eng. Morbeck. A historia do diamante (almejada). O conceituado vespertino Folha da Noite de são Paulo publicou a seguinte entrevista com o Dr. Morbeck, a qual data vênha transladamos para estas colunas.*

*A terra: lá bem para a parte oriental do Brasil, ocupando a parte central, existe uma enorme faixa de terra quase inexplorada que no mapa geográfico é conhecido como Mato Grosso, conhecido como um lindo recanto da terra brasileira. Mato Grosso um estado grande pela sua extensão, não logrou ainda conquistar no seio da União o destaque a que pela sua riqueza tem feito jus. Suas riquezas naturais: a mineração como a maior fonte de riqueza do estado, esta compreendida na extensa zona do Araguaya e seus tributários. Existe, entretanto uma região a que aflui grande número de forasteiros. Da Bahia, do Pará, do Amazonas destacam ininterruptamente levadas e levadas de garimpeiros. Vão para o garimpo dos Garças onde já encontram numa atividade assustadora, o argentino, os norte-americanos e holandeses.<sup>93</sup>*

---

<sup>93</sup> *O Araguaya*, edição da gazeta mercantil (cerca de 1926), Ano I, n. 8, p. 1.

Mato Grosso, o *eldorado* apresentado à Nação através dos seus inesgotáveis recursos físicos, minerais e geográficos, sustentou o projeto de vida e o sonho de muitos homens e mulheres, na busca pelo novo lugar, a terra de riqueza, a terra para a sobrevivência, a terra bem aventurada.

A terra para esses narradores vai ao encontro do discurso do Sr. Geraldo Paulino, que relata:

*(...) alguém veio aqui e voltou, a imagem era que aqui não faltava chuva e tinha terra em abundância e de fato era. Ninguém fazia conta de terra, e era de graça. Chegando já ia tomando conta, o governo dava esta oportunidade, em Dom Aquino foi a mesma coisa (...).*<sup>94</sup>

Um outro aspecto do seu relato refere-se ao sentimento que é dado para a terra. Para os colonos itinerantes, a terra não é vista apenas como fator de produção, como preço de mercado, como valor de troca; para eles a terra é carregada de outras conotações, de outras significações, é vista como céu, como lugar de morada, lugar de criar os filhos, enfim *o lugar da gente*.

É na terra que está o sentimento de pertencimento e identificação, que estão as expressões modeladas e recriadas ao nível dos discursos, das culturas. Ela é impregnada de significados constitutivos do processo de enraizamento humano, *pois a terra é aonde a gente vive*.

Os migrantes constituíram, neste período em estudo, caravanas de homens à procura da terra desconhecida e “bem aventurada”. Por seus relatos torna-se possível a materialização da memória, permitindo que o acesso às informações seja ampliado pela riqueza das imagens, dos dados, cujas dimensões significativas os levantamentos de natureza simplesmente factual não contemplam.

Deste modo, os procedimentos aqui adotados possibilitam o retraçar das trajetórias dos sujeitos e das suas relações com o espaço social. Todavia, ao rememorar adentram num universo de pensamentos e lembranças que possibilitam a atualização de acontecimentos marcantes do cotidiano e de suas trajetórias.

---

<sup>94</sup> Relato de Geraldo Paulino Alencar.

## Pés na estrada: as múltiplas formas de viagem

Ao iniciar algumas considerações sobre a trilha da memória e lembranças das trajetórias, alguns narradores contam sobre as múltiplas formas da viagem, quando destacam que era comum, principalmente entres os baianos, partirem em grandes grupos, em caravanas<sup>95</sup>, que se reuniam para atravessar os longos caminhos, os diversos desvios; outros relatam que vieram em grupos menores, compostos de solteiros, os escoteiros; outros se deslocaram apenas com a família; e existem ainda aqueles que viajaram sozinhos.

Na busca do lugar, homens e mulheres deslocavam-se utilizando diversos meios: no lombo de burro, cavalo, caminhão e barco, além dos que relatam que vieram a pé. Outros há que perderam seus animais, extenuados pela longa viagem, e tiveram que vencer os caminhos a pé até a chegada em outros lugares ou até Poxoréo<sup>96</sup>.

É nesse cenário que se pode estabelecer uma reflexão entre a força dos significados socialmente definidos e que são registrados cotidianamente na memória e, em outros momentos, a forma como o acontecimento histórico vivido se constitui em um território de experiências transcendendo ao socialmente estabelecido. E, de acordo com aos testemunhos orais, muitos saíram das suas terras ou somente dos seus trabalhos, de suas regiões, como as do sertão baiano, agreste cearense, interior de Goiás e de outras localidades brasileiras, em busca de sobrevivência para seus familiares.

---

<sup>95</sup> Segundo a memória dos narradores, *caravana* é entendida como um encontro de pessoas que estabelecem relações socializantes em espaço e tempo históricos comuns e cujos integrantes introduzem neste lugar social um comportamento prático, cotidiano, mediante o qual se ajustam ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro. Nesse sentido, caravana aqui refere-se ao deslocamento de grupos, famílias, pessoas que estavam abertos a ouvir, ler, receber, aceitar informações, histórias, notícias, propagandas de que haveria um outro lugar como um sonho onde todas as carências seriam sanadas.

<sup>96</sup> A cidade de Poxoréo possui, hoje, uma área de 6.923,3 km<sup>2</sup>, pertencente à mesorregião 130 – sudeste mato-grossense, à micro-região 537, denominada Tesouro, segundo classificação do IBGE. Seu relevo enquadra-se no planalto dos Alcantilados, que é elevado e escarpado, o Morro da Mesa e as demais formas do relevo estão esculpidos em arenitos da Formação Bauru, em argilítos e arenitos com siltitos da Formação Aquidauana e, nas partes mais baixas, nos folhelhos e siltitos da Formação Ponta Grossa. Já a cobertura vegetal é bastante homogênea, dominando a Savana Arbórea Aberta e a Floresta Estacional Decidual. Tem uma população de 20.030 habitantes, incluindo zona rural e urbana. Está localizada a 240 km da cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso (IBGE/2003 e BRASIL/ 1982).

Ao rememorarem suas histórias, os depoentes baianos, apontam as dificuldades que enfrentavam em sua região: por ocasião das secas, pela falta de trabalho, dos conflitos vividos com a presença dos revoltosos<sup>97</sup>, pela ausência de escolas para a educação dos filhos, pela vida de suplício e de agonia.

Na organização dessas viagens, era fundamental contar com as tropas de burro. Essas tropas garantiam a estrutura da viagem, pois além de serem animais resistentes também se adequavam às condições da região. Por outro lado, esse animal possui função simbólica para o homem nordestino, pois, como signo, não poderia ficar fora desta aventura. A representação simbólica do burro/jumento para o imaginário humano remonta a tempos imemoriais.

Acredita-se que a primeira importação do jumento nordestino – provavelmente descendente do norte-africano – tenha sido feita por Martin Afonso de Souza em 1534, deslocando-os das Ilhas da Madeira e Canárias para São Vicente. Mas foi na caravana de Tomé de Souza que o jumento chegou na Bahia, por volta de 1549. O seu uso como animal de carga, na lavoura e também como animal de sela se deve à sua condição de ser altamente rústico, resistente e extremamente adaptado às condições adversas do trópico semi-árido.

Simbolicamente é o animal que conduz ao triunfo. Aludindo ao imaginário judaico-cristão, o jumento é coadjuvante em várias passagens bíblicas, tanto no Novo como no Velho Testamento. Uma das passagens bíblicas mais radicais é a que trata do encontro de Balaão e sua jumenta com o anjo do Senhor, no livro de *Números* (22:21-30), em que o texto fala da ira de Deus contra Balaão e manda o seu anjo matá-lo, e por três vezes a jumenta o salva: “A jumenta viu o Anjo do Senhor parado no caminho com sua espada desembainhada na mão e desviando do caminho, meteu-se pelos campos”.

No Novo Testamento, *Mateus* (21:1-11), *Marcos* (11:1-11), *Lucas* (19:28-40) e *João* (12:12-19) retratam como Jesus cumpriu a profecia<sup>98</sup> entrando triunfalmente em Jerusalém montado numa jumenta: “Dizei à filha de Sião: Eis que aí vem o teu Rei, manso e montado em um jumento, em jumentinho, cria de um

---

<sup>97</sup> No entendimento dessas pessoas, *revoltosos* é a designação dada ao movimento revolucionário do Tenentismo (Coluna Prestes).

<sup>98</sup> A profecia está registrada no livro de *Zacarias* (9:9), no Velho Testamento, e diz: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; escuta ó filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei, ele é justo e traz a salvação, ele é humilde e vem montado sobre um jumento (...)” (BÍBLIA SAGRADA).

animal de carga” (*Mateus*, 21:5)<sup>99</sup>. Diante disso, o homem carrega essa imagem simbólica do jumento, aquele que sabe o caminho, que conduz com segurança e triunfo ao lugar da coroação, como um modelo daquilo que o ser humano não pode vir a esquecer; essa representação diz respeito à experiência humana com o sagrado. Assim, a imagem do jumento está imbuída de uma profunda significação.

Com relação à representação, o jumento apresenta-se como uma possibilidade de conceber, conhecer e comunicar-se com esse universo sagrado que é muito forte e presente no imaginário da humanidade, uma vez que o sentido aparece sempre como uma fonte de algo novo, de vida nova, e por outro lado assegura sua continuação. Pois, segundo Falcon, “as representações sociais (ou imaginário coletivo) são freqüentemente expressas (ou mesmo materializadas) através de signos, sinais, emblemas e símbolos”<sup>100</sup>. Assim, o jumento é, para os nordestinos, um signo, uma representação<sup>101</sup>.

As caravanas eram guiadas por homens responsáveis por essa tarefa, que as conduziam a pé e cuidavam de outras tarefas, mas havia também a mula madrinha, um animal manso, velho e experiente, que era colocada à frente como líder das demais. Segundo os narradores, a mula madrinha era toda enfeitada e guiava essas caravanas triunfalmente rumo aos lugares.

O entendimento sobre caravana ganha também sentido de organização, conforme bem representa o comentário a seguir, de D. Esmeraldina Sodré, que veio para Mato Grosso em 1940, aos 17 anos de idade, com sua família, para trabalhar na lavoura. Atualmente reside em Poxoréu e tem onze filhos. Sentada em sua cadeira de balanço e cercada de objetos e memórias – fotografias de família, imagens e objetos artesanais do seu local de origem – ela relata:

*Na organização da viagem, cada família, levava seus animais de carga com os seus pertences. Olhe, na Bahia era comum, para viajar comprava-se muita carne e salgava, ainda colocava na bagagem rapadura e farinha, e assim, viajava o tempo todo, o dia que chegava no pouso mais*

---

<sup>99</sup> Sobre esse assunto ver MILES, 2002.

<sup>100</sup> FALCON, 2000, p. 42.

<sup>101</sup> Conforme Falcon, “representações, etimologicamente provém da forma latina representare - fazer presente” ou “apresentar de novo”. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma idéia, por intermédio da presença de um objeto (...). Outro sentido mais específico era: “colocar um objeto no lugar do outro”, encenar um acontecimento, “re - apresentado-o” no presente. Ver FALCON, 2000.

*cedo, dava tempo de fazer arroz e refogadinho de carne e feijão. Nós cozinhávamos o feijão à noite. Esta viagem foi um tempo, quase um ano (...) A nossa caravana era composta de cento e poucas pessoas, mas em Goiás elas começaram a separar. Mas foi uma viagem cansativa porque nós atravessamos o Estado de Goiás e os animais que nós vínhamos montando morreram todos, não agüentaram a viagem. Então a gente enfrentou tudo de a pé, passamos naquelas 60 léguas sem gente, até muito perigoso que era, eles pegavam as pessoas naquela época e matavam (...).*<sup>102</sup>

Ao lembrar, D. Esmeraldina narra sobre a forma como foi organizada a sua viagem. Passa, em seu relato, a descrever as difíceis condições da viagem e ainda confidencia as relações que eram estabelecidas nos trechos, o cotidiano do grupo no percurso, a resistência e a luta pela sobrevivência. Do discurso percebe-se a luta que foi travada com o desconhecido; a separação dos grupos familiares; as perdas com as mortes dos animais e os perigos vividos nos trechos desabitados. Mesmo cansativa, a viagem é justificada pela busca de melhores condições de vida para a sua família.

Essas falas trazem elementos que permitem entender o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, e ainda, compreender como se deram as divisões e delimitações dessa organização do mundo social e, neste caso específico, permite captar o sentido mais particular e historicamente mais determinado dessas caravanas bem como a organização nas estradas da esperança. Parafraseando Chartier<sup>103</sup> em suas considerações sobre os discursos, as representações do mundo social assim construídas e as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros. São essas representações que vão fornecer aos grupos uma organização conceptual no mundo social, construindo, assim, a sua realidade.

Um outro narrador, que viajou em grupo menores, denominados *escoteiros*, é o Sr. Pedro Gomes da Rosa, nascido em 1929, no município de Barreiras -BA, mais especificamente no distrito de Canabrava. Deslocou-se para Mato Grosso em 6 de agosto de 1939, chegando em Poxoréo no dia 10 de agosto de 1940. Atualmente é Diretor da Associação Beneficente dos Garimpeiros do Estado de Mato Grosso, com sede em Poxoréo.

---

<sup>102</sup> Relato de Esmeraldina Sodré de Oliveira.

<sup>103</sup> Ver CHARTIER, 1985.

O contato com o depoente deu-se na sede dos garimpeiros, lugar impregnado de lembranças e sonhos de riquezas. Ao falar da viagem de sua família, seus olhos lacrimejavam. A sede dos garimpeiros é um lugar de memória que se abre à escuta dos ecos de lembranças congeladas. Encontra-se em sua fala, ao mesmo tempo, sentimento de orgulho e satisfação de poder fazer parte dessa história e também de estar ajudando alguns garimpeiros que hoje moram na sede da Associação, pois muitos perderam o contato com seus familiares e alguns ainda acreditam no sonho de pegar um grande diamante.

Assim ele relata sobre a forma de viajar de sua família:

*Eu vim com minha avó e com meu pai. Meu pai era quase cego, e ainda uma tia e um tio, mas era uma caravana formada por umas dez pessoas mais ou menos que vinham nos acompanhando. Nós fazíamos parte dos escoteiros, que eram os com grupos menores (...).<sup>104</sup>*

A história do Sr. Pedro é concentrada de tensões formadas por um grupo pequeno. Fala o depoente que estes grupos menores viajavam em busca dos mesmos sonhos e com a resolução de encontrar a nova morada.

Homens e mulheres guardiões dessas memórias históricas conduzem às cenas vividas no conjunto das diversas formas de viagem. Imagens que se tornaram presentes num tempo em que viveram/presenciaram o acontecido. Portanto, no decorrer dessas narrativas os fatos e momentos vividos vão fazendo parte de uma construção permanente de sua existência. Rememorar tudo o que aconteceu, mediante o contato com as pessoas, lugares, vozes, músicas, leva esses sujeitos a associarem impressões vivazes, evocando apenas partes significativas do passado vivido.

Dessa forma, a memória cumpre o seu papel, e o ato de recordar dos sujeitos traz de volta o que ficou inscrito. Examinando Halbwachs sobre a arte de lembrar, Ecléa Bosi diz que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A Memória não é sonho, é trabalho”<sup>105</sup>.

---

<sup>104</sup> Relato de Pedro Gomes da Rosa.

<sup>105</sup> BOSI, 1994, p. 55.

As lembranças constituídas nas relações sociais são mantidas nos diversos grupos e também nos espaços sociais da família, do trabalho, do lazer e da religiosidade, ancoradas no vivido, na experiência histórica. Segundo Maurice Halbwachs, só existe memória quando há sentimento de continuidade presente naquele que se lembra. Quando não se constitui em ruptura entre o passado e o presente, a memória retém do passado apenas o que está vivo ou “capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”<sup>106</sup>, produzindo-se no presente como representação do passado.

Ao buscar compreender a memorização desses colonos sobre as diversas formas de viajar, não se pode perder de vista a ponderação de Halbwachs: “Temos freqüentemente repetido: a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifesta-se já bem alterada”<sup>107</sup>.

Para ele, cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, variando de acordo com o lugar social que é ocupado; esse lugar, por sua vez, transforma-se em função das relações que se estabelecem com outros meios sociais. Para lembrar, parte-se de noções e de conhecimentos comuns aos grupos a que se pertence ou se pertencia, dentro dos quadros sociais estabelecidos e assegurados por esses grupos. Halbwachs não hesita em conferir aos grupos uma memória coletiva; estudar uma memória coletiva, como por exemplo, a da família ou, nesse caso, o das caravanas, significa celebrar sua vivificação e a preservação dessa memória.

Reconstruir as trilhas das memórias de caravanas e escoteiros possibilita uma leitura da história silenciada, esquecida, de mulheres e homens que aceitaram o desafio de recolonizar uma parte do Brasil. São relatos de memória do cotidiano da travessia, dos tempos múltiplos de antes da partida, da chegada, de experiências diversas; de alegrias e tristezas do fazer, de táticas e estratégias de sobrevivência de uma expressiva parcela pobre do país.

Não parece ser necessário discutir em pormenores a questão do velho como memorialista. Ecléa Bosi já o fez em seu livro *Lembranças de velhos* e demonstrou que eles possuem a autoridade de um narrador que pode recorrer ao acervo da

---

<sup>106</sup> HALBWACHS, 1990, p. 81.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 71.

experiência e de toda uma vida. Nas lembranças dos velhos aparece a resistência às transformações, deslocamentos e substituições. Inspirada em Benjamin, Halbwachs e Henri Bergson, Bosi define que ser velho é ser também guardião de um passado que se foi; é trazer à vida, através da rememoração, fatos e lugares que foram, mas deixaram marcas. Rompendo os limites entre o passado e o presente, os velhos podem trazer a memória do tempo, do espaço, a memória política, a memória do trabalho e das caravanas que testemunharam.

Retornando ao relato de Pedro Gomes, percebe-se em sua fala que as praticas na organização das viagens eram estabelecidas através da montagem dos grupos. Pelo olhar dele, os grupos menores, escoteiros, eram muitas vezes compostos apenas de homens solteiros, que se deslocavam a princípio sem as famílias, mas com a resolução em encontrar o lugar sonhado e depois voltarem em busca daqueles que ficaram.

Já D. Carmozina Lima dos Santos narra assim sua experiência na trajetória:

*A minha trajetória foi vir engarranchada nas costas de um burro, e hoje estou aqui. Não sei bem, mas a nossa caravana era a família de meu pai e a família de outro, mas não dei conta de contar, pois eu tinha doze anos. Na estrada eu achava bom. Menina gosta da fuzarca. Na trajetória tinha era briga e choradeira de menino (...) A nossa viagem durou dois meses. A idéia era vir para Poxoréo, nós viemos no rumo, em busca de melhoras (...).<sup>108</sup>*

Este pequeno fragmento relata a forma como a sua trajetória foi entendida. Revela a narradora que, montada em um animal, conseguiu vencer os trechos e, pelo rumo, sua família e amigos chegaram em Poxoréo em busca de melhoras. A saída de sua terra parece significar uma tentativa de romper com aquele mundo de agonia e desalento; registra que, pelo rumo, procuravam ouvir o apelo do destino e a incessante busca pelo fim da estrada. Muitos colonos percorreram diversos caminhos e descaminhos, perseguindo o sonho que os levaria à terra bem aventurada, e foi assim que muitos homens e mulheres trilharam os caminhos rumo a Poxoréo.

Quem conta sobre a trajetória do seu grupo, a forma de viajar e os trechos percorridos é D. Nena, que recorda sobre a sua saída da Bahia, e diz que:

---

<sup>108</sup> Relato de Carmozina Lima dos Santos.

*Partiu de Canabrava, depois foram para Ponte Nova e Itaveraba ainda na Bahia. Conta que em Itaveraba, pegaram o trem e foram até Montes Claros em Minas Gerais, depois, ainda em Minas, foram de caminhão para Belo Horizonte, e aí pegaram o trem até Uberlândia e depois um outro caminhão conduziu o grupo até Guiratinga, e de Guiratinga foram até Poxoréo através de montarias, como em mulas, burros e cavalos.<sup>109</sup>*

Outra lembrança é a de Jurandir, que rememora sobre outras formas e trajetórias para a chegada em Poxoréo quando conta que:

*Havia grupos de itinerantes que subia o rio São Francisco de vapor até Santa Maria da Vitória, mais ou menos aí eles pegavam o trem. Chegando na Barra do Pirai, faziam outra baldeação e vinham até Campo Grande, de trem. Aí, pegavam o caminhão e chegavam até Porto Esperança e daí pegava a embarcação para Corumbá, depois, pegavam uma chalana e chegavam em Cuiabá.<sup>110</sup>*

A caravana do Sr. Geraldo Paulino de Alencar, descrita a seguir, enquadra-se no mesmo trajeto descrito por Jurandir. Dessa maneira, o Sr. Geraldo Paulino registra a forma como foi construída, através de vários meses, a sua trajetória:

*A vinda, a trajetória nossa foi pelo convite de um conterrâneo que veio aqui no Mato Grosso primeiramente, o senhor Argemiro Pimentel. (...) Naquela época, vieram 5 famílias, saímos de pau-de-arara, o proprietário do caminhão era o Zé Negrinho, que embarcou todo mundo, as malas e os caixotes. Saímos de Ararape e chegamos em Campos Sales, depois Santa Cruz e fomos até Petrolina. Em Petrolina, embarcamos, no rio São Francisco, no vapor chamado Engenheiro Alves, fomos até Pirapora, onde pegamos o trem de ferro até São Paulo, capital. Em São Paulo ficamos quinze dias hospedados na casa de migração de lá. Ai viemos pra Frei Castilho onde ficamos 6 meses, trabalhando em Alfredo Castilho, São Paulo, fazendo derrubada, tirando lenha para vender nas margens da estrada de ferro, seis meses passamos, eram 25 pessoas, família, mulheres, crianças, acampados com a família. O encarregado das passagens, que era o Argemiro, veio aqui em Mato Grosso para conseguir mais passagens para trazer o pessoal (...) Em Cuiabá ficamos dez dias esperando o carro. Arrumado o carro, dai fomos até Dom Aquino, onde ficamos um ano e meio, de lá fomos para Paraíso do Leste, distrito de Poxoréo. E 15 km antes do Paraíso do Leste não*

---

<sup>109</sup> Relato de Clemência Silva Dourado.

<sup>110</sup> Relato de Jurandir da Cruz Xavier.

*tinha estrada, era de a pé carregando alimentação, crianças tudo nas costas até Paraíso do Leste (...).*<sup>111</sup>

A caravana de Sr. Geraldo Paulino possui um aspecto diferenciado das demais, uma vez que ela se enquadra dentro de uma das políticas governamentais visando a ocupação dos “espaços vazios”<sup>112</sup> implementadas entre os anos trinta a quarenta, tendo entre suas ações a Marcha para o Oeste. É, portanto, nesta fase “Getúlio” que a burocracia estatal articula e oficializa uma estratégia de ação para a interiorização de grandes contingentes populacionais. Na construção da Marcha, segundo Lenharo, “todas a estratégia de propaganda armada sobre o slogan da Marcha para o Oeste visava, entre outros alvos, criar um clima de emoção nacional de modo a que todos os brasileiros se vissem marchando juntos, e, conduzidos por um único chefe, consumassem coletivamente a conquista, sentindo-se diretamente responsáveis por ela”<sup>113</sup>.

As expectativas dos grupos estavam vinculadas às imagens do processo migratório inter-regional construído na década de 1930. Conforme já referido, o mito do *sonho de riquezas* criado no lugar social denominado Poxoréo ofereceu a esses grupos migrantes estímulos para mudar. Entre os migrantes que embarcaram nessa viagem prevalecia a imagem de seus locais de origem como sendo lugar de atraso, de pobreza, dos maltratos, tanto pela natureza quanto pela falta de vontade dos governantes.

Ao contrário deste contexto, o Estado de Mato Grosso era visto como o lugar de fartura, onde encontrariam soluções para os problemas de trabalho e de melhora de vida. Era essa imagem de fartura que era representada e propagada por todas as formas de comunicação. As notícias forneciam uma visão do Oeste como

---

<sup>111</sup> Relato de Gerado Paulino Alencar.

<sup>112</sup> “Espaços vazios” – A ocupação dos espaços ditos vazios significava não simplesmente a ocupação econômica da terra, transformando-a em geradora de riquezas; sua pretendida ocupação seria procedida de maneira especial, a ponto de fixar o homem na terra através de métodos cooperativos, que redimensionassem as relações sociais de acordo com a orientação política vigente. Significava, portanto, para o regime de Vargas, a conquista do oeste, a integração territorial como substrato simbólico da união de todos os brasileiros. E por outro lado, no que diz respeito ao Oeste, também, nessa parte do Estado de Mato Grosso, a imagem da exploração de um território ainda virgem não corresponde à realidade. Se Barra do Garças não passava então de um povoado com uma centena de palhoças, o garimpo, no entanto, há muito encontrava-se socialmente estruturado; de um lado 30 mil garimpeiros, e de outro 30 capangueiros, exploradores do seu trabalho. (LENHARO, 1986, p. 75).

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 14.

espaço de abundantes recursos naturais passíveis de exploração lucrativa e com possibilidades de se construir atividades produtivas, de comércio e outras.

Era esse imaginário sobre a fantástica abundância e as projeções de farturas fácil que impulsionava a corrida para esse espaço. Naquele momento, tais representações eram para construir essa grande nação.

No que tange a Poxoréo, elas foram construídas através de notícias que circulavam de boca em boca, dos noticiários transmitidos pelo rádio e revistas da época, e, ainda, do imaginário resultante e cultivado pela passagem da Coluna Prestes por Mato Grosso, movimento este que pode ser visto como um fio condutor de imagens de um destino particular de um homem ou de grupo de homens. De acordo com Walfrido Moraes,

*O desenraizamento que se verificou quando da marcha da Coluna Prestes pelo sertão baiano e no Brasil de modo geral, ocorreu uma dilatação de fronteira e ampliação do horizonte para tantos que só conheciam, até em 1926, os limites apenas da Cordilheira de Sincorá (BA). Oferecia, agora, perspectivas imensas para o êxodo (...) O regresso dos heróis, de muitos populares, os coronéis, como o Coronel Horácio de Matos e outros, que na campanha contra a Coluna Prestes, que relatam coisas, das lutas com os rebeldes e lutas com as coisas, de um mundo deficiente, de paisagens diferentes, de cidades diferentes que jamais imaginaram que existissem (...) falam das mulheres lindas, nos cabarés, que amaram, beberam cervejas e conhaques juntinhos (...) e falam finalmente nos garimpos riquíssimos do Rio das Garças, do Araguaia, do Aquidauana, do Caçununga e Lageado (...) na inflexão de suas vozes e no quebrar do brilho dos seus olhos, que já falam de tudo isso com saudade.<sup>114</sup>*

Ao narrarem suas histórias de vida e os seus deslocamentos por Mato Grosso, e ao transitarem por esse universo político, social e cultural brasileiro, à época, os colonos migrantes emitem sinais, experiências de acordo com o imaginário construído e realizado. Esse imaginário é representado para alguns nas informações obtidas nas cartas, nos sonhos, nas riquezas que se encontravam nas águas, chuvas, terras férteis e ricas de diamantes, o que se traduz, em vários olhares e discursos, e eles ainda moldaram as suas formas e meios de deslocamentos. Por outro lado, o que vem fortalecer esses discursos são as outras motivações, decorrentes dos contatos

---

<sup>114</sup> MORAES, 1963, p. 188 a 210.

com os grupos revoltosos, das propagandas e programas de governo, tudo isso proporcionando a construção dos diversos discursos.

Sob esta ótica, incorporo aqui as proposições de Roger Chartier acerca das representações dos discursos que produzem estratégias e práticas sociais que tendem a impor uma autoridade à custa de outros com o intuito de legitimar um projeto reformador ou justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas<sup>115</sup>.

---

<sup>115</sup> Ver CHARTIER, 1985, p. 17.

## CAPÍTULO III

### Vida cotidiana: entre caminhos e paragens

*Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente a partir do interior. É uma história a meio - caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.*

(Michel de Certeau)

O cotidiano desses colonos, entre caminhos e paragens, compõe um cruzamento de histórias, fragmentos de histórias de homens e mulheres em suas trajetórias. Cada hábito vivido no cotidiano desses grupos itinerantes é que centrará as análises dessa etapa de estudo. Segundo Certeau, “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”<sup>116</sup>.

Do discurso de cada narrador abre-se a possibilidade de refletir sobre a trama da vida comum, as relações com as coisas, as mediações com os objetos e com o mundo dos lugares, dos caminhos, descaminhos e dos múltiplos tempos.

Nesse mundo cotidiano invisível dos itinerantes, outro personagem complexo e multifacetado é o tempo. Personagem concreto e ao mesmo tempo abstrato; sem tempo não há história, o próprio tempo é vida, e este personagem é simultaneamente fruto da reflexão do historiador, o tempo é uma idéia aplicada ao estudo e à compreensão da realidade social.

Trata-se de um tema caro à reflexão, pois as sociedades e culturas humanas diferem radicalmente em suas maneiras de conceber e apreender o

---

<sup>116</sup> CERTEAU, 1996, p. 31.

seu movimento. A construção de um calendário, além de referir-se a processos naturais como o dia e a noite, ou as estações do ano, remete também à periodicidade dos ritos, das festas, das cerimônias públicas que expressam o ritmo da vida coletiva e asseguram sua regularidade.

Define-se, desse modo, um tipo de tempo com forte conteúdo simbólico – a antropologia o batizaria mais tarde de *tempo estrutural* –, diferente da noção de tempo abstrata da física ou da matemática, ou mesmo da metafísica, e também do tempo que denominamos histórico<sup>117</sup>. O tempo histórico é diacrônico, valoriza a sucessão de acontecimentos.

O tempo estrutural é sincrônico, repetitivo, com conteúdos cognitivos e afetivos característicos. É um tempo social fortemente ligado à experiência vital e à visão de mundo de uma sociedade ou de uma civilização.

Esta noção cronológica que compõe o ofício do historiador é altamente ocidentalizada. Ao escrever ele considera o tempo zero, início de uma pesquisa. Portanto, o recorte da pesquisa trabalha com tempo limite. Na sua escrita impõe valores dessa escala finita. É por isso que Certeau, em *A escrita da história*, propõe uma nova inversão do vetor – *presente, passado*. O que ele leva em consideração é o *ponto zero*, o seu recorte é a época em que o historiador está falando. É aí que se dá o engendramento do micro no macro, ou vice-versa. Nessa inversão vetorial o historiador produz relação micro-macro do seu recorte temporal com o todo.

A dimensão do tempo das diversas formas de trajetórias convive, no entanto, com outras dimensões temporais muito presentes nas narrativas dos trabalhadores quando relatam a história social do dia-a-dia das caravanas e de outras formas de travessias. Sempre relegado ao terreno das rotinas obscuras, o cotidiano tem-se revelado na história social como área em que se multiplicam formas peculiares de vida, de resistência e luta.

Por outro lado, as rotinas dos cotidianos têm levado as pessoas a romperem com os ritos sufocantes desse movimento, e isso tem feito homens e

---

<sup>117</sup> Na micro-história a questão da temporalidade assume especial interesse. O tempo da micro-história considera sua inspiração antropológica e a sua preocupação etnográfica, é o tempo das estruturas, mas é, também, simultaneamente, considerado seu propósito fundamental o de resgatar personagens anônimos, imbróglis aparentemente banais ou situações-limite de determinada época, o tempo do acontecimento (ver VAINFAS, 2002).

mulheres partirem e buscarem na viagem o prenúncio de coisas novas, de paisagens diversas, onde cheiros e gostos nunca antes provados lhes satisficam os sentidos. É no movimento de uma transformação profunda das relações sociais que a vida cotidiana vai se redefinindo e tomando atuais as formas e o conteúdo. Parafraseando Le Goff, o cotidiano situar-se-ia no cruzamento de alguns novos interesses da história, cabendo ao historiador estudar a cultura material e os vestígios de práticas capazes de explicar a vida diária das populações.

As narrativas sobre as travessias são carregadas de recordações pessoais, como foi descrito anteriormente, das condições de sobrevivência nos vários caminhos percorridos. Evocando suas lembranças, o Sr. Pedro narra:

*Nós viemos com duas jeguinhas carregadas, eu vim a pé calçado com uma alpercata de couro, um chapeuzinho de couro e uma cabacinha que pegava um litro de água; a nossa jornada era de fazer 3 a 4 léguas por dia e com fome (...) E nós viemos matando tamanduá bandeira, veado para comer porque não tínhamos o que comer, a coisa era brava, vínhamos passando fome, mas graças a Deus chegamos na terra que Deus pôs a mão, que foi Mato Grosso (...).*<sup>118</sup>

A experiência de dias e dias nas estradas revelava um cotidiano difícil, marcado por uma realidade social muito próxima das vividas em outros lugares. Nessa passagem do depoimento do Sr. Pedro, ele faz alusão à sua condição social, à extensão das caminhadas e às estratégias para matar a fome. O cotidiano era de uma caminhada dura e intensa.

Uma outra narrativa, a rememorada por D. Carmozina, traz a representação da viagem de seu grupo, pois revela como era o tratamento entre as pessoas, no cotidiano e na demarcação do tempo: tempo das andanças, das comidas, das paradas, o tempo dos descansos, das dormidas e das atividades cotidianas. Segundo ela:

*(...) Nessas estradas, viajando, acontece muita coisa. Quando era tardinha derrubavam as trouxas e faziam a janta, faziam o de comer, botavam nas vasilhas para dar às crianças e meu pai e minha mãe botavam nas latas. E de manhã cedo, arribava no mundo.*

---

<sup>118</sup> Relato de Pedro Gomes da Rosa.

*Quando era meio dia, derrubava novamente os sacos, para poder dar de comer às crianças e os adultos, e aí tornavam a arribar. Nós dormíamos muitas vezes no tempo, não chovia era na seca, ou então armava a lona, fazíamos as camas e todo mundo dormia, ainda fazíamos as fogueiras. Parávamos assim só perto de água, ficava uns três dias para lavar as roupas. As armas que nós tínhamos era só uns canivetes, facas e a coragem. Os homens que vinham nas caravanas eram corajosos (...).<sup>119</sup>*

Nada expressa melhor o cotidiano dos grupos sociais em deslocamento do que as palavras contidas na narrativa de D. Carmozina, ao revelar o todo dia na viagem, o despertar, a fadiga, o peso da vida, a dificuldade de viver essa trajetória. Trata-se de uma memória dos gestos da infância, dos lugares, das comidas, dos corpos e dos prazeres.

Depreende-se de sua fala que em cada parada havia um hábito silencioso e repetitivo de tarefas. No espaço solitário, improvisado, da vida doméstica cabia aos seus pais a rotina de preparar a alimentação do grupo, geralmente composta de carne de sol, farinha, e em algumas vezes apareciam o feijão e a rapadura.

O material de cozinha, os utensílios mencionados como vasilhas são entendidos como pratos, colheres, panelas e as latas, sendo essas últimas utilizadas para guardar os alimentos prontos, para o consumo no dia seguinte.

Observa a narradora que alguns utensílios eram de uso comum. Na busca do novo lugar, esses migrantes viviam meses pelas estradas, dormindo em barracos improvisados, cobertos de lonas ou até mesmo dormindo ao relento, no tempo, conforme alguns relatam, sofrendo com dificuldades e penúrias incontáveis. A resistência para enfrentar a todas essas dificuldades era emanada da fé, da esperança de chegada ao lugar da terra de abundância, da terra da sobrevivência. Mas essa possibilidade de busca, de vida nova, de fé numa terra distante, vem expressar, fundamentalmente, por um certo tempo, o sentido nômade desses grupos migrantes, que viviam à mercê do acaso, dos sonhos do novo lugar.

Deleuze e Guattari apresentam uma diferenciação existente entre nômade e migrante, quando argumentam que:

---

<sup>119</sup> Relato de Carmozina Lima dos Santos.

*O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.). O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção própria. E com relação ao migrante dizem ser este, aquele que vai de um ponto ao outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado.<sup>120</sup>*

Esses autores argumentam que por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, ele não tem a função do caminho sedentário, que consiste em “distribuir aos homens um espaço fechado”, atribuindo a cada um sua parte e regulando a comunicação entre as partes. Diz que o trajeto nômade faz o contrário, distribui os homens (ou animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante. É uma distribuição muito especial, sem partilha, num espaço sem fronteiras, não cercado.

D. Carmozina, como todos os outros narradores, buscava o espaço fechado, o lugar, a morada, e, com muita precisão ainda em seu relato, informa sobre o dia-a-dia à sua volta, esclarece como o seu grupo veio se ajustando ou como se comportava para a resolução dos problemas que foram se apresentando nos momentos vividos nas paragens e nas caminhadas.

Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos e idéias narrados pelos depoentes, observa-se que as representações sociais desses homens e mulheres nos guiam às diferentes formas de nomear e definir os diferentes aspectos vividos nessas trajetórias.

O testemunho do Sr. Geraldo Paulino expressa uma outra experiência migratória das regiões das secas para as regiões das águas. Experiência também compreendida como resultante do processo da colonização dirigida, organizada pelo governo interventor em Mato Grosso, de Júlio Muller, durante o Estado Novo, que tinha como uma das suas metas a criação do novo tipo de trabalhador na terra, um ideal almejado e perseguido pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, através do programa Marcha para o Oeste.

Nesse quadro, vem à tona o cotidiano de uma viagem feita *a vapor*, iniciando pelo rio São Francisco e chegando até o rio Cuiabá. Entre estradas e

---

<sup>120</sup> DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 50-51.

rios, o cotidiano do Sr. Geraldo parecia ser mais tranqüilo, cercado de uma certa estrutura que dava mais segurança e conforto a esse grupo de viajantes, como bem ressalta em seu depoimento:

*A viagem até aqui em Poxoréo foi uma viagem tranqüila, o vapor tinha lugar de armar rede, todo mundo armava suas redes junto com a família, alimentação era na hora certa. O trecho da viagem de vapor no São Francisco foi em 15 dias, a que demorou mais foi de Porto Esperança a Santo Antônio, demorou 20 poucos dias. Não tinha estrada que ligava para lugar nenhum, o que ligava era o rio Cuiabá. A gente desembarcava em Santo Antônio do Leverger, é que não dava para chegar até Cuiabá, e vinha de jardineira até aqui e ainda, tinha o lugar certo de hospedar os migrantes, depois de alguns dias seguia para o local destinado (...).<sup>121</sup>*

Das representações dos narradores sobre suas trajetórias, maneiras de pensar e interpretar o cotidiano da viagem, torna-se possível fazer uma breve digressão sobre a teoria das representações. Denise Jodelet, estudiosa do fenômeno das representações e uma das principais colaboradoras e difusoras das idéias de Moscovici, considera que:

*A representação social diz respeito à maneira como nós, sujeitos sociais, apreendemos os acontecimentos da vida cotidiana, as informações do nosso contexto, os acontecimentos, as pessoas, etc., ou seja, diz respeito aos acontecimentos que acumulamos a partir de nossa experiência, das informações, saberes e modelos de pensamento que recebemos e transmitimos pela tradição, pela educação e pela comunicação social.<sup>122</sup>*

Para a autora, a representação social refere-se à maneira do indivíduo pensar e interpretar o cotidiano, ou seja, constitui-se em um conjunto de imagens, dotado de um sistema de referência que permite ao indivíduo interpretar sua vida e a ela dar sentido.

Assim, as representações desses narradores apóiam-se em valores compartilhados, em versões da realidade encarnada por imagens e palavras

---

<sup>121</sup> Relato de Geraldo Paulino Alencar.

<sup>122</sup> JODELET, 2001, p. 17-21.

carregadas de significações e, desta maneira, constroem uma visão da realidade para cada um dos grupos. O que surpreende, nos relatos, são as múltiplas relações em que esses grupos se envolveram. Recuperar esses cotidianos perpassa principalmente pela recuperação das histórias de vida desses trabalhadores, daqueles que viveram e reviveram o tempo dessa trajetória histórica.

## O tempo das festas

*A festa é uma fala, uma memória,  
é uma mensagem.*

(Carlos Rodrigues Brandão)

No cotidiano da viagem não ficaram de lado os tempos das festas. A presença dos tocadores era a manifestação de tradições da cultura popular. Desta maneira, o tempo é, talvez, entre os aspectos de uma cultura, aquele que melhor caracteriza a sua natureza. Portanto, o tempo desta gente é a sua encarnação, está ligado ao comportamento do grupo, à sua consciência e às suas relações com as coisas. Pelos caminhos e descaminhos, D. Esmeraldina rememora os múltiplos tempos:

*Lembro que nas paragens, quando era noite os tocadores iam até tarde, parecia até um baile, havia os jovens, tinha tudo que era de diversão ali, tinha as violas, violões, sanfonas. Eles faziam muito coco, era assim um fala de uma mulher, o outro responde e bate em cima, é engraçado demais, agora não me chama muito atenção não. Mas meu pai não deixava nós sairmos, era dentro da toca mesmo, nós ficávamos só escutando, meu pai era muito ciumento.<sup>123</sup>*

A viva memória de D. Esmeraldina, suas lembranças sobre as diversas paragens, as festas nos lugares, que Halbwachs classifica de memória social ou

---

<sup>123</sup> Relato de Esmeraldina Sodré.

memória histórica, encontra-se representada pelas atividades culturais desenvolvidas pelo grupo nos caminhos da viagem.

As cantorias de violas, sanfonas e jograis/recitadores são manifestações que assumem a função de divertimento nas lembranças de D. Esmeraldina. Os itinerantes utilizam-se dessa rica tradição popular para as memórias deslizarem umas sobre as outras, fazendo, com isso, com que tempo venha a parar.

Do rememorar da depoente, o *coco* corresponde aos jograis, os de boca, que eram acompanhados pelas batidas, violões, ou sanfonas. Essas vozes, esses cantos falados, se encarregavam de levar a notícia dessa arte, quando muitos falavam da beleza da natureza, da fauna, dos amores deixados ou daqueles por vir, falavam muito das mulheres, das cantorias religiosas e das tragédias do sertão; a seca tornava-se uma das musas desses momentos festivos. A história narrada em verso era, portanto, coletivizada pelo grupo e remetia todos os integrantes das caravanas a participarem na história que os versos registravam.

O Sr. Pedro Gomes registra o seu tempo quando lembra das trovas dos baianos, os *cocos*, que muitas vezes falavam de um amor, de uma mulher, e também rememora a *chula*, dizendo ser ela a fala das borboletas, das seriemas, enfim de todos os pássaros, e assim recita<sup>124</sup>:

*“Lá vai a pomba voando,  
no ares ela bateu as asas  
lembrei do meu amor  
que ficou na encruzilhada”.*

Nesse quadro, outra memória viva é a do Sr. Antonio Joaquim de Oliveira<sup>125</sup>, que descreve a sua experiência com a marca de sua história vivida

---

<sup>124</sup> *Chula* – Ritmo e dança de origem portuguesa que se enraizou no sertão e recôncavo baiano tocada com violão, viola e instrumentos persuasivos. É uma cantiga curta, normalmente feita de improviso que faz apresentação ou identificação. É entoada pelo cantador para fazer a abertura de sua composição. Normalmente faz uma louvação aos seus mestres às suas origens ou à cidade em que nasceu ou está no momento. Pode ainda fazer culto à fatos históricos, lendas ou algum outro elemento cultural. É comum aos cantadores da roda usarem a *chula* como introdução para as corridos e ladainhas e, durante a mesma é sugerido um refrão para o coro cantar. *Coco* – Dança e ritmo popular do Nordeste e Norte do Brasil, notadamente na zona litorânea, embora tenha surgido no interior nas zonas açucareiras. Ritmo sincopado com versos respondidos em coro. Ver SOUZA, 1980.

<sup>125</sup> Relato de Antonio Joaquim de Oliveira.

em diversos lugares. Ao relatar, revela o seu interesse pela literatura de cordel<sup>126</sup>, dos muitos folhetos, das muitas histórias, e confiança que, de tanto ler, decorou a história de Zezinho e Mariquinha. E por ter gostado tanto, recita alguns versos:

*Senhores peço licença, peço também desculpa  
Na alta sociedade tenho pouca habilidade  
Quero contar uma história que se deu numa cidade.  
Todos regentes de casa deve procurar saber reger  
A sua família que é pra nada acontecer.  
Eu agora vou contar o que foi um bem querer.  
Havia numa cidade um homem de grande riqueza  
Bem perto dele morava um pobre por natureza  
Tanto tinha um de ouro como o outro de pobreza.  
O rico milionário, era dono de milhão,  
Mandava em toda a cidade, todas as repartições  
Afiml satisfazia muito bem suas paixões.*

*O pobre homem coitado, por não possuir fazenda  
Vivia de sapateiro trabalhando numa tenda  
Tudo que ele fazia mal dava para a merenda.<sup>127</sup>*

Revela o narrador que tinha muita vontade de aprender esses versos e outros, pois são histórias sobre a dureza da vida de pessoas pobres, de vida dura. Esses folhetos lembram ainda do sertão, do cotidiano das famílias e, portanto, dão muita saudade. A representação desses versos e da narrativa do depoente, o dito popular, é inspirada pela própria realidade do meio, pela exclusão e desigualdades sociais. Assim, é no ato de contar, de recitar que manifesta uma relação social desprovida de ambigüidade e que, de certa maneira, se estabelece entre os iguais.

---

<sup>126</sup> Como uma manifestação cultural popular, o cordel ultrapassa a visão representativa para se tornar produção de linguagem, ultrapassa a noção de obra e autor. Ele produz uma “realidade” nascida da reatualização de uma memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades. Presentificando-as, colocando-as acima do tempo corrosivo da história, uma prática discursiva que inventa e reinventa a tradição (....) A literatura popular possui uma estrutura narrativa com preceitos paradigmáticos que são manipulados de forma criativa ou não pelo narrador popular. É uma literatura que obedece a normas bem definidas, a um protótipo fabular que pode ser recoberto e “deformado” por enxertos e acréscimos individuais. A estrutura narrativa do cordel permite também que o fato novo, o extraordinário, as descontinuidades históricas que vêm perturbar o cotidiano e a regularidade da vida sejam submetidos a imagens e enunciados que lhes dão um lugar tradicional que tiram a sua novidade, que domam a sua diferença e que os submetem ao reino da semelhança. Uma maquinaria discursiva que, assim como o Nordeste, procurará instaurar sempre a continuidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 114-115).

<sup>127</sup> Relato de Antonio Joaquim de Oliveira.

Os narradores costumam dizer que nessas paragens, as festas, as cantorias e prosas aconteciam, também, para colorir o tempo e o futuro com outra cor e enfatizar novos tempos e novas histórias. Segundo Montenegro, “a construção da história – em versos – recupera e documenta de maneira permanente o que estava na memória dos velhos. O que corria de boca em boca. O saber popular é devolvido como um saber de narrativa de histórias contadas em rodas de conversa, onde todos têm um detalhe a acrescentar, remodelar”<sup>128</sup>.

Portanto, é pela boca e garganta de todos esses homens que é sustentado e nutrido o imaginário popular, através da divulgação dos mitos, crenças, tradições e as festas; para Zunthor, ‘não há arte sem voz’<sup>129</sup>.

Olhar a festa na perspectiva da representação social significa trazer à tona a compreensão que esses sujeitos tinham de si mesmos e a necessidade de se afirmarem enquanto gente num processo de ressignificação.

O tempo festivo modifica notadamente o ritmo e o ritual do corriqueiro. Neste tempo tudo é festa; portanto, festa, mais que substantivo, é verbo, é ação. Assim diz Carlos Rodrigues Brandão: “A festa é uma fala, uma memória e uma mensagem. O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao simbólico, posto em evidência de tempo em tempo, comemorado, celebrado”<sup>130</sup>.

A festa é um fato simbólico, jogo de dança e músicas que recheiam não só o significado de descanso, prazer e alegria, durante sua realização, mas tem simultaneamente importante função social. Permite que crianças, jovens, espectadores e seus atores introjetem valores e normas de vida coletiva e partilhem sentimentos do grupo e conhecimentos comunitários.

As festas constituem-se em importante elemento de suporte para que essas populações suportem o trabalho, o perigo e a exploração, e reafirmem, igualmente, os laços de solidariedade, permitindo que os indivíduos marquem

---

<sup>128</sup> MONTENEGRO, 1994, p. 56.

<sup>129</sup> ZUNTHOR, 1993, p. 72.

<sup>130</sup> Ver BRANDÃO, 1989, p. 8.

suas especificidades e diferenças. E por esse prisma é que se tem olhado as festas dessas caravanas nas estradas da esperança.

Na roda da festa, assim como na roda da vida, tudo volta inelutavelmente ao mesmo lugar, onde os jovens aprendem com os velhos a perpetuar uma cultura legada pelos anciões. Olhar historicamente as festas e, antes de tudo, refletir e abordar metodologicamente a cultura do povo, ou seja, investigar como o conhecimento coletivo, que é também uma realidade concreta e dinâmica, em constante adaptação e reelaboração, é assumido pelos grupos novos como um conjunto de crenças coletivas. Até porque, a “festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem”, como bem afirma Brandão<sup>131</sup>.

Numa abordagem das mentalidades e da cultura, a festa traz diversos significados para os vários segmentos da sociedade. Significados de como se apropriaram do seu espaço, do que há de comum entre os grupos e também de tudo aquilo que funciona como força de integração social. Assim, as festas das caravanas de esperança tinham a função de fortalecer a integração do grupo, amenizando as agruras da estrada.

## As idas e vindas

As viagens passam a ser projetos de famílias inteiras, conforme as trajetórias apresentadas nas histórias de muitas idas e vindas de familiares ou de parentelas, relatadas por D. Esmeraldina, D. Carmozina e pelos Srs. Pedro e Geraldo Paulino, entre outros. Quanto a essas idas e vindas, o Sr. Pedro faz a seguinte alusão:

*Passamos dificuldades muito grandes na estrada, lá pela Serra do Pinduca, veja como, os baianos quando vinham nessa jornada, tinha muito perigo, e o perigo maior ainda, era quando o baiano estava voltando para a sua região; eles matavam mesmo o garimpeiro. Quando ia do Mato Grosso para a Bahia, passava na Serra do Pinduca novamente, eram poucos que escapavam, agora de lá para cá não. O*

---

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 17.

*Zequinha do Pinduca, me lembro como hoje, era homem muito bom, era manco de uma perna, por causa de um tiro que deram nele. Então esse Zequinha do Pinduca tratava a gente muito bem, dava comida, dava tudo para gente quando vínhamos de lá para cá, porque ele sabia que o companheiro quando ia daqui para lá parava em sua casa, e aí ele mandava matar para roubar, porque sabia que quando voltava ia com o dinheiro. Ele tinha capanga, e ele mesmo matava e também mandava matar, e roubava o dinheiro. Inclusive esse aleijo que ele tinha na perna, foi um afilhado dele que deu, veio para o Mato Grosso e na volta foi procurar ele, mas o afilhado muito desconfiado do que ele era; portanto, à noite não pousou na residência, pousou lá fora, colocou um arreo dentro da rede, quando seu padrinho chegou e atirou na rede, o tiro pegou no arreo que estava dentro da rede, aí de atirou na perna dele. – “Não vou te matar não, vou te deixar só aleijado”. Desse jeito (...).<sup>132</sup>*

Nas narrativas sobre essas idas e vindas emerge a memória do perigo das estradas e do medo da morte. Trilhar o caminho das idas poderia significar o da morte, roubo, possibilidade de não poder mais retornar ao lugar. O retorno ao lugar tinha uma representação de riqueza, pois o migrante que retornasse poderia estar levando muita riqueza e isso representava um perigo nas estradas.

O discurso de Pedro Gomes possui uma descrição detalhada, precisa e própria de um bom contador de histórias, relembra com clareza sobre as várias experiências e trajetórias de colonos que passaram pela Serra do Pinduca.

O trecho acima, da passagem na Serra do Pinduca ou pela morada do Zequinha do Pinduca, permite conhecer a técnica de dominar do Zequinha, a do endividamento forçado com os grupos migrantes, ao fornecer ajuda, mantimentos e abrigo; com isso, comprometia-os e os fazia acreditar que ao retornarem teriam a mesma guarida. Em resumo, a posição do Zequinha é oscilante e de comportamento dúbio, pois, representa mecanismos que garantem seu próprio equilíbrio nesse lugar, ao oferecer ajuda aos colonos itinerantes, e, por outro lado, a malandragem e esperteza, que consistiam, para ele e seus capangas, numa forma possível de acomodação de uma atividade marginal na beira da estrada.

---

<sup>132</sup> Relato de Pedro Gomes.

Mas vale ressaltar que o banditismo também era a expressão do descontentamento social de setores que não possuíam uma sofisticada crítica aos perversos comportamentos políticos das elites e das oligarquias brasileiras, no período em estudo. Dessa forma, as ações de Zequinha da Serra do Pinuca e de seus capangas são pensadas, nesse momento, como representação da identidade nacional .

O episódio, narrado pelo Sr. Pedro propicia, ainda, a instauração de sua interação e interpretação através do espaço ficcional, e o estabelecimento de um cruzamento entre os dois pressupostos, a narração literária e a historiografia<sup>133</sup> – história e contos populares – sobre os taberneiros, as noites nas tabernas, as mortes sinistras, os roubos misteriosos, a natureza fatalmente má da pessoa humana, e modulações do imaginário perverso e sombrio, principalmente aqueles contos sobre as histórias da beira das estradas ou nas idas e vindas de homens e mulheres nas diversas paragens.

Dos relatos das mulheres dos vários caminhos, destaco o de D. Carmozina sobre os acidentes e incidentes nas estradas. Sua fala permite a visualização de como se estabeleciam as relações dos colonos com as crianças, bem como sobre os diferentes papéis e atividades cotidianas que as mulheres assumiam nessas caravanas. Nessas jornadas de idas e vindas o tempo é das mulheres, e quase todo ele é preenchido, de acordo com as experiências que D. Carmozina conta :

*Era uma luta, e foi uma vitória chegar aqui. Eu lembro que a minha mãe vinha com a menininha mamando no peito. A outra menina, mais pequena do que eu, queimou a perna, e minha mãe veio nessa*

---

<sup>133</sup> Cotejando ler a história como se fosse literatura, ver na literatura a história que se escreve (...) No domínio da história, o estudo dos laços entre discursos históricos e literários tornou-se possível graças a um questionamento epistemológico que se situa, globalmente, em dois níveis distintos: 1) o que estabelece uma distinção entre, de um lado, o passado real, concreto – a passividade – e , do outro, a historiografia, ou seja, a narrativa feita dele, ou o discurso construído pelo historiógrafo/historiador a partir dessa passividade, a narração dela, a sua recriação sob a forma de uma versão plausível. É esta distinção que aproxima um do outro, o historiador do fato real e o escritor de ficção literária. 2) o que se baseia na convicção de que os dados desse passado, ou seja, os fatos históricos recuperáveis graças aos documentos que chegarem até nós, já não são os próprios fatos brutos, concretos; são representações de fatos ocorridos no passado. Constituem, por conseguinte, uma *mise-en-forme* imaginária de dados do passado, já irrecuperáveis na sua imanência. Os dois pressupostos permitem, num certo sentido, desradicalizar e ultrapassar a oposição convencional entre documento/fato/verdade/ história, de um lado, e, de outro, ficção/imaginário/literatura (DECCA e LEMAIRE, 2000, p. 10–11).

*peleja, com esta perna queimada de fogo da minha irmã. Queimou na estrada. Minha mãe tinha botado a rabinha para esquentar água, para fazer um remédio para um homem que vinha com a cabeça doendo, mas a bichinha foi arrastando, pegou e puxou e lavou nela, daí sapecou a perna que chegou a arrancar o couro. Minha mãe veio cuidando dessa e da outra mais pequena ainda. Tinha muita criança na caravana, só brincavam e comiam (...).*<sup>134</sup>

Como uma narradora exemplar, ela revela uma leitura do passado e, com muita propriedade, nos convida a fazer a viagem pelos caminhos e descaminhos do cotidiano dessa trajetória, possibilitando-nos conhecer as histórias de mulheres atuantes nos espaços da viagem. Relembrando a história de sua mãe, traz à luz a luta das mulheres nos trechos e a vitória ao chegar no lugar.

De acordo com as narrativas, a mulher exercia um papel muito importante para o bom desfecho dessas trajetórias, pois elas conjugavam os afazeres de mãe, de preparar os alimentos, de cuidar das roupas e ainda os trabalhos da labuta da viagem, como cuidar da carga, alimentar os animais e ajudar o marido nas estratégias da viagem e na resolução dos problemas.

Mesmo com essa forma distinta de distribuição do tempo de trabalho da mulher, conforme relata a narradora, cabia ainda à mulher das caravanas para Poxoréo cuidar dos doentes, enfermos da viagem, através da busca das ervas para os chás e banhos e ainda do preparo de uma alimentação especial. Muitas dessas tarefas ocupavam a mulher por todo o percurso da viagem, como foi o caso com a criança acidentada.

A figura da mulher nas trajetórias, com suas obrigações, estava incluída nos acordos com a sua família, e o seu trabalho era englobado no trabalho familiar, controlado diretamente pelo marido. O poder masculino centrava-se na figura do pai-marido-patrão. O depoimento de D. Esmeraldina, já citado, deixa explícito esse domínio, esse controle quando afirma: “mas meu pai não deixava nós sairmos, era dentro da toca mesmo, nós ficávamos só escutando as músicas, as cantorias, meu pai era muito ciumento”<sup>135</sup>.

---

<sup>134</sup> Relato de D. Carmozina.

<sup>135</sup> *Idem*.

Como mostra o relato, os cerceamentos impostos pelos homens às mulheres resultavam da existência de uma organização social diferenciadora na qual se achavam inseridas as relações familiares praticadas por aqueles homens na trajetória rumo a Poxoréo.

Entretanto havia, numa perspectiva mais ampliada, outras regras, marcadamente aquelas inerentes aos ditames do capital. Enquanto alguns aceitavam as suas condições, outros buscavam maneiras de se contraporem, encontrando saídas, deslocando-se, mesmo sendo esse deslocamento fruto, também, do sistema, provocado pelas propagandas enganosas do Estado e da iniciativa privada. Apesar disso, esses itinerantes lutaram, resistiram, machucaram-se fisicamente e, alguns, conseguiram chegar ao lugar sonhado. No relato a seguir, de D. Esmeraldina, percebe-se a existência de outras regras, mas observa-se, também, a resistência do grupo à disciplina imposta pelo sistema de controle e poder, que se traduzia em domínio e exploração.

*Quando ficávamos no pouso, nas paragens, é porque muitas vezes todos nós estávamos estragados, machucados, nem colocando água com um pouquinho de sal resolvia; mas nós vencemos a batalha, chegamos em Guiratinga (...).*<sup>136</sup>

Todavia, além dessas situações que envolvem os trabalhadores, apresentadas nessa etapa do estudo, pode-se concluir que esses itinerantes ficaram à mercê de mecanismos utilizados para controlar o corpo e a subjetividade desta gente e efetivados através da imposição de regras. Controles foram implementados pelas políticas liberais e centralizadoras impostas pelos grupos dominantes. No âmbito das estratégias, pode-se localizar no discurso da Marcha para o Oeste a ação do Estado no sentido de fazer com que todos os colonos se deslocassem, marchassem para ocupar os espaços tidos como *vazios*, muitos deles inadequados, sem segurança e, ainda, colocando à prova a resistência física dos grupos de migrantes no enfrentamento de problemas diversos, seja em seus lugares de origem, nos trechos ou até na chegada ao lugar sonhado.

---

<sup>136</sup> *Idem.*

A resistência por parte dos grupos sociais ao deslocamento é comprovada quando refutam, escapam da espada sempre ameaçadora e desenvolvem estratégias que permitem driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através dos projetos capitalistas e tornam-se sujeitos de suas vontades, decisões e sobrevivência.

As representações desses sujeitos variam de acordo com as experiências vividas, e por meio delas o grupo tem condições de identificar-se, reconhecer seus objetivos de vida, seus amigos e inimigos, o mundo que está à sua volta e optar por um comportamento conforme com seus valores.

E nas idas e vindas dos migrantes, o deslocar-se foi entendido como aventura, o que significava grande luta, ato de coragem e desafio. Enquanto para alguns representou *sonho*, para outros foi *ilusão*. Entre eles há os que vieram e deram certo, os que tiveram rápidas experiências e retornaram à terra natal e aqueles que sequer chegaram a migrar.

Dos testemunhos orais apresentados, nas idas e vindas, percebe-se os diferentes níveis de aceitação por parte do grupo. Para os que se mudaram, o deslocamento significou viagem ao desconhecido, a um lugar de confrontos, de necessidades, de satisfação e de insatisfação. As imagens das idas e vindas variam de acordo com os significados subjetivos atribuídos pelo olhar dos sujeitos. Depreende-se, portanto, que para cada intérprete elas significavam algo diferente, um conjunto próprio de signos e imagens.

Por mais coragem que possuam, como foi o caso do Sr. Pedro em se aventurar para o lugar desconhecido, eles não deixam de sentir uma certa resistência ao deslocamento, além de ressentimento e angústia a respeito da mudança e da vida no novo espaço.

Na busca da montagem dessas caravanas finaliza-se esta parte parafraseando Guimarães Rosa, quando diz que o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia, e é isso que se buscou nessas caravanas: compreender o real do seu cotidiano nessa travessia do norte, nordeste, sul e oeste rumo ao leste de Mato Grosso<sup>137</sup>.

---

<sup>137</sup> A indicação de leste de Mato Grosso é relativa às fronteiras do Estado antes de sua divisão, e será utilizada como marco referencial para o momento histórico em estudo. Desse modo, após divisão, Poxoró deslocou-se da região leste e passou a situar-se na região sudeste do Estado, de acordo com a lei complementar nº 31, de novembro de 1977 (Divisão do Estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul).

## Aparência e coisas banais pelos caminhos

*Na minha trajetória de Guiratinga para Poxoréo, eu fui montada numa mula. Foi a primeira vez que eu vesti roupa de homem na vida. Era uma calça, uma camisa muito bonita, um lenço e um chapéu. Essa roupa eu ganhei do meu cunhado, mas era roupa que ele nunca tinha vestido, uma camisa muito bonita, chapéu e um lenço vermelho.*<sup>138</sup>

Essa dose de experiência vivida e rememorada por D. Nena aponta para outras mudanças, pois vestir calça e camisa foi, como ela própria diz, a primeira vez que vestiu roupa de homem na sua vida. Essa sua fala pode ser compreendida como a apresentação dos novos desafios, igualdade de reconhecimento, afirmação de suas diferenças, modulação do desejo de coisas novas, do outro lugar, de uma busca possível de realização de si e do grupo.

Percebe-se que essa vida de migrante, sem contornos, possibilitou à narradora descobrir coisas novas, experiências, como por exemplo, a descoberta do uso da vestimenta, da calça, da camisa, do lenço e do chapéu, roupas até então tidas como masculinas e, de certa forma, excluídas do seu cotidiano<sup>139</sup>.

Segundo Daniel Roche, o vestuário fala de muitas coisas ao mesmo tempo, em si próprio, seja por um detalhe. Argumenta o autor que o vestuário tem a função de comunicação e revela a vinculação a um sexo, sendo comum, também, a adoção do traje supostamente do outro sexo quando nos deslocamos

---

<sup>138</sup> Relato de Clemência S. Dourado.

<sup>139</sup> A roupa, na maior parte da história, seguiu duas linhas distintas de desenvolvimento, resultando em dois tipos contrastantes de vestimenta. A linha divisória mais óbvia aos olhos modernos está entre a vestimenta masculina e a feminina: calças e saias. Mas não é absolutamente verdadeiro que os homens tenham sempre usado roupas bifurcadas e as mulheres não. Os gregos e romanos usavam túnicas, o que quer dizer: saias. Povos de regiões montanhosas, como os escoceses e os gregos modernos, usavam o que são, na verdade, saias. Mulheres do Extremo Oriente e do Oriente Próximo usavam calças e muitas ainda o fazem. A divisão por sexo acaba não sendo verdadeira. Ao longo da história não houve muitas variações quanto a este aspecto, e é possível encontrar tipos intermediários. Talvez a distinção mais útil seja a estabelecida pelos antropólogos, entre traje “tropical” e “ártico”. As grandes civilizações antigas surgiram nos vales férteis do Eufrates, do Nilo e do Indo, ou seja, em regiões tropicais onde a proteção contra o frio não pode ter sido o principal motivo para se usar roupas. Muitos desses motivos foram relatados, abrangendo desde a idéia ingênua, baseada no relato do Gênesis de que o uso de

para as diferentes temporalidades<sup>140</sup>. Segundo Peter Stallybrass, a roupa tende a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. Elas são também pontos sobre os quais nos apoiamos para nos distanciarmos de um presente<sup>141</sup>.

Assim sendo, os hábitos indumentários não podem ficar isolados dessa trama, dessa história da cultura material, pois eles revelam formas diferentes de ser, de coisas, como também a distinção dos diversos grupos sociais, possibilitando, ainda, a compreensão do modo como cada grupo desenvolveu sua trama no cotidiano da viagem.

Desse modo, o fragmento de memória da história de vida de Pedro Gomes da Rosa traz em seu bojo informações sobre a função do vestuário, a sua ligação às expressões simbólicas fortes, o suporte de crenças, tanto quanto de representações sociais. Ao lembrar de sua trajetória, narra e descreve sobre as suas reais condições, principalmente, no que diz respeito à aparência, vestuários/acessórios e as coisas banais ocorridas nos trechos da viagem, de acordo, com o já transcrito nesse trabalho: “Eu vim a pé calçado com uma alpercata de couro e um chapeuzinho de couro e ainda, uma cabacinha que pegava um litro de água; a nossa jornada era de fazer 3 a 4 léguas por dia e com fome”<sup>142</sup>.

Em seu discurso há uma tradição e uma memória de luta, de resistência, que fica estampada em sua fala e encontra raízes nas lutas camponesas no meio rural no Nordeste, nos meados do século XX. As características do narrador nesse pequeno fragmento são representadas pela vontade de romper com o espaço opressor, bem como na luta por provar o seu valor, o sonho de conquista e de sobrevivência.

Desta maneira, o seu relato remete a narrativa, como em outros momentos também, à cultura material do grupo, que se encontra impregnada e representada pelo uso da indumentária, tão característica do homem do sertão e

---

roupas deveu-se ao pudor, até a noção sofisticada de que eram usadas por exibição e mágica protetora (LAVÉ, 1989, p. 7-8).

<sup>140</sup> ROCHE, 2000, p. 258-259.

<sup>141</sup> STALLYBRASS, 2000, p. 18.

<sup>142</sup> Relato de Pedro Gomes da Rosa.

do cerrado brasileiro, que é a vestimenta produzida do couro, simbolizada na figura do vaqueiro. Esse período foi denominado pelo historiador Capistrano de Abreu como “civilização do couro”<sup>143</sup>.

A descrição sobre os indumentários utilizados na trajetória da viagem abre, de certa maneira, um terreno propício para se compreender quais as condições sócio-econômicas que tinha o trabalhador nesse lugar. Portanto, depreende-se que a indumentária, mais do que outro elemento da cultura material, incorpora os valores do imaginário social e as normas da realidade vivida.

O fragmento da história de vida do depoente faz lembrar as descrições, as mesmas semelhanças, experiências de vidas, encontradas na obra *Vidas secas*, numa composição desenhada por Graciliano Ramos no capítulo “Mudança”:

*Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos (...) Tinha andando a procurar raízes, à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na caatinga (...) Fabiano aligeirou-se o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas.*<sup>144</sup>

Depreende-se do relato de Pedro sobre a sua caminhada, a sua labuta com a fome e a caracterização do romancista. Ambos fazem descrições com propriedade sobre as relações sociais no regionalismo, onde se ressalta o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, cidade, o homem devorado pelos problemas que o meio lhe impõe.

Portanto, o homem do campo não tinha mais e nem menos disponibilidades, a miséria do campo proibia as variações e, por várias partes, o

---

<sup>143</sup> Civilização do couro - expressão utilizada pelo historiador Capistrano de Abreu ao destacar a presença marcante do gado no sertão nordestino. Afirma que “de couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se o tabaco para o nariz” (ABREU, 1963, p. 147).

<sup>144</sup> RAMOS, 1977, p. 11.

vestuário era feito com uma das matérias-primas locais, o couro, produzido nos diversos lugares, curtido em curtumes improvisados e comercializado no próprio local.

Vale ressaltar que o sertão nordestino, ao final do século XIX e início do XX, tinha sua economia baseada fundamentalmente na exploração extensiva da pecuária e na agricultura de subsistência, com um sistema de exploração de terras de grandes latifúndios. Esse poder era concentrado nas mãos de famílias egressas das milícias estatais e nacionais, conhecidas na história da região como oligarquias. Portanto, nesse período foi gestada uma sociedade patriarcal, na forma de organização familiar doméstica denominada de “família patriarcal”, altamente estratificada entre homens e mulheres, entre ricos e pobres<sup>145</sup>.

Pelos caminhos das lembranças e das experiências vivenciadas – ou até mesmo pelas histórias contadas por pais, avós ou tios – as memórias desses colonos se estabelecem em forma de viagem por espaços vividos e as imagens das lembranças são construídas pelo material que os testemunhos têm à disposição.

A montagem do mosaico de histórias de vida desses itinerantes possibilitou recuperar lembranças de cenários vividos em outras terras, nos caminhos e nas paragens. Assim, o depoente constrói sua identidade à medida que narra sua história de vida. Em suas narrativas são constantes as referências ao núcleo familiar. E a memória da família está ligada à terra, à Igreja, à vizinhança, à casa e ao casamento dos filhos e amigos.

No sertão, a preocupação com o casamento das *filhas moças* foi, de acordo com os depoimentos, uma constante no seio da família, em suas

---

<sup>145</sup> A família patriarcal – um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais. Ela se instala nas regiões onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção – engenhos de açúcar, fazendas de criação ou de plantação de café – mantém-se através da incorporação de novos membros, de preferência parentes, legítimos ou ilegítimos, a extensos “clãs” que asseguram a indivisibilidade de seu poder, e sua transformação dá-se por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais, sendo então substituída pela “família conjugal moderna”. Esta é o ponto de chegada onde aquela é o ponto de partida, e seu oposto: típico produto da urbanização, reduzida ao casal e seus filhos, a finalidade do casamento não é mais principalmente a manutenção de uma propriedade comum ou dos interesses políticos de um grupo, mas sim a satisfação de impulsos sexuais e afetivos que na família patriarcal eram satisfeitos fora do seu círculo imediato (ARANTES *et al.*, 1994, p. 15).

relações sociais, refletindo a busca de segurança, sustento e proteção, uma vez que grande parte dos casamentos e namoros era regida pela família. Esse fato pode ser verificado na narrativa de D. Esmeraldina, quando rememora o seu tempo no lugar e em sua trajetória:

*Paramos em uma fazenda no Estado de Goiás, que por sinal tinha muito gado. Fazendeiro muito rico, eles não sabiam a quantidade de gado que possuíam. A dona da fazenda quando viu minhas irmãs e eu, logo ficou interessada que a gente casasse com os seus filhos, aí falou com meu pai. Nós ficamos 17 dias nesta fazenda, e eles insistiram com meu pai para que nos deixássemos lá. E cadê esse povo deixar a gente sair? Aí meu pai falou para eles, se eu casar essas meninas aqui o que vai acontecer é que na minha mente vai ficar que elas morreram e eu enterrei na estrada, e assim, eu vou acabar de chegar com elas e dou o endereço para vocês, e vocês vão lá em casa (...).<sup>146</sup>*

Rememorando a sua trajetória pelos caminhos de Goiás, a depoente traz à tona, por meio da memória, o espaço da fazenda, sobretudo as imagens do lugar, representadas pela riqueza dos pretendentes ao casamento com suas irmãs e também da narradora, e ainda lembra e sinaliza sobre a quantidade de gados que os fazendeiros possuíam. Ao revelar esses momentos vividos, enche os seus olhos de orgulho, vaidade e alegria de ter sido pretendida, um dia, naquele ermo de estrada.

Nessas experiências vivenciadas e lembradas percebe-se, ao mesmo tempo, que os papéis dos personagens eram definidos pelos costumes, marcas dos lugares a cada um dos sexos nos espaços em que estabeleciam relações e convivências.

Enfim, o que fica em relevo na sua narrativa foi o papel desempenhado pelo seu pai ao costurar, em nome da família, das filhas, uma proposta futura de casamento rico. Mas ao finalizar sua história, a narradora argumenta que a proposta não vingou, pois sua família estava em constante busca do lugar, do espaço para a construção da morada e, sendo assim, todas elas perderam o casamento promissor encontrado nos caminhos e nos desvios da viagem.

---

<sup>146</sup> Relato de D. Esmeraldina.

Com a idéia do novo lugar, o migrante constrói a sua relação com o espaço sonhado e os seus relatos são verdadeiras histórias vivenciadas, numa colagem entre múltiplos tempos, e na organização dessa memória, no processo da narrativa, o espaço perseguido é ainda aquele cartografado no sonho da partida.

Cada aspecto dos fatos pitorescos e inusitados ocorridos nas diversas trajetórias é relatado pelos narradores, e ao rememorarem procuram ressignificar e demonstrar alguns acontecimentos marcantes, tais como a busca da sobrevivência, as conquistas, perdas, mudanças e os desrespeitos às suas condições existenciais, como no caso relatado por D. Carmozina, ao trazer a história de sua mãe na trajetória da viagem:

*Nas estradas, as mulheres da caravana deparavam com algumas mulheres das fazendas (lugares onde as caravanas pediam abrigo/pouso) que pediam os seus filhos para serem criados por elas. Acho que elas imaginavam assim, ao ver aquelas mulheres caminhando pelas estradas, tá cansadas e pobres, elas deveriam pedir essas crianças, “as menininhas”. Mas, tanto minha mãe como as outras mulheres, não aceitaram e disseram não ao pedido.*<sup>147</sup>

Essa representação do cansaço e da pobreza narrada por D. Carmozina vem corroborar os discursos das mulheres fazendeiras, o seu olhar com relação às mulheres da caravana, pois passa pela real condição do que era ser andante dessas estradas, uma vez que nesses caminhos faltavam todos os meios que pudessem garantir sobrevivência e dignidade. Essa representação está muito mais fixada pelo olhar da alteridade de quem via esses viajantes, do que a sua aparência representava, caracterizando que essas aparências nas estradas emitiam os signos de pobreza e miséria.

O que mais interessa compreender no relato da narradora é que, apesar das aparências de sofridas, pobres e sujas, havia ali mulheres fortes e guerreiras, cujas condições de âncoras das famílias se manifestavam ao rejeitarem com firmeza as ofertas das mulheres fazendeiras, mostrando, desta maneira, clareza e discernimento nas tomadas de decisão, amparando a integridade do grupo familiar. Walter Benjamin define que:

---

<sup>147</sup> *Idem.*

*O narrador figura entre os mestres e os sábios. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu Dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira.*<sup>148</sup>

Assim, essas narradoras sábias e com esse dom da narrativa vêm possibilitando que este texto inclua e elabore reflexões sobre as histórias de vida e o papel de destaque das mulheres pelas diversas trajetórias e caminhadas.

Os caminhos, as travessias, parecem ser um *lugar de homem*, mas nessa experiência singular pode-se perceber que nos diversos grupos de viajantes contava-se com atuação de mulheres, não como coadjuvantes da viagem, mas como *prima donnas* dessas convivências e experiências nos caminhos. Não há nenhuma intenção de trazer aqui uma discussão sobre a questão de gênero<sup>149</sup>, mas sim de ressaltar o quanto as mulheres foram partícipes nessa saga, pelos vários trajetos do Brasil rumo a Poxoréo, na primeira metade do século XX.

## A roça: entre trilhas e o lugar

O mito de uma terra de riqueza, sem contornos, sem limites e sob o signo da abundância alimentou, desde sempre, o imaginário do movimento migratório de trabalhadores pobres no Brasil. Sob essas circunstâncias, e de acordo com os relatos, percebe-se que havia gente chegando e indo para todas as localidades de Mato Grosso, no período em estudo.

---

<sup>148</sup> BENJAMIN, 1985, p. 220-221.

<sup>149</sup> O conceito de gênero tem por objetivo explicar as relações entre mulheres e homens, dentro do processo social. Ele surgiu após muitos anos de luta feminista e de formulação de várias tentativas de explicações teóricas sobre a opressão das mulheres. Isto é, o ser mulher e o ser homem são entendidos como uma construção social, e é a partir desse referencial que se estabelece o que é feminino ou masculino e os papéis sociais destinados a cada um. Por isso, gênero, uma palavra emprestada da gramática, foi escolhido para diferenciar sexo biológico de construção social do ser masculino e do ser feminino. (CARTILHA. MST, 1998, p. 28).

Para Poxoréo acorreram homens e mulheres de todas as partes, sendo muitos do Nordeste – com destaque aos baianos –, Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. O certo é que era de lugar a lugar, pois esses migrantes tinham muitas expectativas, faziam suas trilhas, as caminhadas, definiam suas trajetórias e suas inúmeras paragens. E as paragens, entre os trechos da viagem, eram, segundo os relatos, fundamentais, uma vez que necessitavam estocar e produzir alimentos e ao mesmo tempo alimentar os animais cargueiros.

Dessa forma foram desenvolvidas as diversas atividades que propiciavam a sobrevivência dos grupos pelas trajetórias e paragens. De acordo com as falas, muitos trabalharam em serviços braçais nas fazendas, fazendo cercas de pastos, instalando postes e fazendo fiação de arames, derrubando, tirando e coletando lenha (toco de madeira) para vender nas margens das estradas de ferro, e entre essas atividades destaca-se a roça na beira da estrada.

Descendente desses itinerantes, Leda narra e rememora a experiência vivida e contada sobre uma das paragens de sua família, de acordo com o que ouviu contar sobre a trajetória do seu avô materno rumo às terras de Mato Grosso, *a priori* Poxoréo:

*A minha mãe ela veio da Bahia com meu avô Chico Alfredo ou era chamado também de Chico Tropeiro, por ser tropeiro. Ela disse que veio de lá naquelas bruacas, colocada em lombos de animais, porque eles tinham uma tropa, e ela ia de um lado e sua irmã do outro. Contam que paravam um período nas estradas e ali eles plantavam lavoura/roças, colhiam, prosseguiam a viagem, paravam em outros lugares, até chegar na região aqui, onde hoje é Poxoréo. O meu avô, Chico Alfredo, comentava que naquela época demoravam meses pra chegar aqui, eles vinham pelas estradas de Goiás que ligava a Mato Grosso, então eles gastavam meses, porque eles vinham parando, e não havia estrada eles vinham abrindo picadas, num determinado período, eles paravam por diversos lugares.<sup>150</sup>*

---

<sup>150</sup> Relato/lembranças de Leda Figueiredo Rocha do Lago. Ela rememora as lembranças de seu avô, por parte de mãe, contadas por sua mãe, histórias de vida do Sr. Francisco José dos Anjos, conhecido como Chico Alfredo ou Chico Tropeiro.

Um olhar sobre a viagem de Chico Alfredo ou Chico Tropeiro, as histórias de sua família ao se deslocar para Poxoréo, adquire uma certa relevância ao dar conta das precariedades vividas por ele e sua família, pois experimentaram longamente as dificuldades dos caminhos, a difícil forma de transportar os filhos, aqueles que viajavam dentro das bruacas, a abertura de picadas, as longas paradas, à mercê da hospitalidade alheia, tudo tornando visível o desatendimento vivido nas estradas<sup>151</sup>.

É no ponto de articulação dessas características vividas nas estradas que se pode situar a figura das roças na beira das estradas no século XX. Em verdade, a roça, segundo as narrativas, aparece como a própria resolução dessas condições. Na beira das estradas, nas picadas, no vários trechos, desenvolviam essa atividade que abarca modos domésticos de produção para subsistência, plantio de milho, mandioca, feijão, abóbora, batata doce etc.

Já Antonio Joaquim de Oliveira conta sobre outra roça, enfim, em outras paragens:

*A nossa caravana era composta de trinta e seis pessoas, que resume em três famílias. Pois é, demoramos um ano. Mas nós vínhamos com calma, com animal cargueiro. Paramos em Santana de Uruaçu por três meses, aí plantamos roça, não chegamos a colher, plantamos o arroz, já estava quase madurando aí nós vendemos a roça e continuamos a nossa trajetória. Em Cachoeira da Fumaça, nós paramos três meses, pois precisávamos deixar a tropa de burro pegar força. Pois, com a viagem longa, enfraquecia muito os animais.*<sup>152</sup>

Nessa passagem rememorada por Antonio Joaquim, nas paragens a roça é apontada em sua fala como meio de assegurar a alimentação do grupo pelos lugares e representava também, uma forma de sociabilidade de vida rústica. A roça, para o grupo, representava como que um núcleo de reunião das famílias, e até mesmo de outros transeuntes que estavam em concomitante circulação pelas estradas dessa região.

---

<sup>151</sup> Bruaca – saco ou mala de couro cru, para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas (FERREIRA, 1999, p. 336).

<sup>152</sup> Relato de Antonio Joaquim de Oliveira.

Nas trajetórias, a família constitui, através das roças, uma unidade social de trabalho; por isso elas são marcas dessas memórias e representam a satisfação de necessidades essenciais para a vida. Por outro lado, as tarefas e os trabalhos domésticos eram divididos entre os membros do grupo, o que vinha a contribuir para a subsistência de todos, reforçando, assim, principalmente os laços de solidariedade desses itinerantes.

Essa interação com a terra, através das roças, constitui-se, também, numa forma de exercitar e ao mesmo tempo repassar às gerações um saber sobre o uso e o manuseio da terra, pois dos vínculos duradouros de homens e mulheres com a terra, outros vínculos são possíveis, como o da identidade do grupo e o dessa identidade com o seu território. Portanto, assegurar essa troca de conhecimentos significava garantir a reprodução de um estilo de vida e a construção de novos desafios em novos lugares, como, por exemplo, aqueles vividos nas paragens, nos lugares.

Trazidas para a ótica sócio-econômica, essas roças mostraram que na vida social rural, através desses trabalhos, havia uma camada intermediária formada por esses roceiros. As falas fazem emergir movimentos de vidas cotidianas frente a outros ambientes e configurações sociais, diferentes dos seus, pois alguns se encontravam, então, como sitiados da beira da estrada.

Por outro lado, essas formas de pequena produção que se organizaram em torno do núcleo familiar doméstico integravam esses roceiros diretamente aos meios de produção e condicionavam o empreendimento econômico, em geral, a uma pequena escala. Nesse sentido, esses roceiros constituíam uma categoria social que é conceptual e historicamente distinta daquelas geradas pelo desenvolvimento capitalista.

Repensar esse espaço da roça significa, *a priori*, não desvinculá-lo da cultura, da natureza e dos sujeitos. Nessa ótica, através dessas relações, faz-se necessário romper com a tradição que toma o espaço como um dado independente da intervenção dos sujeitos, dos seus costumes e técnicas, e que desconsidera as transformações nele ocorridas, sem pensá-lo como construção social.

A roça, como um espaço de trabalho e de dinâmicas relações homem-meio, cultura-natureza, modos de vidas-espacos, ajuda-nos a compreender o

espaço como construção histórica, a partir das intervenções dos distintos grupos sociais, seus interesses, suas práticas e valores.

Sobre a dimensão da historicidade do espaço, o geógrafo Milton Santos diz que:

*Tempo e espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições.*<sup>153</sup>

As reflexões de Milton Santos permitem que se conclua que as formas das quais os sujeitos lançam mãos nas transformações do espaço ganham novos significados e influenciam diretamente o seu modo de vida. A percepção desses modos de vida que se cruzam temporalmente tornou possível, pelas narrativas itinerantes das estradas, garantir essas relações sociais. As narrativas criam condições de uma volta ao passado recente e a compreensão de alguns costumes desses roceiros, das transformações que processaram, das relações que foram estabelecidas com outros grupos sociais, e ainda a reconstrução de algumas práticas a partir das quais se reconstrói o passado.

Através do pensar o roceiro a partir das reconstruções que as memórias fazem sobre o passado, aprofundando alguns elementos que são específicos e que permitem pensar numa identificação a partir dos modos de vida e da luta, pôde-se apreender nas experiências vivenciadas cotidianamente por estes sujeitos alguns costumes, valores e modos de viver construídos e transformados no tempo. Essas transformações vêm mescladas com resistências que dão origem a novas práticas, as quais incorporam elementos do passado e da realidade presente.

É nesse quadro que se pode compreender a dimensão mais ampla das manifestações e dos significados de gestos cotidianos. Os discursos e práticas desses homens e mulheres ganharam grande impulso e possibilitaram abrir trilhas renovadoras e desimpedidas de cadeias sistêmicas, de criar

---

<sup>153</sup> SANTOS, 1997, p. 44.

possibilidades de articulação e inter-relação por ocasião das práticas culturais, ao descobrir “ histórias não contadas, ainda que largamente recheadas de episódios”, o que permitiu articular as experiências e aspirações desses narradores , aos quais, como se percebe através dos relatos, foram negados o lugar e a voz dentro do discurso histórico convencional.

## CAPÍTULO IV

### Do sonho ao sonho: leituras transversais da chegada

*Homens de diferentes nações tiveram o mesmo sonho – viram uma mulher correr de noite numa cidade desconhecida, de costas, com longos cabelos e nua. Sonharam que a perseguiam. Corriam de um lado para o outro, mas ela os despistava. Após, partiram em busca daquela cidade; não a encontraram, mas encontraram uns aos outros; decidiram construir uma cidade como a do sonho.*

(Marco Pólo)

Das leituras dos relatos sobre a chegada dos itinerantes em Poxoréo, destaca-se que eles, ao rememorarem, falam que às vezes não acreditavam que se encontravam nesse lugar, que haviam chegado na terra sonhada. *Chegamos na terra aonde Deus pôs a mão*<sup>154</sup>. Para muitos parecia um sonho, mas depois voltavam à realidade e percebiam que não era um sonho e sim um mundo real, mas, ainda assim, um mundo cheio de outros sonhos. As palavras do narrador expressam sentimentos impregnados de fé, esperança e uma vida melhor. A terra, no nível das representações, possuía duas materialidades: física e simbólica. Dessa união produz-se o *lugar* de viver, de trabalhar, de morar e de criar os filhos. Já, enquanto materialidade simbólica, a terra é recheada de significados e de elos entre os tempos, presente, passado e futuro, reconstruídos pela memória individual e coletiva. O passado é rememorado enquanto sinônimo de experiências que apelam para o que há de melhor no gênero humano, o que, sem dúvida, vale ser recuperado pela memória.

---

<sup>154</sup> Depoimento de Pedro.

## As histórias e chegadas de itinerantes

As histórias e chegadas desses trabalhadores em Poxoréo são cercadas de imagens que são amálgamas de sonhos, realidade e irrealidade. As experiências vivenciadas por esses grupos sociais são reconstruídas em memórias dos tempos da partida, da trajetória e da chegada. Dessa maneira, condensa-se nessa trajetória dos itinerantes uma história coletiva de homens e mulheres que adentraram o sertão de Mato Grosso tendo como atração, *a priori*, a cidade de Poxoréo.

Nas narrativas da chegada, o lugar – Mato Grosso – era representado para esses migrantes como uma natureza inexplorada, pois a idéia de *sertão do Mato Grosso* aparecia como *espaço sonhado – espaço a ser conquistado – lugar de fartura*. Contudo, depreende-se que parte dessas representações foi motivada pelas inúmeras notícias de cunho propagandista criadas pelo governo a respeito da Marcha para o Oeste, contendo discursos que versavam, à época, sobre os *espaços vazios* ou *espaços ainda virgens* em Mato Grosso. Nesse sentido, é relevante destacar que nas notícias que chegavam aos diversos lugares, Mato Grosso se configurava com a imagem de Estado naturalmente rico. Exemplo disso são artigos como o apresentado a seguir, publicado em 1938, no periódico *O Garimpeiro*, que materializavam essas idéias:

### *Sertões mato-grossense*

*Para se fazer uma idéia nítida desse “cofre de jóias” que se chama Mato Grosso, é mister percorrer os seus vastos sertões, contornar os seus gigantescos rios, aprofundar-se nos recôncavos de seus férteis e inumeráveis vales.*

*A vista, perde-se no infinito dos seus azulados montes, detendo-se aquém numa saliência abrupta, ... prolongando-se acolá numa ascendência íngreme.*

*Quanta majestade encerram essas veneráveis árvores seculares, que com seus galhos destendidos recobertos de esmeraldina roupagem, dir-se-ia que velam pela tranqüilidade do solo, contra mãos cobiçosas de seus tesouros incomparáveis!!*

*Que rios soberbos, que com essa enorme massa líquida, guardam com carinho as suas pedrinhas alvintentes!*

*Marginando o Paraguai, tem-se a impressão de estar em presença de uma divindade grega, cujas mãos*

*benéficas, espargem os favores de sua eterna solicitude.*

*Ao longo do seu plácido curso, encontram-se magníficas Vitórias Regias, belas princesas do Paraguai; que tanto deslumbramento causam aos seus admiradores.*

*Passando ao rio Araguaia, a visão não é menos pitoresca, porém diversa.*

*Enquanto aquele percorre à amiúde as cidades, este embrenha-se em grande parte pelas florestas.*

*Desliza majestosamente por entre alas de buritis delgados, imprimindo à paisagem um tom merencório e suave. De quando em vez, se agita a superfície calma de suas águas, pela passagem morosa de um ubá onde o índio astuto pesca às deshoras e, ao ferir o peixe enorme, se estremece todo, qual se fosse à vista de bronzes duende.*

*Segue o rio seu curso vagarosamente, passando aos pés das cabanas, onde o campônio se extasia ante à sua grandeza, e queda-se confuso na contemplação desse colosso, como se ele fosse um protetor solícito desses ermos. Que vida boa, a dessa gente simples!*

*Contemplam o caudaloso rio, qual Byron ante ao Leman. Originam a sua poesia sem contudo atender às meticulosas metrificações Shakespeare!*

*Ao por do sol o campônio admira a transfiguração da natureza, e louva a esse artista divino, que com o seu mágico pincel, doura as flôres das campinas e as grimpas virentes dos montes. Desprezam Rafael e Miguel Ângelo, sem todavia, conhecê-los, pela restrição de sua arte! E à noite quando a lua cheia reflete sobre o rio, o caboclo ponteia na viola uma canção, sem que Chopin ou Beethoven esteja a importuná-lo com o seu compasso!*

*Sertanejos de minha terra! Não desejeis jamais substituir a vossa.<sup>155</sup>*

O texto mantém uma tática e se reveste de uma postura norteadora, ao fornecer elementos para difundir a partir da utilização desses recursos propagandísticos, travestidos de símbolos, visão de paraíso, terras férteis, signos que projetavam para os colonos possibilidades de realizações aspiradas individualmente ou coletivamente.

Nesse sentido, o que resiste na memória desses colonos não se resume a um conjunto de lembranças sobre determinados fatos, naturezas ou lugares. Constitui-se, sim, num processo de luta em torno daquilo que deve ser guardado e rememorado, pois, a memória insere-se, nesse estudo, como um

---

<sup>155</sup> *O Garimpeiro*, Revista Mensal, Religiosa e Literária. Ano I/II. Guiratinga, Tip. São José, 1938, p. 14.

elemento fundamental para o entendimento da circulação de determinadas imagens sobre a chegada, as experiências dos moradores no *lugar*, a ajuda mútua, as relações de solidariedade, as paisagens, a natureza e sua utilização, bem como a unidade de enredo, de trama e dos caminhos percorridos pelas representações culturais e pelos diversos significados.

Um dos significados resultantes das práticas desses grupos migrantes é o espaço, aquele produzido e expressado a cada momento pelas relações que lhe deram origem. Para Certeau, “o espaço é um lugar praticado”, e acrescenta ainda que “o espaço é uma realidade duradoura, é através do espaço que a imaginação ou o pensamento é capaz de reconstruir a categoria das lembranças”<sup>156</sup>. Depreende-se, portanto, que o espaço é uma representação cultural, resultante da ação dos homens, que propicia uma nova paisagem e possibilita manifestar a historicidade do desenvolvimento de homens e mulheres.

## A arte de lembrar a chegada

Os relatos dos narradores denotam que quando eles iam chegando em Poxoréo uma nova paisagem desenhava-se nos espaços contrastantes do leste de Mato Grosso, e a imagem de Poxoréo é quase sempre positivada no nível das representações, o que fica perceptível pela forma como ela aparece nos depoimentos. Ilustra isso a história de chegada dos trabalhadores narrada por Jurandir:

*A chegada era desse jeito, cada baiano daqueles que chegava, cada família daquelas que chegava em Poxoréo, elas faziam uma passagem por um bocado de casa de famílias. E nesse ínterim, o chefe de cada família ia escolher o lugar de morar, numa mata, em algum lugar. Os outros, digo, os moradores de Poxoréo, os compadres, conterrâneos, faziam um ajuntamento e, iam lá e derrubavam toda a mata, depois faziam outro ajuntamento e construía as casas para eles e ainda forneciam para os colonos cereais, alimentação até eles produzirem, quer dizer eles chegavam sem nada, exauridos de qualquer recurso, desprovidos de tudo, mas os outros aqui*

---

<sup>156</sup> CERTEAU, 1994, p. 202.

*faziam tudo isso, iam lá derrubavam, primeiro a mata, depois derruba e ajuda a fazer a casa ainda.*<sup>157</sup>

Jurandir da Cruz Xavier, paraibano de Itabaiana, escritor, é um dos narradores desse estudo cujo diálogo, apoio, foi gratificante e significativo na cidade de Poxoréo. Por meio de suas histórias, Jurandir oferece uma visão de como ocorreu a chegada dos colonos na cidade de Poxoréo e adjacências na primeira metade do século XX, e rememora sobre o cotidiano desses grupos.

Na arte de lembrar, Jurandir recorda e revela aspectos identitários desses sujeitos, o que possibilita conhecer a relação entre modo de vida, condições de vida, cultura e experiências. A criatividade de Jurandir é demonstrada em sua narrativa; nas descrições detalhadas, ele aponta para as histórias de vida desses homens e mulheres que se fazem, enquanto se ajuntam, constroem a morada e a primeira roça, enriquecendo de especificidades o caleidoscópio de situações particulares.

Há singularidade por toda parte, e da fala de Jurandir depreende-se que a terra é o sonho de toda essa gente, e ela, depois de desbravada, passa a ser real. Mas a realidade para esses itinerantes traduz-se em trabalho, dignidade e solidariedade. Todavia, resgatar o trabalho como uma dimensão que envolva as representações sociais é compreender a complementaridade da vida e do trabalho entre esses trabalhadores. Essa complementaridade é determinada pelo conjunto das relações vivenciadas, relações definidas pelos papéis e atributos de cada um.

O trabalho, nesse contexto concebido, traz a marca desses atributos, fruto das experiências. A marca do trabalho é assentada nas formas costumeiras de apropriação da terra, que define peculiaridades de um trabalho essencialmente familiar e assentado por relações regidas, sobretudo, por redes de solidariedade entre vizinhos, parentes, compadres e conterrâneos, características do mundo camponês. Antonio Cândido, em *Os parceiros do Rio Bonito*, investiga o modo de vida de um agrupamento caipira<sup>158</sup>, buscando a sua compreensão a partir de uma cultura tradicional, ou seja, costumes que

---

<sup>157</sup> Relato de Jurandir da Cruz Xavier.

<sup>158</sup> Para designar os aspectos culturais, Antonio Cândido usa *caipira* para exprimir um modo de ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial. (CÂNDIDO, 1987, p. 22).

permaneceram daquele caipira anterior à chegada dos colonos do fim do século XIX. Cândido esclarece que:

*A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio, mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível como o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência.<sup>159</sup>*

Para Cândido, determinados costumes da cultura caipira foram se ajustando a uma nova conjuntura, em uma nova sociedade, como foi o caso do trabalho familiar sertanejo, realizado na forma usual do mutirão, trabalho familiar na comunidade<sup>160</sup>.

Nesse sentido, nada expressa melhor essa forma de trabalho familiar em redes de solidariedade do que os fragmentos narrados anteriormente por Jurandir da Cruz Xavier, quando relata sobre as famílias que iam chegando em Poxoréo, muitas sem condições, e recebiam esse adjutório oriundo dos conterrâneos, através de ajuda mútua, enfim, por meio de mutirão.

O sentido de mutirão no relato de Jurandir, fora aquele adotado para as atividades da lavoura, quando da derrubada da mata, semeadura, limpeza da roça e colheita, além da edificação das casas. Para os demais narradores, o mutirão terminava com uma festa, e eles informam, também, que os ensinamentos religiosos pregam que no mutirão a obrigação não é com ninguém, é com Deus, e que por isso ninguém recusa o auxílio pedido. E foi através dessa forma de trabalho cooperativo, que se assegurou a reprodução de um estilo de vida próprio para enfrentar a escassez de recursos e fortalecer os laços comunitários de pertença. Essa forma de organização dos trabalhadores na região de Poxoréo possibilitou também o envolvimento com a Igreja

---

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>160</sup> O mutirão – ou muchiron, na linguagem indígena. De acordo com os seus relatos, Luís D'Alincourt, em 1818 encontrou-se, entre Jundiá e Campinas, numa casa em que “havia um grande número de pessoas, d'ambos os sexos; por ser costume juntaram-se muitos para o trabalho e, assim passam de umas a outras casas, à medida que vão findando as tarefas: o trabalho consiste em prepararem e fiarem algodão, e fazerem roçados para a plantação e as noites passam-nas alegremente com seus toques, e folias” (D'ALINCOURT, 1975, p. 49).

Católica, sendo a religião um dos pontos de sociabilidade, com práticas que se traduzem em devoções aos santos.

Riolando Azzi, em *O catolicismo popular no Brasil*, que investiga o catolicismo tradicional, origem lusitana e o seu aspecto social, argumenta que o catolicismo tradicional está mais profundamente vinculado à cultura do povo brasileiro, e que, na maneira de expressar-se do catolicismo, *fé e cultura* caminham de mãos dadas, numa inter-relação cultural-religiosa; portanto, é válido afirmar que parte da visão solidária desse catolicismo centraliza-se no culto aos santos, nas procissões dos grupos de vizinhanças, nas missas, rezas, terços, novenas, quando juntam várias pessoas na casa de um dos participantes para a leitura do evangelho associada à leitura da realidade.

Dessas práticas sociais construíram-se laços sociais virtuosos a partir da instigação aos elementos simbólicos da religiosidade e da coesão familiar.

Vale observar, portanto, nessa discussão sobre a chegada e a integração de homens e mulheres nos diversos lugares, nesse período em estudo, que em parte da historiografia brasileira que descreveu a ocupação dos espaços brasileiros os autores argumentam que homens e mulheres desterritorializados, em condições de grande pobreza, viviam saindo de lugares distantes para outros lugares distantes, sendo que grande parte dessas pessoas são identificadas, apontadas e representadas também pelos costumes e ações mútuas de solidariedade.

E, destacam, ainda, esses historiadores, que os enormes fluxos de deslocamentos populacionais são decorrentes da escassez de recursos, além do domínio e da presença do latifúndio, o que vem caracterizar as sociedades dos desiguais, de uma convivência com um meio ambiente hostil e, por último, condiciona o modo de viver no mudo camponês brasileiro.

Registram que a produção familiar brasileira, nesse ínterim e diante desse mundo de múltiplas significações, reorganizou-se durante muito tempo através de várias práticas que possibilitaram a garantia do uso da terra e ainda herdar seus frutos, manter a família e a comunidade como um todo, sendo que grande parte dessas garantias se deu de acordo com os costumes de caráter regional brasileiro.

Um outro aspecto ainda a considerar sobre essas experiências praticadas pelo homem do campo no interior do país é o apresentado por

Hernani de Carvalho, quando descreve sobre uma das práticas de ação mútua utilizada pelo homem do campo no interior de Goiás. Ele diz que na zona rural a coisa se apresenta de forma diferente. Devido à falta de recursos financeiros, acontece de encontrar-se um fazendeiro em dificuldades, com seus pastos festejados de ervas, ou com o seu milharal “sujo”, isto é, com o mato crescido de permeio, e outras tantas complicações da mesma natureza; quando então aparece a “Traição”<sup>161</sup>. Segundo Carvalho, passa-se assim:

*Um vizinho amigo reúne os seus camaradas (empregados) e convida outros amigos que com seus homens, em surdina, preparam um “ajudatório” de “surpresa”. Debaixo do maior sigilo investigam qual é o trabalho a fazer, para quantos dias, etc. fazem o cálculo de redução: para um dia, qual o número de trabalhadores, etc. Reúnem de 50 a 90 pessoas conforme a tarefa e por volta das 10 ou 11 horas da noite, munidos das enxadas, foices não deixando as chorosas violas que são indispensáveis quantos os primeiros instrumentos dirigem-se à casa do amigo. O fazendeiro que ignorando tudo, dorme tranqüilamente (ou talvez preocupado com suas complicações), acorda assustadíssimo com a chegada da “traição”. Ao lado deste aspecto de cooperativismo, de altruísmo e amizade está o social, o pitoresco, o divertido. O traído no momento fica nervoso pois que talvez o café torrado não dê, talvez não poderá tratar de tanta gente, mas sem ligar para estas preocupações os traidores cantam sua saudação de chegada.*

*As violas e sanfonas acompanham os cantadores e as cantigas se alongaram pois que a “chegada” é variada. O pessoal da casa não pode abrir as portas antes que, para tal seja intimado em versos. São recebidas cordialmente pelo dono da casa que já se refez do susto pois em muitos casos (de acordo com a situação financeira do traído) trazem cargueiros de gêneros alimentícios e as “negras” para ajudarem a patroa na cozinha.*

*O sol vem encontrá-los em uma catira “sarada”, pois o “brinquedo” é parte integrante da “traição”. Pela manhã, depois do leite quente, café com bolos etc., partem para o serviço. Enquanto trabalham e cantam são regados de vez que quando com uma boa pinguinha. O almoço é levado lá mesmo onde*

---

<sup>161</sup> Traição é uma espécie de *mutirão* ou *muxirão* que os habitantes do interior de Goiás fazem quando têm conhecimento de que alguém está precisando de ajuda na roça. Juntam-se as mulheres e os homens amigos do necessitado e, de madrugada, chegam a sua casa e, disparando armas de fogo, acordam o *atraçoado* em meio a uma barulheira enorme. Os homens se dirigem para a roça e as mulheres ficam preparando o almoço e o jantar que é por conta do *atraçoado*. À noite, tocam e dançam até o Sol raiar (ver CASCUDO, 1954).

*trabalham pois a festa é no jantar. Ao pôr-do-sol, cada turma já deu conta do seu “eito”, e vão saborear o jantar. Leitões e frangos são sacrificados para a ocasião que é uma festa, pois o trabalho que exigia dois meses ou mais está feito debaixo de toda a amizade. Antes do jantar cantam o “Benedito” e à noite outro baile os espera.*<sup>162</sup>

O que se torna visível nessas experiências apresentadas é a garantia de um intercâmbio permanente entre os vários grupos, as múltiplas experiências regionais, onde as dificuldades surgidas e os benefícios gerados são conhecidos e compartilhados, formando uma identidade ao mesmo tempo em que se cria uma consciência tanto da necessidade de luta contra a exclusão social quanto a respeito da situação do mundo rural.

Ainda na citada passagem da narrativa de Jurandir, denota-se que as representações construídas – com relação à edificação das casas, ao fornecimento de cereais e alimentos outros, bem como à ajuda na primeira roça – eram ligadas a garantia de vida, vida na terra, de manter a família e sobreviver para poder criar os filhos. A terra, aqui, passa a ser o alojamento das lembranças, o lugar onde memória e imaginação não se dissociam. Nesse espaço sagrado, e através da ação mútua, nasce a casa, a moradia da família. Na vida desses homens e mulheres, a casa é o seu primeiro local de acolhimento. Segundo Bachelard,

*A casa é o nosso canto do mundo (...) Sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser jogado no mundo (...) Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo (...) a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz (...).*<sup>163</sup>

A representação da casa para esses narradores tem toda as características da casa sonhada em outro lugar, em outro espaço. É nessa casa que se abriga o seu devaneio e se lhes é permitido sonhar em paz. Nesse sentido, é possível explicar a permanência de traços significativos da

---

<sup>162</sup> CARVALHO, 1996.

<sup>163</sup> BACHELARD, 1988a, p. 24-626.

identidade desses narradores pelos modos como traduzem esses “sinais” em suas memórias e narrativas.

As leituras que fazem do passado, suas memórias e representações, são de grande significação a partir do momento em que há a ressignificação no tempo presente. Assim, a forma como alguns narradores, itinerantes das caravanas rumo a Mato Grosso, transformam as lembranças de vida para o tempo presente remete-nos a Benjamim, em suas considerações sobre *A imagem de Proust*, onde diz que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido; ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”<sup>164</sup>.

## Os foguetórios da chegada: do Piçarrão do Zezé à Praça da Liberdade

As falas de Jurandir da Cruz Xavier e de outros narradores encontram guarida na reflexão de W. Benjamim, pois ao narrarem suas histórias, rememoram acontecimentos, como o da chegada das caravanas de “baianos” ao povoado de Poxoréo. Desses acontecimentos, Jurandir seleciona pontos que referenciam as representações dos grupos baianos como solidários, festeiros e outros. Senão vejamos:

*Isso é a coisa mais interessante que eu já vi aqui em Poxoréo, era a chegada dos baianos na cidade. Vou explicar. Quando já estavam chegando próximo daqui, eles mandavam pessoas na frente e vinham até Poxoréo. Em Poxoréo eles carregavam 2, 3, 4 cargueiros de mantimentos, cereais e mandavam encontrar com a caravana, para abastecer a caravana. Era quando chegavam aqui de Guiratinga, para cá um pouco. Eles passavam por Guiratinga. E o povo aqui mandava um animal só carregado de foguetes para encontrar com eles, para eles soltarem os foguetes aqui pertinho. Assim, no dia da chegada de uma caravana aqui todo mundo já estava*

---

<sup>164</sup> BENJAMIM, 1985, p. 37.

*esperando, era uma senhora festa, esses baianos daqui, já estavam alicerçados aqui, portanto, vinham todos para a praça da Liberdade, lá embaixo e ficavam aguardando que eles soltassem os foguetes lá no piçarrão do Zezé, lá adiante do piçarrão, um pouco pra lá dos currais. O negócio aqui cobria de fumaça, tantos foguetes, era como rajadas de tiros de revólver e carabina e tudo. Então, eles vinham de lá soltando foguetes e os daqui também soltando foguete. A descida da serra, subiam o morro dos currais (não era por onde tá passando hoje) subiam o morro dos currais e desciam. Na frente da caravana vinha a tropa, a frente da tropa tinha uma mula enfeitada com uma boneca sentada nas cruzes dela, entende, e era tudo cheio de argolas no peitoral e um polaquinho, por que aqueles polaquinhos marcavam o compasso do passo da mula e os outros acompanhavam aquele mesmo compasso. Aquilo era necessário (...).<sup>165</sup>*

Jurandir relembra a festa da chegada das caravanas, uma mistura de fumaça e barulho na praça da Liberdade, em Poxoréo, e a sua fala é feita com alegria ao contar sobre o barulho dos foguetórios que saudavam a chegada. Diz, ainda, que pareciam rajadas de tiros de revólver e carabinas, pelo barulho que provocavam. Destaca-se também em seu relato o papel fundamental daqueles que já estavam alicerçados em Poxoréo, pois participavam ajudando com a oferta de alimentos e hospedagem, nas diversas trocas, recebendo e retribuindo apoio, na alegria de reverem parentes e amigos.

Os narradores relatam que, de algum modo, muitos já conheciam as paisagens mato-grossenses, de maneiras e formas diferenciadas, destacando, alguns, as cartas enviadas e recebidas como elemento de difusão, comunicação. Elas haviam se incumbido de relatar e redesenhar as belezas e as farturas do lugar, com uma configuração imaginária forte que transformava e tentava se adequar às aspirações inconscientes. As cartas, de acordo com os narradores, traduziam esse imaginário como um destino inexorável, uma espécie de vontade de Deus que lhes traçou essa viagem, essa história.

No entanto, como pode ser visto, ainda, na narrativa, Jurandir, nas suas lembranças dos tempos de chegada em Poxoréo, chama a atenção para os caminhos percorridos, as histórias desses lugares, a maneira e as diversas formas de chegada.

---

<sup>165</sup> Relato de Jurandir da Cruz Xavier.

De suas lembranças, com relação às caravanas de baianos e suas tropas para Poxoréo, abre-se a possibilidade para a apresentação de outras experiências, outras representações que fazem lembrar o fragmento narrado. São versões que predominam na historiografia e que descrevem histórias de tropeiros que viajavam pelos sertões, percorrendo muitas vezes as mesmas trajetórias dos itinerantes e dos garimpeiros, e cujas ações e representações se encontram, também, na forma de organização e distribuição da tropa, bem como na arte de labutar com a tropa e ao mesmo tempo manter as tradições. Por outro lado, procuravam abastecer de mercadorias e animais os locais por onde passavam, de acordo com esse período em estudo.

A historiadora Regina B. Guimarães Neto possui uma reflexão significativa sobre a trajetória dos tropeiros, a abertura desses novos mercados para as áreas da mineração, a chegada das mercadorias e as tropas pelo sertão de Mato Grosso, da que se fará uso para apreender o fragmento de história narrado por Jurandir, no que diz respeito à chegada das caravanas de baianos e suas tropas em Poxoréo. Guimarães Neto argumenta:

*Ao longo desse tempo, com o alargamento das áreas de garimpo, novas linhas comerciais foram sendo lentamente ativadas, a partir do Pará, redirecionando-se dos múltiplos pontos de exploração da borracha – já em crise – para as áreas emergentes da mineração. Iniciava-se, assim, uma maior movimentação das embarcações que saíam de Belém, abarrotadas de mercadorias, em direção a Conceição e Couto Magalhães, já visando os novos mercados que se abriam na zona dos garimpos do leste mato-grossense. (...) Costuma-se dizer que lá onde se abria uma clareira para a mineração o mercador podia alcançar, seguindo as pegadas dos garimpeiros com seus animais de carga – jumentos, burros e mulas – negociando gêneros de primeira necessidade. Os tropeiros dos sertões eram, assim, figuras extremamente úteis nessa função. (...) Caracteriza-se, assim, um modo de vida dos tropeiros: enfrentando todos os riscos, entre aventuras e planos determinados em função dos lucros nos sertões, eram os que apanhavam as mercadorias e as levavam para revender onde as embarcações e as estradas precárias não conseguiam alcançar.<sup>166</sup>*

---

<sup>166</sup> GUIMARÃES NETO, 1996, p. 130-133.

Em outra temporalidade, Mafalda Zemella, também argumenta sobre a representação dos tropeiros pelo vários caminhos, e explica sobre o papel de tais homens:

*Passaram a serem respeitados por seu poder econômico e político, além de ter também se tornado figura extremamente popular, o tropeiro, se no princípio da era mineradora teve qualquer coisa do antipático, pela especulação que fazia dos gêneros, aos poucos foi adquirindo, ao lado da função puramente econômica de abastecedor das Gerais, um papel mais social e simpático de portador de notícias, mensageiro de cartas e recados (...).<sup>167</sup>*

De acordo com as abordagens apresentadas acima, depreende-se que os tropeiros representavam um elo de união entre centros urbanos, levando para todos as novidades políticas, as informações sobre as coisas de uso e consumo. Contudo, essas caravanas de tropeiros e suas tropas fizeram aparecer um intenso comércio interno de artigos de subsistência, com a circulação dos gêneros levando à abertura de vias de penetração no sertão. Ademais, os caminhos dos tropeiros são indicadores da própria constituição das povoações que proliferam pela zona diamantífera do leste mato-grossense.

Complementando as informações, contam os narradores que alguns dos tropeiros, pelo fato de serem eles os encarregados da venda e distribuição de mercadorias, obtiveram ascensão social como fruto de seus lucros, e, desta maneira, ostentando seus símbolos de riqueza, passaram a gastar vultosas quantias em zonas ou cabarés dos vilarejos, bancando as mulheres que vinham para as zonas diamantíferas, proporcionado aos garimpeiros as mais variadas festas. Como diz Sabóia Ribeiro, “Vieram mulheres alegres – vivandeiras das falanges garimpeiras – e a vida noturna quebrou a pacatez do emaranhado de ranchos”<sup>168</sup>.

O caráter festivo da chegada dos colonos baianos, em suas caravanas e tropas, abordado no fragmento relatado por Jurandir, dá uma enorme visibilidade à forma de organização de suas caravanas. Diz Jurandir que na frente da caravana vinham as tropas de animais, e na frente da tropa vinha a

---

<sup>167</sup> ZEMELLA, 1990, p. 191.

<sup>168</sup> RIBEIRO, 1945, p. 50.

mula madrinha, toda enfeitada, com suas argolas e polaquinho. Contudo, indica o narrador que esses polaquinhos eram necessários, pois “marcavam o compasso do passo da mula e os outros acompanhavam aquele mesmo compasso”<sup>169</sup>.

Descrições como essas e com mera semelhança, embora construída de formas distintas em diferentes temporalidades, mas com rigor poético e com detalhes sobre a organização das tropas nas caravanas de tropeiros, encontra-se em *Brasil terra e alma; Minas Gerais*, texto organizado por Carlos Drummond de Andrade, que diz:

*Só se empregam bestas de carga no transporte das mercadorias que saem da província de Minas e das que os habitantes dessa província importam da capital (...) As tropas um pouco consideráveis são dividida em lotes de sete animais, e cada um é confiado à guarda de um negro ou mulato que, caminhando na retaguarda dos cargueiros de que está encarregado, os incita e dirige por meio de gritos ou assobio bastante brando. Costuma-se carregar cada besta com oito arrobas (120 quilos), e, para não feri-las, iguala-se a carga com o maior cuidado. (...) À frente ia a madrinha da tropa, um cavalo com o seu cinorro a tinir com o guia dos lotes de sete a oito mulas que seguiam em fila indiana. Guieira, uma besta de cabeçada cheia de guizos e de tiras de baeta e outros enfeites multicores na ponta de couro levantado na parte interior. Vinha em seguida cada lote com o seu tocador ou tropeiro e separado do imediato por distância razoável, para não haver atropelo nos pontos difíceis do caminho. Fechando o cortejo, vinha o dono ou arrieiro cavalgando lindo animal ricamente arriado. (...) Os tocadores e o cozinheiro acompanham a tropa a pé, descalços, sem paletó, com as calças arregaçadas e um lenço amarrado na cabeça mesmo quando levam chapéu, em geral de palha. (...) O arrieiro, não raro dono da tropa, traja decentemente e traz poncho azul – ferrête, forrado de baeta encarnada, caindo sobre as botas de couro.<sup>170</sup>*

Essas duas narrativas demonstram exaltação dos sinais – traços culturais – dos tropeiros e suas tropas, e das tropas das caravanas de migrantes. Da singular convergência entre as descrições dos ritos e dos ricos ornamentos

---

<sup>169</sup> Relato de Jurandir.

<sup>170</sup> ANDRADE, s.d..

para as cavalgadas feitas pelos narradores, torna-se possível captar uma realidade mais profunda, atribuindo a heterogeneidade da aproximação à distância espacial e temporal das sociedades que ora se fala.

Histórias entrecruzam-se, e cabe fazer menção, nessa trama, ao fragmento narrado por Cláudio Juiz, quando conta sobre a saga da chegada do seu pai em Poxoréo e sobre a maneira de ele ganhar a vida. Cláudio relata que seu pai, João Juiz, saiu da Bahia em 1917, da cidade Perto do Céu, e de lá veio para a cidade de Goiás-GO. Mas, ouvindo falar que estava chovendo de garimpos pela região que hoje é Poxoréo, deslocou-se para lá com a tropa de burros:

*Ele chegou nos garimpos de São Pedro, Santiago, Raizinha e Poxoréo, vendendo carne, arroz, feijão e banha. Meu pai, João Juiz, o Rodrigues Preto e o Antonio Fagundes abasteciam essa região de garimpo com animais cargueiros, tinham doze burros. Meu pai e o Rodrigues Preto compravam carne em Baliza, do outro lado do Araguaia e vinham vendendo por Capim Branco e iam sair lá por São Pedro. O Antonio Fagundes ia por Santa Rita do Araguaia e foi trazendo maranhense, baiano, era o que mais tinha, depois trouxe os pernambucanos e os cearenses.<sup>171</sup>*

Cláudio recorda-se das histórias contadas por seu pai, sobre a sua passagem pelos diversos garimpos no leste de Mato Grosso. Observa-se no seu relato que João Juiz (seu pai), Rodrigues Preto e Antonio Fagundes tinham histórias com passagens importantes pelo sertão, como foi o caso da participação em rotas comerciais importantes, como a de Baliza-GO<sup>172</sup>, local onde também efetivavam a compra de gêneros e outras mercadorias, que seriam revendidas nas áreas emergentes, e essas longas jornadas eram feitas

---

<sup>171</sup> Relato de Cláudio Juiz.

<sup>172</sup> A descoberta dos garimpos de Baliza-GO deve ser vista também como parte da exploração diamantífera numa região muito mais ampla, que vai desde a área compreendida entre os rios Garças e Araguaia, parte que integra o Estado de Mato Grosso, mas que na época pertencia ao Estado de Goiás (que redefiniu suas fronteiras e perdeu esse território para o Estado de Mato Grosso justamente quando Baliza estava aparecendo). A cidade garimpeira surgiu na década de 1920, quando o conflito territorial entre Mato Grosso e Goiás estava chegando ao seu desfecho final. E, assim, em Baliza, primeiro vieram os garimpeiros, em seguida os capangueiros, as prostitutas, os comerciantes que vieram com suas famílias, e nessa órbita uma série de outros profissionais que, tomados num conjunto, construíram a cidade garimpeira, delineando os seus contornos e espaços à medida que a população ali se fixava. (OLIVEIRA, 2000).

com uma tropa de doze burros que facilitava percorrer os caminhos de ida e volta, passando por trechos que só o animal de carga conseguia vencer.

De acordo com a narrativa de Cláudio, esses três tropeiros conseguiam comercializar seus produtos por diversos garimpos e caminhos, e ao mesmo tempo participavam no transporte e condução de pessoas para as diversas rotas e regiões garimpeiras do leste de Mato Grosso.

Em todas estas representações é possível observar uma espécie de transmutação das experiências vividas. Das descrições de Jurandir e Cláudio depreende-se que eles foram além do vivido e trouxeram para suas narrativas um conjunto de elementos com fortes significados simbólicos, que, ao resignificarem, permitem compreender as realizações desses homens e mulheres ao reafirmarem, igualmente, laços de solidariedade, de apropriação dos espaços, formas de instalação e, ainda, a capacidade de suportar o trabalho e amenizar as agruras da vida.

No conjunto de representações que povoam a consciência de Jurandir e Cláudio, as imagens que estão à disposição fazem lembrar a chegada dos trabalhadores, e o que pode ser percebido é a surpreendente busca que eles fazem ao narrar as histórias dos lugares por onde passavam as caravanas de homens e mulheres e suas tropas. Novaes esclarece que:

*A memória faz cruzar a história e a intimidade, o mais público e o mais individual, em crônicas muito originais e prenes de contingência, crônica do indivíduo na família, na escola, no trabalho, no bairro ou na cidade, em todo o grupo onde os homens se nutriram simbolicamente e onde empenharam.*<sup>173</sup>

Assim, o olhar do narrador perpassa pelas histórias dos lugares da chegada, entre os quais Jurandir, em sua fala anterior, lembra de Guiratinga – antiga Lageado. Face às histórias sobre esse lugar, contadas por alguns narradores das caravanas e também pelos escritores historicistas, que descrevem Guiratinga à época como sendo um ponto obrigatório de paragem e passagem para todos aqueles que se dirigissem para Poxoréo e tantos outros povoados do leste.

---

<sup>173</sup> NOVAES *et al.*, 1988, p. 99.

As descrições históricas acontecem dessa maneira: Guiratinga – antiga Lageado –, lugar historicamente ocupado por povos indígenas da nação *Bororo*; no entanto, a palavra *Guiratinga* é grafada na língua tupi: “gyra” significa “garça” e “tinga” significa “branca”. São descrições que se encontram nas obras escritas sobre Mato Grosso<sup>174</sup>, cujos autores estabelecem a origem da região e descrevem sobre a chegada dos pioneiros – fazendeiros – e garimpeiros, descrevendo, também, os conflitos e mortes entre aqueles que adentraram no leste de Mato Grosso. Esses escritores trazem histórias que possuem um encadeamento natural, e, portanto, estas servirão de guias e auxiliarão nesse estudo em que se pretende elaborar novas maneiras de apresentar os acontecimentos, com indícios de uma história articulada a outros fatos, cujos resultados estabelecerão ligações históricas mais ricas.

A história descrita sobre o lugar é marcada tão somente pela chegada dos desbravadores, pelos seus atos heróicos, pioneiros, recheados de continuidade. No entanto, deixam de fora os questionamentos sobre as ações humanas, suas histórias e memórias, a amplitude dos acontecimentos e suas múltiplas dimensões.

Sob outra perspectiva, a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto efetuou estudos sobre garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso, investigando mais de perto sobre uma das cidades que mais se destacou nesse processo – Guiratinga. A autora selecionou alguns pontos reveladores de imagens da vida nas pequenas cidades da mineração, acolhendo circunstâncias e personagens singulares, condições específicas e formas próprias de sobrevivências<sup>175</sup>. Ou seja, Guimarães Neto explorou outros caminhos para conhecer um pouco da vida dos habitantes e da história daquele lugar. E assim as apresenta:

*Lageado surgia sobressaindo-se como cidade importante no cenário minerador. Orgulhava-se de sua fisionomia mais organizada e disputava com Poxoréo o título de “capital da zona garimpeira do leste”. Apresentavam-se, para isso, as condições que*

---

<sup>174</sup> Na bibliografia mais tradicional da História de Mato Grosso, as referências a Guiratinga podem ser encontradas em RIBEIRO, 1945; SILVA, 1954; CAMPOS, 1955; MENDONÇA, 1982; CORRÊA FILHO, 1969; e VARJÃO, 1980, 1985.

<sup>175</sup> Sobre esse assunto, ver, entre outros, GUIMARÃES NETO, 1996.

*diferenciavam seu espaço, marcado pelo contraste, simultaneidade e concentração de atividades sociais, delimitando fronteiras, removendo obstáculos e, principalmente, sempre na ordem do discurso, separando o ambiente citadino do “ambiente selvagem”. A cidade aparecia aos seus habitantes com uma paisagem irreconhecivelmente alterada: aberta ao progresso.*<sup>176</sup>

Diante de um mosaico de opções, Guimarães Neto procurou investigar e apreender aspectos como o poder e o comércio do diamante, os tempos triunfantes dos garimpos, os traços das cidades e seus contornos mais sutis. Explorou também o aparecimento da figura do *capangueiro*<sup>177</sup>, suas práticas de poder, e ainda dedicou-se a explicar sobre a memória celebrativa, a que se encarrega de construir a figura dos *fundadores*, presente nesses núcleos diamantíferos.

Dessa maneira Guimarães Neto discorre sobre a forte influência do capangueiro em Lageado e demais cidades do leste mato-grossense:

*Em seus poucos anos de história, Lageado, como as demais cidades e povoados dos garimpos, aparece sob a forte influência dos capangueiros. Sabe-se que, ao se tornarem os comerciantes de maior expressão, no âmbito do comércio diamantífero, eram os que organizavam e direcionavam os fluxos de compra e venda das pedras preciosas, aliando-se às firmas exportadoras com sede na capital do país, Rio de Janeiro, e, principalmente, tratavam de garantir a exploração diamantífera, promovendo a vinda de homens pobres para toda a zona mineradora. Da mesma forma, manifestavam seus interesses, nessa época, procurando estimular negociantes e profissionais de todo tipo a seguirem em direção aos núcleos garimpeiros, bem como, investindo na estrutura de povoados e cidades, entrecruzamentos chaves à concentração de capitais. A cidade escolhida*

---

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 165.

<sup>177</sup> Chamam-se *capangueiros* os compradores de diamante que realizam negócios de certo vulto. Por analogia, são chamados também exportadores, porque, uma vez organizada e completada a partida de pedra, vão revendê-la aos verdadeiros exportadores para a Europa e América do Norte, estabelecidos na Capital Federal, em poucas firmas. A palavra capangueiro provém de uma bolsa ampla de couro – capanga – outrora indispensável, porém hoje em desuso, trazida a tiracolo, tendo por utilidade a guarda dos utensílios de compra, balança portátil, dinheiro, lente e picuá em que guardavam os diamantes comprados, à medida que percorriam os garimpos (RIBEIRO, 1945, p. 167-168).

*como sede de seu comércio seria, antes de tudo, centro e esteio de seu poder.*<sup>178</sup>

De acordo com a autora, o que mais importa caracterizar no conjunto específico dessas particularidades são as explicações, certas imagens e interpretações. Argumenta Guimarães Neto que se preocupou em não cair em reduções, mas sim em abstrair da enorme diversidade social e histórica apenas as ligações mais visíveis, trazendo à luz certas práticas comerciais, práticas de poder, as redes de interesses e reciprocidade, enfim, as influências mais diversas dos compradores de diamantes nas pequenas cidades de povoamento do leste mato-grossense.

## Chegadas, desvios e experiências em Poxoréo

As narrativas de chegadas desses itinerantes, suas experiências nos primeiros tempos, nos diversos lugares, são conjunções de memórias, construídas com certos conteúdos do passado individual e com outros do passado coletivo, mas essencialmente condutoras de revelações. São relatos fecundos, pois muitos contam as histórias do antigo lugar, outros narram as histórias e sonhos no novo lugar. Enfim, são sonhos que despertam as centelhas de esperança nas diversas chegadas. Desse modo, as paisagens são redesenhadas, sonhos reconstruídos, pois está presente, ainda, o mito do desbravamento e o orgulho de serem de um dos grupos de colonos a se instalarem na *terra em que Deus pôs a mão*.

As narrativas retratam um certo ângulo da história dos itinerantes, que emitem signos ao esmiuçarem a maneira de viver, de perceber os tempos vividos, os tempos de glórias, de ousadias, enfim, de enfrentamento do mundo em outros lugares.

E, nessa passagem, quem descreve a sua experiência de chegada, recheada de tempos vividos nas trajetórias, nos cotidianos, nas lutas para a chegada, e da sua odisséia por Mato Grosso é Pedro, que narra a sensação que lhe causou a chegada, ao adentrar por terras desconhecidas. O narrador faz o

---

<sup>178</sup> GUIMARÃES NETO, 1996, p. 174-175.

registro de sua chegada e ao mesmo tempo, procura desvendar a geografia do lugar; a imagem do novo é um fato estritamente vivo nas histórias de vida e de chegada desses trabalhadores, em Poxoréo ou em outras partes da região. Assim ele narra a sua história:

*Dessa nossa jornada, chegamos e saímos de Lageado (Guiratinga) e chegamos até Poxoréo, na Alameda do Monchão Dourado (hoje se chama Currais), foi aonde fundou Poxoréo primeiro. Depois a cidade passou para o lado de cá do rio. Aí meu tio foi procurar uma família de conhecidos e encontrou. Portanto, no outro dia nós fomos parar no Alto Coité, corrutela de garimpeiros (distrito de Poxoréo). Chegamos lá, tinha pouco garimpeiro, não tinha estrada de carro só trieiro. Botamos os cargueirinhos lá, digo, os jumentinhos, e pedimos para o proprietário do terreno e aí ficamos garimpando por lá (...) Lembro do primeiro diamante que peguei – era de 5 gramas, aí vendemos para o Senhor Dedeus, era quem comprava diamantes em Alto Coité, vendemos por 1 conto e trezentos. Ai, eu fiquei rico, comprei roupa para meu pai, minha avó, comprei pra mim calças com suspensório e chapéu, fiquei bonito no garimpo (...).<sup>179</sup>*

A narrativa de Pedro Gomes da Rosa sobre a história da chegada de sua família perpassa, também, por alguns lugares de Mato Grosso, desde a paragem em Guiratinga, passagem quase obrigatória dos itinerantes, até a chegada do grupo em Poxoréo e em Alto Coité.

Nesse cenário de lembranças, em que Pedro rememora a chegada em Poxoréo, ele faz referência à Alameda do Monchão Dourado, local onde se deu a fundação de Poxoréo. Esse pequeno fragmento traz em si as histórias e as experiências passadas de homens e mulheres que se traduzem em fontes que energizam a tecitura da vida social e, ao mesmo tempo, emitem signos, toques mágicos, que vale a pena serem decifrados.

Chegar na *Alameda do Monchão Dourado* representava, para alguns, a realização de sonhos, a chegada ao paraíso. Esse fato, o da consumação dessa façanha, faz parte daquele sonho, o da vigília ainda no lugar e até mesmo em outros lugares, pois muitos, conheciam essas paisagens pelas descrições das notícias ou pelas histórias que ouviram contar, mas, assim mesmo, essa

---

<sup>179</sup> Relato de Pedro Gomes da Rosa.

chegada era tida como um passaporte para uma vida melhor, para a sobrevivência e para um mundo de realizações.

O próprio nome do pequeno vilarejo, *Monchão Dourado*, uma das portas de entrada e chegada de muitos, representa o sonho daqueles que vieram em busca do garimpo. Trata-se, o local, de “uma mancha grande no solo, em relevo” e, segundo Sabóia, denomina-se monchão “qualquer garimpo afastado da corrente do rio onde o diamante é encontrado, em maior ou menor proporção, de mistura com cascalho aluvionar de seixos rolados”<sup>180</sup>. Para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, significa “zonas diamantíferas: veio da terra firme onde se encontram depósitos de diamantes”<sup>181</sup>. E, ainda, para Guimarães Neto, “Monchão é a mina em terrenos secos, à margem dos rios, geralmente nos cerrados”<sup>182</sup>.

Já o adjetivo *dourado* faz referência à cor da piçarra, um arenito vermelho pardacento que, segundo alguns narradores, puxa para o dourado. Dessa maneira, o Monchão Dourado é compreendido também pelo aparecimento do cascalho à flor da terra, cujo formato é o de uma coroa de piçarra<sup>183</sup>. Argumenta Sabóia que, “nos dias chuvosos, quando a areia entremeada foge pela passagem das águas – uma galinha ciscando pode engolir de mistura um cristal diamantino, posteriormente encontrado pelas cozinheiras

---

<sup>180</sup> RIBEIRO, 1945, p. 104-106.

<sup>181</sup> FERREIRA, 1999, p. 1358.

<sup>182</sup> GUIMARAES NETO, 1996, p. 6.

<sup>183</sup> Michael Baxter argumenta que os lugares onde se encontravam os diamantes são os lençóis de cascalho. As pedras maiores não excedem 10 cm de diâmetros, são na maioria redondas e normalmente compostas de quartzo. O lençol de cascalho varia sua espessura de poucos centímetros a 2 ou até mesmo 3 metros. Uma espessura típica é de 50 a 60 centímetros. O lençol é ligeiramente acamado e se torna mais raso quando está distante dos níveis mais baixos de um vale. No lugar onde é mais profundo, o depósito freqüentemente possui uma estrutura dupla, a parte superior, bagerê, é de menor compactação que o cascalho, que se situa abaixo do mesmo. O bagerê geralmente é destituído de diamantes. Os depósitos invariavelmente estão acima de uma rocha de arenito conhecida como piçarra, que mostra vasta variedade em cor e composição. A estrutura dos depósitos localizados em terraço (monchão), vale ou em leito de riacho são idênticas. Os de terraço parecem ser independentes dos padrões atuais de drenagem, e são encontrados nos lugares mais elevados de um vale em terrenos firmes, afastados das correntes dos riachos. Embora os depósitos não sejam necessariamente mais profundos ou mais estreitos que outros depósitos, são geralmente, em Poxoréo, menos fecundos em diamantes, talvez pelo fato de não terem passado por um processo maior de erosão (BAXTER, 1988, p. 52).

no seu papo. Nesta suposição, nunca deixam de examinar cuidadosamente as vísceras em paga de seu sacrifício”<sup>184</sup>.

Como bem lembrou Pedro, “a cidade passou também, para o lado de cá do rio”. Assim, Poxoréo, nome tomado do rio que por ali passa, absorveu a atenção geral e estabeleceu-se no sopé do Morro da Mesa<sup>185</sup>, cujas jazidas, ainda, muitas delas intactas, e suas terras representavam, também, o sonho de muitos garimpeiros, lugar visto como uma terra de oportunidades, pois são terras relativamente férteis para o plantio e para a prática da pecuária, além, ainda, da possibilidade da prática da garimpagem.

De acordo com os historicistas, Poxoréo é compreendido também a partir da chegada de um pequeno grupo de caboclos afugentados por um morticínio havido nos garimpos do córrego São Pedro, e também se evadindo do alistamento forçado em consequência da peleja de grupos que avassalavam os acampamentos de maior animação. Eles saíram da Passagem dos Santos para ir acampar às encostas de um morro cujo topo se assemelha a uma grande mesa.

Neste contexto, para se compreender o movimento de constituição de Poxoréo, sua espacialidade e seu tempo histórico, é preciso buscar pelas experiências de sua população, pelos caminhos percorridos por homens e mulheres, as ações cotidianas vividas por essa gente nos tempos das fazendas, nas lavouras, no zelo com o gado, nas práticas da mineração e, ainda, utilizar-se das descrições que serviram de guias, pistas, no sentido de descobrir indícios de uma história real, buscando-se articulá-las a outros fatos.

Portanto, das experiências vividas na chegada, no novo lugar, no período em foco, Pedro fornece outros elementos importantes na construção dessa trama histórica, pois as suas narrativas ajudam a compor um mosaico de informações que se entrelaçam e constituem, desse modo, a matéria da memória, como foi o caso do desvio feito por sua família, de forma inusitada, e que desencadeou o processo das lembranças. Nessa perspectiva, traz também à baila novas trajetórias e lugares vividos por seus familiares. O narrador revela

---

<sup>184</sup> RIBEIRO, 1945, p, 105.

<sup>185</sup> Morro da Mesa é o de empilhamento vertical, esculpido em arenitos da Formação Bauru, de rochas ígneas Pré-cambrianas situado no planalto dos alcantilados que está inserido

que ao chegar em Poxoréo o grupo dirigiu-se para a corrutela de Alto Coité<sup>186</sup>, região de garimpo, em busca de trabalho e de sobrevivência.

O seu fragmento não destoa das demais narrativas, e apenas acrescenta outros aspectos importantes, como a participação do seu grupo em cartografar a cidade de Poxoréo na construção histórica dos lugares, a experiência com a garimpagem de diamantes, do primeiro achado diamantífero, e a realização do sonho de consumo pelo grupo.

A atividade garimpeira referenciada por Pedro é aquela desempenhada pelos mineradores que trabalham em depósitos de minerais à procura de pedras preciosas. Para isso, utilizam uma tecnologia rudimentar, já conhecida da historiografia.

E, como bem destacou Pedro em sua narrativa, as terras para a garimpagem eram, em geral, de propriedade de outros, como os capangueiros, meeiros ou atravessadores, e, dessa maneira, os garimpos iam se estruturando socialmente. Em muitos garimpos, as terras e os veios d'água eram cedidos pelos capangueiros para os garimpeiros mediante a meia do que fosse coletado. A outra parte era comprada pelo capangueiro, nas suas condições, pelo preço que queria. Segundo Lenharo, “não há tabelas, nem preços fixos nestas margens tristes. O capangueiro é a lei, a ciência, a sabedoria, o avaliador, o poderoso, e ninguém discutirá suas determinações. O capangueiro é também dono da loja, do armazém, nos quais o garimpeiro faz suas compras. O ciclo da subordinação se fechava, ficando o garimpeiro acorrentado à pessoa do capangueiro”<sup>187</sup>.

---

estruturalmente no leste de Mato Grosso numa parte da bacia sedimentar (BRASIL, 1982, p. 213).

<sup>186</sup> De acordo com as descrições históricas, Alto Coité foi o primeiro distrito de Poxoréo, cujo nome foi primeiro dado ao rio, pela abundância de árvores em suas margens que produziam o fruto chamado coité. Trata-se de um fruto em formato de circunferência que, quando maduro, servia, sobretudo, aos Bororo e a outros índios da região, de vasilha para servir o alimento ou para tomar água. O coité faz parte da cultura material nordestina, especialmente os da região da Bahia. A partir da década de 1930, em que se descobriram os primeiros garimpos na região, Alto Coité atraiu os primeiros garimpeiros na crença da riqueza fácil. Já na década de 1940, atraiu também grandes capitalistas, tanto que foi nesse distrito à época que se construiu um campo para pouso para aviões pequenos, trazendo capangueiros, exportadores e mulheres para o deleite dos garimpeiros (AMORIM, 2001, p. 74-77).

<sup>187</sup> LENHARO, 1986, p. 74.

E, mesmo convivendo nessas condições e determinações impostas por essas margens tristes, o narrador, ao contrário do que se poderia esperar, revela a sua satisfação: “aí, eu fiquei rico”, foi a expressão usada por Pedro ao rememorar a sua experiência como garimpeiro pelas terras de Mato Grosso, lembrando com alegria do primeiro achado, o diamante de 5 gramas, e conta que fizeram uma senhora festa com o dinheiro da venda, comprando roupas para todos os membros da família.

Com relação às roupas, às vestimentas dos garimpeiros à época, na perspectiva da chegada, Pedro Gomes tem uma outra lembrança, e sua rememoração remete à vida boêmia do garimpeiro, ao seu cotidiano vivido nas zonas de garimpo, às relações estabelecidas, à cultura material, enfim, passa a fazer uma descrição da vida social do garimpeiro de Poxoréo e adjacências, quando faz comparações, e procura retratar a real situação do garimpeiro, de ontem e hoje, suas relações, as suas posses, estilo de vida:

*Quando o garimpeiro saía do garimpo e buscava pela vida citadina no final de semana ou quando comemoravam as festas de santo, quase todos os garimpeiros tinham uma mala de roupa na cidade e, naquela época, o garimpeiro descia a rua Mato Grosso rumo a rua Bahia, lugar das festas e de mulheres bonitas, todo na gravata e no terno de casimira-aurora, era desse jeito, ninguém conhecia o garimpeiro lá na zona como garimpeiro, todos eram vistos e recebiam tratamento de deputado ou de comprador de diamante. Hoje, o garimpeiro anda de manga de camisa, mas naquela época não, os sapatos eram engraxados, andavam bonitos, mas ainda, para completar o traje, tinha uma coisa importante, um revolver 38 de lado e um punhal do outro lado.<sup>188</sup>*

Vale ressaltar que, pelos relatos e conhecimentos constituídos sobre essa temática percebe-se que esse mundo do garimpo é compreendido, por alguns, como uma sociedade de aventureiros e fugitivos, auto-reguladores por suas próprias leis não escritas, a lei do bando, o que viria a configurar uma vida de violência, de esgotamento, de doenças e mortes. Além disso, os garimpeiros eram vistos, também, como encenqueiros, gastadores, mulherengos e supersticiosos. Assim, quando pegava ou não um diamante, havia quase

---

<sup>188</sup> Relato de Pedro Gomes.

sempre uma explicação para o fato, geralmente feita através de superstições. Nesse sentido, Hermano Ribeiro da Silva descreve sobre o mundo dos garimpeiros, compreendido como um mundo de imaginações fecundas, que criam e governam os acontecimentos inesperados que irremediavelmente acompanham as explorações nos diversos garimpos:

*Afora a admissão do poderio dos sonhos, cuja série interminável se subdivide em bons e maus, admitem a força das rezas de magia negra, dos esconjuros, dos benzimentos, das lendas absurdas. Mas, prevalecem os sonhos como causa determinante nas probabilidades de vantagens como: sonhar com mulher bonita, com canoa subindo o rio, com pobreza, com imundice, equivale a excelente agouro para a labuta do dia, ao contrário, sonhar com riqueza, com negro, com canoa descendo o rio, com diamante, resulta em mau agouro. Outra superstição, credence é que se cinge ao “batismo” da pedra encontrada. Imediatamente o bateiro a coloca na boca e profere os nomes mais baixos e as ofensas mais torpes possíveis, a fim de quebrar o “encantamento”, isso em razão da fábula de que o diamante não gosta de ser retirado do seu pouso e que, sem o “batismo”, ele salta novamente para a água e ninguém torna a achá-lo.<sup>189</sup>*

Depreende-se, desse modo, que o garimpeiro se submete a um invulnerável condão de riqueza que reside principalmente na vara mágica e paradoxal, que tanto pode impelir aos lucros abundantes como à miséria denegrada. E nesse sentido o relato de Pedro vem materializar essa questão, com relação às experiências e às superstições por ele vividas nos garimpos de Poxoréo:

*Acredite, tem garimpeiro que sonha a noite com o garimpo. Até um dia eu estava trabalhando com um sócio meu, num garimpo com água, nós íamos resumir, ele chamava Valmir, o sócio meu, rapaz novo, 22 anos, maior de idade já tinha 2 filhos. No outro dia falei, sócio, nós vamos pegar um diamante, só que ele tem um defeito, o diamante tem o pião quebrado. “Tem, sócio? Porquê?” Eu disse, depois eu falo. Fomos resumir o cascalho e lá nós pegamos um diamante com 10 gamas. No meu sonho uma vaca muito brava veio pra cima de mim e eu arrumei um*

---

<sup>189</sup> SILVA, 1954, p. 107.

*pau no chifre de vaca, quebrei um chifre dela; então, era a explicação do meu sonho, o pão do diamante quebrado.*<sup>190</sup>

E, dessa maneira, nas narrativas sobre as histórias do garimpo, principalmente aqueles casos em que falam das superstições dos garimpeiros, alguns contam que o garimpeiro está sempre traduzindo o seu sonho e, justificando que a força do diamante é que faz o lavrista sonhar, sendo que o garimpeiro tem sempre aquela visão de que ainda vai pegar a grande pedra, e é no sonho que vêm sempre uma história que propiciará a busca ou a justificativa, a aventura do caminho a ser trilhado na perseguição do sonho.

Para D. Esmeraldina, a sua chegada é recordada, também, pelo contato direto com o diamante, quando fala da beleza das pedras, o tempo de sua abundância e lembra do jeito que era Poxoréo, do seu olhar primeiro, falando sobre a beleza e a estrutura do lugar, e entendendo, dessa forma, que da sua contemplação à chegada ao lugar, este, com suas casas, já satisfazia ao sonhado em outro lugar, antes da sua partida.

*Recordo do jeito de Poxoréo, para mim já era uma beleza, já tinha bastante casas. Nesse tempo, aqui em Poxoréo, tinha muito diamante, eu cansei de ver gente com a mão cheia de diamantes, cada pedra linda.*<sup>191</sup>

No entanto, o senhor Antonio Joaquim de Oliveira, ao narrar sobre a história de sua chegada, relata sobre um outro tipo de experiência em Poxoréo, e fala do seu contato inicial com as terras férteis e prósperas para a lavoura, principalmente para a o cultivo da mandioca, cujos, tubérculos foram plantados em grandes quantidades na fazenda do Zé do Pinga. Assim, o cultivo da mandioca é a representação de sua relação inicial de trabalho em Poxoréo, e desta maneira passa a contar:

*Na chegada, nossa, nós tivemos um pouquinho de dias lá nos Currais, aonde começou Poxoréo, esse meu tio, o Tonhão, ele era o nosso enfrentante, aquele que sabe dirigir o grupo, tipo um líder. E assim que chegamos nos Currais o grupo já tinha logo o seu destino, encontrado pelo enfrentante. Aí, nós fomos lá*

---

<sup>190</sup> Relato de Pedro Gomes.

<sup>191</sup> Relato de Esmeraldina Sodré.

*no Zé do Pinga, chamava o Zé do Pinga naquele tempo né! Hoje eu não sei nem de quem era aquilo lá. Mas, para lá nós fomos fazer farinha. Ele tinha 3 alqueirão de terra, aquele goiano de 400 braças, não é o paulista que é de 300 braças. O velho tinha, então, 3 alqueirão cheio de mandioca e assim nos convidou pra fazer farinha lá pra nós. E na primeira chamada nós fizemos 320 alqueires que correspondem a 50 litros de farinha. Depois nós plantamos mais 300 braças de mandioca. Aí, nós fomos tocar roça lá no Lambari, meu irmão comprou uma terra por lá e nós fomos tocar roça. Aí eu vi que a roça não dava futuro, desse jeito, vim aventurar a sorte no garimpo. Mas o garimpo não deu muito, deu só pra viver e criar os meus filhos.*<sup>192</sup>

Antonio Joaquim cita a figura do enfrentante, que era um líder, um representante da caravana, que procurava sempre em nome de homens e mulheres o trabalho, as terras e outras frentes, e dessa forma encontrava atividades para os grupos que chegavam. O trabalho abarcava o modo doméstico de produção, no tempo e espaço em estudo, sendo que os colonos eram geralmente provedores de seus alimentos, seja através do plantio de roças, da criação de alguns animais domésticos, e, porque não dizer, das experiências de alguns pelas trajetórias da viagem.

Nesse fragmento do relato de Antonio Joaquim é possível identificar várias das maneiras de intervenção no mundo tradicional rural, que propiciaram diversos tipos de reações, e também como se deu a articulação do homem rural com a adoção do novo sistema métrico baseado em medidas lineares de superfície e peso.

Ao descrever sobre a unidade de medida de superfície, área de plantio da mandioca, Antonio Joaquim, ainda, como outros, em época distante, lá pelo interior nordestino, no movimento que ficou conhecido pelo revelador nome de *Quebra-Quilos*<sup>193</sup>, apresenta, em sua fala, uma certa restrição ao descrever

---

<sup>192</sup> Relato de Antonio Joaquim de Oliveira.

<sup>193</sup> Quebra-quilos. Antes mesmo da proclamação da República, já em clima de europeização que reinava na capital do Império brasileiro, Rio de Janeiro, ocorreu uma das insurreições, sendo que a população carioca voltava-se contra a adoção do novo sistema métrico, inspirado no modelo francês, baseado em medidas lineares de superfície e peso. Pode ser considerada uma revolta social contra a pobreza e uma manifestação contra a europeização. Tanto, assim que, além de atacarem ricos comerciantes e fazendeiros, queimarem documentação de cartórios e câmaras, os revoltosos nunca deixaram de destruir, nas feiras e nos estabelecimentos por onde passavam, os novos pesos e medidas impostos pelo governo imperial (ver PRIORE e VENÂNCIO, 2001, p.275-276).

sobre as diversas medidas de produção frente à grande lavoura de mandioca na fazenda do Zé Pinga. A título de exemplo, destacam-se aquelas medidas que vieram a substituir as medidas oficiais, como *côvado*, ou *jarda*, pelo *metro*, ou medidas de volume, tais como *onça* ou *libra*, por *quilo*. Desse modo, nem todas as transformações ocorridas na *belle époque* foram assimiladas ou aceitas com tranqüilidade, e nesse período em estudo percebe-se, ainda, os seus reflexos.

De sua narrativa, entende-se que a labuta na terra foi uma constante em sua vida, seja no plantio de roças e lavouras, ou pelas atividades de garimpagem. E, desta maneira, fica implícito o dever cumprido, aquele imaginado ainda no interior nordestino. Segundo sua história de vida, foi *vir e vencer*, com isso representado na constituição de família e na educação dos filhos para a vida. Essa foi a sua premissa nesse mundo de itinerância.

Já D. Carmozina conta outras histórias, dizendo que suas lembranças da chegada em Poxoréo estão voltadas para as riquezas da terra, seja pela beleza das pedras de brilhantes, pelas histórias do lugar, pelo contato com os índios Bororo, tendo ainda presenciado os atritos e mortes de homens e mulheres no lugar:

*Lembro de Poxoréo, assim, aqui era rico, mas tinha muita briga. Brigavam bastante que matavam até gente. Já os índios Bororo eram tranqüilos, eles eram pacíficos, mas eu tinha um medo danado deles. Lá na Bahia não tinha índio. Aqui, eles andavam no meio da rua com umas flechonas e ficavam pedindo.*<sup>194</sup>

Esse mundo vivido e rememorado por D. Carmozina é aquele lembrado nas histórias de diversos atores sociais que participaram, em outras épocas, da construção do lugar, hoje Poxoréo, cuja ocupação e ordenação do espaço foram se definindo de maneira específica pelas práticas e relações sociais estabelecidas. Entre os grupos instalados, destacam-se: os índios, os fazendeiros, os garimpeiros, os comerciantes e outras categorias sociais.

Sua fala faz emergirem outras configurações e estratégias individuais e coletivas, como no caso da sua relação com esse mundo das brigas e mortes

---

<sup>194</sup> Relato de Carmozina Lima dos Santos.

no lugar. Maurice Halbwachs apresenta considerações que permitem compreender o rememorar de D. Carmozina:

*O lugar da reconstrução da lembrança não é o acontecimento único, isolado, mas o tempo de um determinado grupo, ou seja, é o grupo e não o indivíduo que garante a permanência do passado no presente, configurando o tempo longo, sendo que os indivíduos desaparecem mas não desaparece a possibilidade de reconstrução da memória, pois ela tem o grupo como suporte.*<sup>195</sup>

Este fragmento narrado por D. Carmozina possibilita, assim, a reconstrução da memória histórica de Poxoréo, e o que fica em relevo em sua fala é que Poxoréo foi palco de constantes construções e reconstruções históricas de diversos grupos e representou, por vários períodos, uma fronteira que viveu o momento da alteridade<sup>196</sup>, pois, segundo Martins, a fronteira

*(...) é essencialmente o lugar do conflito, é quando ocorre o encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os proprietários de terras, os fazendeiros de um lado, e os camponeses pobres, de outro.*

Diz ainda o autor que

*(...) o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro (...) O desencontro na fronteira é o deslocamento de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história.*<sup>197</sup>

Depreende-se, portanto, que D. Carmozina participou de várias descobertas, podendo, deste modo, relacionar-se com pessoas ou grupos diferentes, e ainda presenciou os diferentes encontros, o que, possibilitou-lhe

---

<sup>195</sup> HALBWACHS, 1990, p. 83.

<sup>196</sup> O tema da alteridade, nesse tipo de contato está proposto no estudo de Todorov, sobre a conquista da América, em que ele trata “da descoberta que o eu faz do outro” e do fato de que “o eu é um outro” (ver TODOROV, 1984, p. 5).

<sup>197</sup> MARTINS, 1997, p. 150-151.

acompanhar a fusão dos tempos históricos, como quando ocorreu o seu encontro com os índios em Poxoréo, por ocasião de sua chegada, conforme sua narrativa. De acordo com as investigações de José de Souza Martins, a fronteira só deixa de existir quando o *outro* se torna a parte antagônica do *nós*.

Outro narrador que recorda de suas descobertas é Pedro, que relata que ao se instalar no lugar, Poxoréo, dedicou-se a diversas atividades pela região, como já ficou registrado nesse trabalho de construção histórica. Das experiências adquiridas, ele narra sobre uma outra história vivenciada, a de vendedor de lenha, relatando sobre os contatos e conhecimentos que adquiriu ao fazer as suas entregas nas casas e estabelecimentos. Ao falar sobre esse episódio, percebe-se em seu olhar uma grande nostalgia, saudades dos tempos vividos, e assim ele fala das mulheres de Poxoréo, lembra de fatos, acontecimentos vivenciados por algumas delas, como foi o caso de D. Negrinha dançando com sua saia de roda e cravada com uma nota. Recorda-se da D. Maruca e Tomaza, que eram donas de cabaré na zona da prostituição.

*Eu fui também vendedor de lenha, ali na Pedra Branca, fui vender lenha para as donas, Maruca, Negrinha e a Tomaza, eram as donas de cabarés. A Tomaza era uma das mulheres mais famosa de Poxoréo nessa época, ela morreu há pouco tempo, com 100 anos. Ela foi uma grande figura na rua Bahia, cansei de ver, chegava assim a noite olhando a Negrinha dançando, rodando com aquela saia de roda, onde estava a nota de 500 amarada na saia. Aquela notona bonita, não sei falar de que jeito era. Corria dinheiro em Poxoréo e não existia morte por causa de roubo, existia por causa de mulheres. Essas mulheres vinham assim como eu cheguei, eram nordestinas, baiana, cearense, paraense, cuiabana, goiana, como se dizem, Goiânia era lugar que dava muita mulher bonita. De todas as regiões do Brasil tinha gente em Poxoréo. Nessa época tinha para mais de 300 mulheres. Como hoje eu passo lá e vejo a rua Bahia, eu fico lembrando... as casas estão desertas. Lembro, que tinha dois salões, tinha banda, não tinha energia, a cerveja não se bebia cerveja gelada, vinha um saco com 60 cervejas, enterrava ele na água que esfria um pouco, não existia cerveja gelada, depois que foi aperfeiçoando que veio geladeira, que veio som; mais era na sanfona e na clarineta, no tambor que tocava os bailes. Tinha ainda o 31, que era um grande cabaré, a Lua Branca que era na rua Nova, cá em cima, era outro. Tudo isso fazia parte das zonas de prostituição. Eram bem vestidas, um luxo, as*

*mulheres, as mãos estavam cheias de anéis de ouro e o pescoço também, e perfumadas com perfumes do Paraguai, ainda.*<sup>198</sup>

Igual a Pedro, as mulheres também chegaram em Poxoréo. São mulheres que Pedro recorda com muito carinho e respeito, cada uma com a sua especificidade. Conforme ele diz, essas mulheres vieram, da mesma forma que as mulheres das caravanas, todas elas com os mesmos sonhos, vontades e alegrias, buscando por uma vida melhor. Essas mulheres, as prostitutas, representadas por D. Maruca, Negrinha e Tomaza, conseguiram instalar-se e muitas assumiram papéis de homens, empreendedoras, guerreiras e provedoras da casa.

O mundo da prostituição em Poxoréo, nesse período em estudo, estava marcado por toda uma auréola de mistério, fascínio e atração. E, conforme diz Pedro, nele se configurava uma rede de sociabilidade, onde estava estabelecido o seguinte fluxo: garimpos, os cabarés, o *31* e o *Lua Nova*, os músicos, os garimpeiros e outros homens boêmios, e as mulheres. Lindas mulheres, todas enfeitadas por ricas jóias e com perfumes, alguns até importados do Paraguai.

A zona de prostituição seguia uma ordem – a cidade, a sua geografia e a sua funcionalidade –, havia limites, áreas e regras estabelecidas socialmente. A mulher de família, a moça solteira, a jovem e a criança não podiam transitar por certas horas em certos locais, sendo que o limite era a *rua Bahia*, na parte propriamente dita como zona do meretrício, onde funcionavam as melhores casas noturnas das áreas de garimpos de Mato Grosso. Como dizem os narradores, “correu muita fama sobre a zona de prostituição de Poxoréo”, que foi um mundo de sonhos, de fantasias, de aventuras, mas, também representou um mundo de violência e morte.

Pedro lembra-se com saudades, ao passar pela rua Bahia hoje e ver tudo deserto, abandonado, logo vindo à lembrança os tempos de alegria e de festas. Recordar-se da banda de música, ao som da sanfona, da clarineta e do tambor, e diz que era assim que tocavam os bailes. Fala também sobre as bebidas, que, pela não disponibilidade de energia elétrica, eram enterradas na água, nos sacos em que chegavam, para esfriar. Lembrando-se dessa época

---

<sup>198</sup> Relato de Pedro Gomes da Rosa.

com alegria, esmiúça com precisão cada detalhe vivido e lembrado... *As mulheres eram um luxo só, bem vestidas e perfumadas....*

Segundo Margareth Rago, é impossível, no interior desse campo de significações, apreender as múltiplas funções desempenhadas pelo submundo da prostituição, assim como a diversidade das práticas sociais aí vivenciadas. Rago argumenta que:

*A prostituição preenchia ainda um papel “civilizador” na sociedade, porque aí se realizava a iniciação sexual dos rapazes, rito de passagem para sua abertura à alteridade. Alternativa para a preservação da virgindade das moças e da castidade das esposas, como se argumentava, a prostituição era parcial e ambigualmente aceita, como lugar onde os jovens poderiam saciar os impulsos ardentes de uma fase de sua vida, para depois assentarem-se e permanecerem casados.<sup>199</sup>*

Para a autora, ao mesmo tempo em que era percebida como mulher desregrada, a mulher prostituta figurava como aquela que poderia modelar as pulsações sexuais dos jovens, ainda em estado bruto.

Nesse contexto, as mulheres que chegaram em Poxoréo, de acordo com os narradores, eram mulheres distintas, conscientes do seu papel na sociedade garimpeira, e conseguiram, de alguma forma, modelar e registrar esse seu mundo de plenos mistérios e de vida.

---

<sup>199</sup> RAGO, 1991, p. 168-169.

## Considerações finais

Neste estudo procurei refletir e apreender sobre o conjunto de imagens e representações dos itinerantes em suas trajetórias rumo a Poxoréo – no Estado de Mato Grosso – na primeira metade do século XX. Desse conjunto de imagens – recheadas de referências e discursos relativos aos acontecimentos vividos e acumulados por homens e mulheres a partir das experiências nos lugares, pelos diversos caminhos – e de informações provenientes de vários saberes, foi possível compreender a maneira como esses trabalhadores pensam e representam seus sonhos, suas partidas, suas chegadas e o cotidiano, e como interpretam suas vidas e a elas dão sentido.

A recuperação desses cotidianos só foi possível porque ela passa principalmente pela reconstrução das histórias de vida desses itinerantes e de outros que viveram e reviveram o tempo dessas trajetórias históricas. São, portanto, histórias e memórias das travessias, sonhos transversais e dos tempos múltiplos: antes da partida, da trajetória, da chegada e, ainda, de experiências diversas do fazer cotidiano, de táticas e estratégias de sobrevivência de uma expressiva parcela pobre do Brasil.

O estudo do cotidiano, nessa pesquisa, privilegia a apresentação de outros olhares sobre essa temática. Salienta-se que esse estudo não ficou aprisionado aos hábitos e rotinas obscuras apenas, mas procurou, também, restaurar as tramas de vida desses colonos, pois se entende que essas histórias estavam encobertas e que os seus narradores eram considerados, até então, figuras ocultas. Nesse sentido, procurou-se desfilar a teia dessas relações cotidianas e apontar as suas diferentes dimensões de experiências, que podem ser percebidas nas amplas articulações entre os grupos itinerantes e os remanescentes, nas mudanças e permanências culturais, e nas discontinuidades e fragmentações dos tempos vividos em diferentes lugares.

Na busca desse mundo de diferenciação e de múltiplas dimensões, a pesquisa sustentou-se através de um conjunto significativo de fontes, constituído de relatos, depoimentos e histórias de vidas dos migrantes de vários cantos do país para o Mato Grosso; documentos, periódicos da época com circulação e/ou produção nas diversas localidades de Mato Grosso; relatórios de intendentes, requerimentos de

peças físicas e jurídicas, contratos, licitações; e as referências bibliográficas regionais e nacionais.

As fontes orais nesse estudo foram concebidas enquanto fontes reveladoras de significados e de dimensões distintas, pois possibilitaram acompanhar a elaboração dessas próprias fontes e, nesse sentido, abrem-se novos campos de investigação, pois, além de criarem condições para repensar a produção do conhecimento, essas fontes explicitam outros elementos subjacentes ao processo, envolvendo a dimensão política, os valores em disputa, as relações entre o pesquisador e o depoente, e o trabalho da memória na reconstrução das experiências.

Uma vez aberto esse mundo de informações, depreende-se que estas fontes revelaram que no período estudado os fluxos das lembranças dos itinerantes e suas memorizações possibilitaram explicações individuais e em grupo, e imprimiram representações a uma coleção de lembranças de um tempo e espaço comum desses narradores.

Portanto, o interesse desse estudo foi também para a dimensão simbólica da viagem dos diferentes lugares para os vários lugares de Mato Grosso, dado que os trabalhadores, homens e mulheres, imaginam sua partida e representam sua viagem e sua chegada através das suas múltiplas experiências.

A partir o imbricamento de fontes escritas com a seleção dessas experiências vividas, reveladas pelos colonos migrantes, foi possível a compreensão de elementos de socialização decorrentes dessas práticas vivenciadas nas trajetórias, paragens e desvios. E o olhar sobre esses momentos históricos vividos aqui narrados fez emergir outras configurações históricas em toda a sua complexidade com relação ao mundo.

No que se refere ao imaginário conjugado e complexo aliado às ações dos grupos itinerantes, percebe-se a manutenção, pelo grupo de narradores, de fortes traços e sentidos significativos das identidades, coletivas ou individuais, apontadas através das representações culturais em veículos tais como ritos, cultura material e lembranças do passado.

Os resultados do estudo evidenciam, sem dúvida, que, ao narrarem suas histórias de vida e os seus deslocamentos por Mato Grosso, os migrantes transitaram pelo universo político, social e cultural brasileiro à época. Nesse contexto, emitiram sinais de experiências de acordo com o imaginário construído e realizado. Depreende-se, portanto, que esse imaginário foi representado por alguns deles como

significativos elementos de socialização, que envolviam o grupo dos itinerantes pelas informações obtidas por cartas, mecanismo esse recorrente nas narrativas das trajetórias, pelos mesmos sonhos e expectativas de riquezas que se encontravam nas águas, chuvas, terras férteis e ricas de diamantes em Poxoréo.

Isso tudo se traduz em vários olhares e discursos, depreendendo-se que muitos moldaram as suas formas e meios de deslocamentos através de motivações diversas, desde as decorrentes dos contatos com os grupos revoltosos até as das propagandas e programas de marchas ideológicas promovidas ou incentivadas pelos governantes, num conjunto que proporcionou a compreensão sobre a construção dos diversos discursos de pessoas ou grupos nos vários lugares.

Esse estudo possibilitou, ainda, a realização de leituras das chegadas desses trabalhadores em Poxoréo e região nos primeiros tempos no lugar, dos diversos contatos, das relações sociais estabelecidas através do trabalho, das festas e das rezas. Tais percepções foram compartilhadas, em larga medida, pela presença dos índios no lugar, dos grupos itinerantes cujas perspectivas eram de trabalhar a terra com atividades agrícolas, criação de animais, juntamente com outros que procuravam a terra para a atividade de garimpagem. Dentre eles, destacou-se também um outro grupo especial de itinerantes nesse universo da construção do lugar, que foi o das mulheres que buscavam pelos “divertimentos”, a realização de sonhos e a sobrevivência. Ademais, outros grupos, com propostas e discursos diferentes, também chegaram nesse período em estudo, como os padres, freiras, profissionais liberais, comerciantes e outras categorias sociais. Enfim, a participação da construção e redesenho do espaço foi estabelecida a partir da relação e das realizações de todos os itinerantes com os grupos diversos remanescentes no lugar, e em consonância com as suas especificidades. Nesse universo de sonhos, de uma forma ou de outra, muitos chegaram ao lugar imaginado, ao lugar real.

Reconstruir essas trilhas de memórias possibilitou uma leitura da história silenciada, esquecida, de mulheres e homens que “aceitaram” o desafio de recolonizar uma parte do Brasil.

## Fontes e bibliografia

### Jornais

A CRUZ, órgão da Liga Católica Brasileira de Mato Grosso – 1920-1930.

A NOTÍCIA – 1924 e 1925.

A PLEBE – 1927 e 1928.

ARAGUAYA – 1926.

O CORREIO DO ESTADO, órgão do Partido Republicano Matto-grossense – 1923.

O ESTADO – 1942.

O ESTADO DE MATO GROSSO – 1939.

O MATTO GROSSO – 1915, 1920, 1939 e 1940.

### Revistas e cadernos

CADERNOS DO CEOM, Centro de Organização da Memória do Oeste, Chapecó, Argos, ano 14, n. 12, 2000.

CADERNOS DO CEREU, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, USP, São Paulo, n. 5, série 2, 1994.

HISTÓRIA ORAL, revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 4, jun. 2001.

IMAGINÁRIO, revista do Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória, USP, São Paulo, n. 2, jan. 1995.

O GARIMPEIRO, revista religiosa e literária – 1939.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO – 1925 a 1955.

TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS, revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, v. 1, n. 1, jul./dez. 2000.

## Fontes orais

### Moradores em Poxoréo-MT:

Antonio Joaquim de Oliveira – nascido em Macaúbas-BA, em 1924.

Aprígio José de Souza – nascido em Santana dos Brejos-BA, em 1924.

Carmozina Lima dos Santos – nascida em Barreiras-BA, em 1928.

Cláudio Juiz – nascido em São Pedro, distrito de Poxoréo-MT, em 1936.

Esmeraldina Sodrê de Oliveira – nascida em Barreiras-BA, em 1923.

Flauzina Dias da Silva – nascida em Ponce-GO, em 1910.

Florêncio Nery Nogueira – nascido em Macaúbas-BA, em 1922.

José Moraes Barbosa – nascido e, Bonsucesso (Ibitianga)-BA, em 1923.

José Pacheco – nascido em Serra Dourada (antiga São Gonçalo)-BA.

Jurandir da Cruz Xavier – nascido em Itabaiana-PB, em 1929.

Leda Figueiredo Rocha do Lago – nascida em Poxoréo-MT, em 1964.

Orides Anacleto Barbosa – nascido em São Roque-MG, em 1916.

Pedro Gomes da Rosa – nascido em Barreiras-BA, em 1929.

### Moradores em Cuiabá-MT:

Clemência Silva Dourado – nascida em Irecê-BA, em 1913.

Geraldo Paulino de Alencar – nascido em Araripe-CE, em 1935.

Nali Souza Dourado Neves – nascida em Irecê-BA, em 1942.

## Referências bibliográficas

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial – 1500-1800*. Caminhos antigos e o povoamento do Brasil. 5.ed. Brasília: UnB, 1963.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Uso & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.
- AMORIM, Gaudêncio Filho Rosa. *Linhas históricas de Poxoréo: um olhar sobre o nascimento dos distritos, numa contribuição às escolas públicas e à sociedade*. Cuiabá: Defanti, 2001
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A tropa. In: ANDRADE, Carlos Drummond de (Org.). *Brasil terra e alma – Minas Gerais*. Disponível pela internet em <http://jangadabrasil.com.br/dezembro/of41200c.htm>. Acessado em janeiro de 2003.
- ANDRIGHETTI, Yná. *Nordeste: mito & realidade*. São Paulo: Moderna, 1998.
- ARANTES, Antonio Augusto *et al.* *Colchas de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.  
\_\_\_\_\_. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.  
\_\_\_\_\_. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BALANDIER, Georges. *O Dédalo para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BAXTER, Michael. *Garimpeiros de Poxoréo: mineradores de pequena escala de diamantes e seu meio ambiente no Brasil*. Brasília: Gráfica do Senado, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. *O Brasil na década de 1940: autoritarismo e democracia*. São Paulo: Ática, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. Versão de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papyrus, 1989.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. *Projeto RADAMBRASIL*. Programa de Integração Nacional. Levantamento de Recursos Naturais. Folha SD.21 – Cuiabá. Rio de Janeiro: MME, 1982.

CAILLOIS, Roger; GRUNEBaum, G. E. von. *O sonho e as sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Fausto Vieira de. *Retratos de Mato Grosso*. São Paulo: Brasil Oeste, 1955.

CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 7.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, Eliane Regina de Freitas. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 227-254.

CARONE, Edgar. *Revoluções do Brasil contemporâneo: 1922-1938*. São Paulo: Ática, 1989.

CARTILHA DO COLETIVO NACIONAL DE GÊNERO DO MST, São Paulo, 1998.

CARVALHO, Hernani de. *No mundo maravilhoso do folclore*. Rio de Janeiro: Tip. Batista de Souza, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / INL, 1954.

CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 45-89.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / INL, 1969.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 15-25.

D'ALINCOURT, Luís. *Memórias sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Ed. USP, 1975.

- DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Ria (Orgs.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas: Ed. UNICAMP / Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 1997.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente – 1300-1800*. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes: rebeldes errantes*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- FALCON, Francisco J. Calazans. História e representação. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000, p. 41-79.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas.
- GREENFIELD, Gerald Michael. O comportamento dos migrantes e as atitudes das elites durante a grande seca de 1877-1878. *Cadernos de Estudos Sociais*, Petrópolis, Vozes, v. 5, n. 2, p. 219-249, 1989.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Grupiaras e monchões: garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso – primeira metade do século vinte*. Campinas, 1996. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. *A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN, 2002;
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LEITE, Mário Cezar Silva. *Águas encantadas de Chacororé: paisagens e mitos do pantanal*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil*. Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste. Campinas: UNICAMP, 1986.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representações geográficas da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan / IUPERJ / UCAM, 1999.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 1)

LUCENA, Célia Toledo de. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembraças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. *Cadernos do CERU*, n. 5, série 2, 1994.

\_\_\_\_\_. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MEIRELLES, Domingos. *As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1982.

MENDONÇA, Sônia Regina. Estado e sociedade: a consolidação da República oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. Rio Janeiro: Campus, 1990, p. 252-266.

MILES, Jack. *Cristo: uma crise na vida de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MONTEIRO, Hamilton Mattos de. Da República Velha ao Estado Novo. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. Rio Janeiro: Campus, 1990, p. 233-150.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória – a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres; FERNANDES, Tania Maria (Orgs.). *História oral: um espaço plural*. Recife: Universitária / UFPE, 2001.

MORAES, Walfredo. *Jagunços e heróis. A civilização do diamante nas lavras da Bahia*. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

MOUTINHO, Luiz Damon S. *Sartre: existencialismo e liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

NEVES, Maria Manuela R. de Novis. *Leões e raposas na política de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Mariela, 2001.

- NOVAES, Adauto *et al.* *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- OLIVEIRA, Léia de Souza. *Tempo de esperança: a imagem do Estado Novo na imprensa mato-grossense*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- OLIVEIRA, Maurides Batista de Macedo F. *Mito e sobrevivência no garimpo: a cidade de Balisa – Goiás, 1922-1960*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PENNA, Lincoln de Abreu. *República brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. –200-212, 1992.
- PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: Nordeste e nordestino no Brasil. *Travessia*, Florianópolis, v. 7, n. 19, p. 20-22, 1994.
- PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- RIBEIRO, Luís Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Rio de Janeiro: EPASA, 1945.
- ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVIII ao XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1910*. São Paulo: Ática, 1997.
- SANTOS, Milton. *Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. *O imaginar psicológico: filosofia da imaginação*. São Paulo: Ática, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. República: da Belle Époque à Era do Rádio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 8-48.
- SILVA, Hermano Ribeiro da. *Garimpos do Mato Grosso*. São Paulo: Saraiva, 1954.

- SILVA, Lúcia Osório. *Terras devolutas e latifúndio – efeitos da Lei de 1850*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *O processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá: Ed. UFMT, 1990.
- SOUZA, Oswaldo de. *Música folclórica do Médio São Francisco*. 2 v. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *La conquista dell’America – il problema dell’altro*. Trad. Aldo Serafín. Torino: Giulio Einaudi, 1984.
- TRINDADE, Liana; LAPLANTINE, François. *O que é Imaginário?* São Paulo: Brasiliense, 1997.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- VARJÃO, Valdon. *Barra do Garças – migalhas de sua história*. Brasília: Gráfica do Senado, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Barra do Garças no passado*. Brasília: Gráfica do Senado, 1980.
- VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. São Paulo: Difel, 1976.
- ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec / Edusp, 1990. (Coleção Estudos Históricos)
- ZUNTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## Bibliografia

- ÁLBUM GRÁFICO DO ESTADO DE MATO GROSSO. Corumbá / Hamburgo, Alemanha: Ayala & Simon, 1914.
- ALBUQUERQUE, Robert Cavalcanti de. *Gilberto Freire e a invenção do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Rideel, 1997.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSP, 2000.

- BARROZO, João Carlos. *Em busca da pedra que brilha como estrela: um estudo sobre o garimpo e os garimpeiros do Alto Paraguai-MT*. Araraquara, 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BOUTIER, Jean; DOMINIQUE, Júlia (Orgs.). *Passados recompostos – campos e canteiros da história*. Rio Janeiro: Ed. UFRJ / Ed. FGV, 1998.
- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1997.
- CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CITELLI, Adilson. *Roteiros de leitura: Os sertões – Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1998.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Baianos em Mato Grosso*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1998.
- CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*. São Paulo: 1981. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Salete Kern (Orgs.). *Imaginário e história*. Brasília: Marco Zero, 1999.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. *A era Vargas*. São Paulo: Moderna, 1997.
- DECCA, Edgar Salvadori de. *1930 – o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- ESTERCI, Neide. *O mito da democracia no país das bandeiras – análise simbólica dos discursos sobre migração e colonização do Estado Novo*. Rio de Janeiro, 1972. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FARIA, Antonio Augusto; BARROS, Edgar Luiz de. *Getúlio Vargas e sua época*. São Paulo: Global, 1986.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: UNESP, 2002.
- FLORENCE, Hercule. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (1821-1829)*. São Paulo: Cultrix / Ed. USP, 1977.
- FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. Bauru: EDUSC, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANÇA, Basileu Toledo. *O triângulo dos diamantes – a região das Garças e a luta armada de Morbeck e Carvalhinho em 1925*. Goiânia: UFG, 1994.
- FREITAS, Marcos César (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GONTIJO, Nicosina Maria de Campos. *O brilho e a miséria. A exploração de diamantes em Poxoréo – Mato Grosso*. Brasília, 1988. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Brasília.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octávio. *Colonização e contra-reforma agrária Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

- LE GOFF, Jaques. *A história nova*. São Paulo: Martins fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNES, 1998.
- LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na história: comitivas, condutores e peões - boiadeiros nas águas de Xarayes*. Assis, 2000. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.
- LIMA, Francisco Assis de Sousa. *Conto popular e comunidade narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. Rio Janeiro: Campus, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re)introduzindo história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.
- MORENO, Gislaine. *Os (des)caminhos da apropriação capitalista da terra em Mato Grosso*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. A grande transação. São Paulo: SENAC, 2000.
- PALLARES BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Histórias do cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro*. Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1973.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão, veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?* 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos)

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço dos homens*. São Paulo: Hucitec, 1982.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. As minas de Cuiabá – primeiro tempos. *Revista UFMT*, Cuiabá, n. 1, p. 25-32, jan./abr. 1982.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: 34, 2000.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história – Foucault revoluciona a história*. Brasília: Ed. UnB, 1998.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Política e rebelião nos anos 30*. São Paulo: Moderna, 1995.

VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS; Cláudio. *A Marcha para o Oeste*. São Paulo: Globo, 1994.

XAVIER Jurandir da Cruz. *Poxoréo e o Garças*. Cuiabá: Calendário do sol, 1999.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. São Paulo: Ed. USP / Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)